



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E
BIOLÓGICAS -PPGCSB**

MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA

**COVID 19: REPERCUSSÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL
NO COTIDIANO DA MULHER EM VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR
PARCEIRO ÍNTIMO**

PETROLINA-PE

2022

MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA

**COVID 19: REPERCUSSÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL
NO COTIDIANO DA MULHER EM VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR
PARCEIRO ÍNTIMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Petrolina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde com ênfase na linha de pesquisa: Saúde, Sociedade e Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dra. Margaret Olinda De Souza Carvalho e Lira

Co-orientadora: Prof.^a Dr^a Cheila Nataly Galdino Bedor

PETROLINA-PE

2022

S586c Silva, Marcelo Augusto Saturnino da
COVID 19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de violência por parceiro íntimo / Marcelo Augusto Saturnino da Silva. – Petrolina – PE, 2022
xii, 161 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde e Biológicas) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2022

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Olinda De Souza Carvalho e Lira.

1. Violência de Gênero. 2. Violência - Parceiro Íntimo 3. Iniquidades de Gênero. 4. Pandemia - COVID 19. I. Título. II. Lira, Margaret Olinda de Souza Carvalho e. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco

CDD 362.883

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

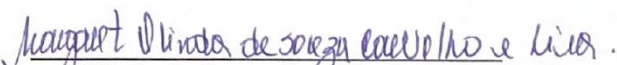
MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA

COVID 19: REPERCUSSÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NO COTIDIANO DA
MULHER EM VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências com ênfase na linha de pesquisa: Saúde, Sociedade e Ambiente, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovada em: 12 de setembro de 2022

Banca Examinadora


Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira, Doutora
Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf

Assinado de forma
digital por LUCIA
MARISY SOUZA
RIBEIRO DE
OLIVEIRA 26413710578

Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira, Doutora

 goub
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS

Vanda Palmarella Rodrigues, Doutora

Às mulheres participantes deste estudo

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser um oásis no deserto, água fresca num dia quente! Sempre!

Aos meus queridos irmãos, pela nossa amizade e companheirismo e todos os demais da família, por acompanharem o andamento desse mestrado e pela demonstração de afeto e cuidado.

Um agradecimento especial ao meu irmão Celinho, que acompanhou de perto todo o desenvolver desta pesquisa e não só isso. Você foi meu suporte emocional nos momentos mais nebulosos.

À minha mãe por ser tão disponível e amorosa.

Ao meu pai Marcelino (*in memorin*). Sei o quanto se alegrava com as minhas conquistas. Saudades!

À minha vó Edelvira (*in memorin*) por ter sido tão afetuosa e por ter vivido conosco até ano passado.

Aos meus sobrinhos Guilherme e César, que tanto amo

Aos colegas de trabalho pelo incentivo e apoio. Um agradecimento especial para colega e amiga Margareth pelas trocas diárias e apoio tão necessário. Um forte abraço!

Aos meus amigos e amigas mais próximos de longa jornada de convivência

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

À Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

Ao Programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde e Biológicas – PPGCSB - professoras/professores e corpo administrativo.

Aos colegas do mestrado, que de forma inesperada a pandemia não permitiu maiores aproximações e trocas

À Profa. Vanda Palmarella pela delicadeza, desde o primeiro contato. Pelas contribuições desde o início desta pesquisa (projeto, qualificação, defesa). Muito obrigado!

À Profa. Lúcia Marsy pela contribuição, carinho, atenção e disposição em ajudar neste trabalho

À Profa. Cheila Nataly, co-orientadora, pela disposição em fazer parte desta pesquisa se mostrando sempre disponível

À Profa. Margaret Olinda, minha orientadora. Serei sempre grato pelo cuidado, oportunidade, atenção, respeito e confiança. Agradeço por ter sido fundamental na construção deste trabalho através da sua larga experiência, conhecimento e sensibilidade. Pela oportunidade de ter me apresentado a teoria de Michel Maffesoli.

Aos funcionários do Centro de Referência de Atendimento à Mulher, pela confiança, apoio e por permitirem minha inserção na instituição para que a coleta de dados pudesse ser realizada.

Às mulheres participantes deste estudo que se dispuseram a falar das suas angústias.

A chuva já passou por aqui
Eu mesma que cuidei de secar
Quem foi que te ensinou a rezar?
Que santo vai brigar por você?
Que povo aprova o que você fez?
Devolve aquela minha tv que eu vou de vez
Não há por que chorar
Por um amor que já morreu
Deixa pra lá, eu vou, adeus
Meu coração já se cansou de falsidade

(Santa Chuva, Maia Rita e Marcelo Camelo)

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de compreender repercussões do distanciamento social durante a pandemia de COVID -19, na vida de mulheres em vivência de Violência por Parceiro Íntimo. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. As participantes foram oito mulheres com idade de 18 a 53 anos em situação de vivência de Violência por Parceiro Íntimo, durante o contexto de pandemia de COVID-19, assistidas pelo Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Petrolina-PE. A coleta de dados se deu de outubro a dezembro de 2021 e responderam entrevistas na modalidade semiestruturada. Os dados coletados foram organizados pelo Método do Discurso do Sujeito Coletivo e foram discutidos sob a ótica da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano pelo pensamento sociológico de Michel Maffesoli e literatura atualizada sobre COVID-19 em interface com as questões de gênero pensando a equidade e iniquidade. Os resultados apresentaram uma intensificação da violência por parceiro íntimo durante o isolamento social, quando mulheres tiveram que conviver com uma dupla pandemia – COVID e violência – e este cenário inédito alterou significativamente o cotidiano gerando efeitos negativos sua saúde física e mental - ansiedade, medo, depressão, culpa, rebaixamento da autoestima, e sobretudo, a possibilidade da morte física. Conclui-se a partir disso, que o distanciamento social como medida de prevenção, trouxe inúmeras repercussões de ordem negativa para as mulheres em seu cotidiano já tão marcado por episódios de agressões. Repercussões de natureza relacional e fatores psicológicos ligados à emoção. Diante disso, se faz necessário pensar que a violência atravessa a humanidade há tempos e que também é fruto de uma construção histórica do que é ser homem. Assim, cabendo a todos lutar pela desconstrução desse modelo machista patriarcal, ainda muito presente nas relações afetivas, que de algum modo afeta tragicamente o cotidiano e a vida da mulher.

Palavras-Chave: Violência por Parceiro Íntimo; Violência de Gênero; Iniquidades de Gênero; Atividades Cotidianas; Pandemias

ABSTRACT

This study aims to understand the repercussions of social distancing during the COVID -19 pandemic on the lives of women experiencing Intimate Partner Violence. This is a descriptive research with a qualitative approach. The participants were eight women aged between 18 and 53 years old in a situation of experiencing violence by an intimate partner, during the context of the COVID-19 pandemic, assisted by the Reference Center for Assistance to Women in Petrolina-PE. Data collection took place from October to December 2021 and they answered interviews in the semi-structured modality. The collected data/narratives were organized by the Collective Subject Discourse Method and were discussed from the perspective of Comprehensive Sociology and Daily Life by the sociological thought of Michel Maffesoli and updated literature on COVID-19 in interface with gender issues thinking about equity and iniquity. The results showed an intensification of intimate partner violence during social isolation, when women have to live with a double pandemic - COVID and violence - and this unprecedented scenario significantly altered daily life, generating negative effects on their physical and mental health - anxiety, fear, depression, guilt, lowering of self-esteem - and above all, the possibility of physical death. It is concluded from this that social distancing as a preventive measure has brought numerous negative repercussions for women in their cotiando, which is already so marked by episodes of aggression. Repercussions of a relational nature, and psychological factors linked to emotion. In view of this, it is necessary to think that violence has crossed humanity for a long time and that it is also the result of a historical construction of what it is to be a man. Thus, it is up to everyone to fight for the deconstruction of this patriarchal male chauvinist model, still very present in affective relationships, which somehow tragically affects the daily life and life of women.

Keywords: Intimate Partner Violence; Gender Violence; Gender Inequities; Daily Activities; pandemics

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Evolução Anual dos números de vítimas de violência doméstica em Pernambuco

Figura 1 - Localização da cidade de Petrolina (PE)

Gráfico 2 - Evolução anual dos números de vítimas de violência doméstica em Petrolina de 2012 a 2021.

Gráfico 3 - Evolução mensal dos números de vítimas de violência doméstica em Petrolina durante ano de 2022

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB - Associação dos Magistrados Brasileiros

CEAM – Centro de Atendimento à Mulher

CIM - Comissão Interamericana de Mulheres

CMDM - Conselho Municipal dos Direitos da Mulher

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CVLI- Crimes Violentos Letais Intencionais contra Mulheres

DEAM - Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher

DPPE - Defensoria Pública de Pernambuco

DSC – Discursos Sujeito Coletivos

ECH- Expressões-Chave

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICS- Ideias Centrais Sínteses

MPPE- Ministério Público

OMS - Organização Mundial de Saúde

PPGCSB - Programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde e Biológicas

PP - Plantão Psicológico

SEDESDH - Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos

STJ - Turma do Superior Tribunal de Justiça

TCLE - Consentimento Livre e Esclarecido

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

VD - Violência Doméstica

VCM - Violência Contra a Mulher

VPI - Violência por Parceiro Íntimo

VVDF- Vara de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher

VVDFM - Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher

SUMRÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	16
2.1	OBJETIVO GERAL	16
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1	A VIOLÊNCIA ENTRE NÓS.....	17
3.2	ENRAIZAMENTO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	20
3.3	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM OLHAR PARA O PASSADO	23
3.4	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE	26
3.5	VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO ESTADO DE PERNAMBUCO E PETROLINA/PE	29
3.6	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PANDEMIA.....	34
3.7	VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS NA PANDEMIA	36
3.8	COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONQUISTAS E DESAFIOS	38
3.9	A LEI MARIA DA PENHA.....	39
3.10	PATRIARCADO E GÊNERO	44
3.11	MASCULINIDADE.....	47
3.12	RELACIONAMENTOS ABUSIVOS.....	50
4	MICHEL MAFFESOLI	52
4.1	PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA	58
5	METODOLOGIA	60
5.1	A ESCOLHA DO TIPO DE ESTUDO	60
5.2	LOCAL DA PESQUISA E CENÁRIO DA COLETA DE DADOS.....	60
5.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	61
5.4	PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	62
5.5	TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	64
5.6	TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS	64
5.7	CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO COLETIVO.....	65
5.8	ASPECTOS ÉTICOS	66
6	RESULTADOS	68
6.1	GRITO DENTRO DE MIM E NINGUÉM ME ESCUTA: notas de um diário de campo sobre Violência por Parceiro Íntimo	68

6.2	EFEITOS DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO DURANTE O ISOLAMENTO NA SAÚDE FÍSICA E EMOCIONAL DA MULHER.....	92
6.3	Imaginário de mulheres em vivência de Violência por Parceiro Íntimo durante a pandemia de COVID-19: discurso coletivo	108
6.4	VIVER COTIDIANO DA MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	121
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	142
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	150
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO TCLE	154
	ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA	158
	ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA	159

1 INTRODUÇÃO

De forma inesperada, abrupta e assustadora a pandemia de COVID-19 dividiu o século. Os planos foram interrompidos para todos, em menor ou maior proporção e uma nova realidade se instaurou com a adoção de medidas, no sentido de reduzir a disseminação do novo coronavírus, sobretudo o distanciamento social que em meio a um cenário marcado por incertezas, gerou privação de liberdade e interferiu nos relacionamentos interpessoais, sobretudo entre parceiros íntimos (MARQUES et al., 2020) expondo mulheres à violência.

Pois confinadas em seus lares, protagonizaram uma “epidemia paralela”, marcada por questões delicadas que nessa conjuntura de acontecimentos, o maior tempo de permanência com o opressor ampliou as chances de mulheres virem a sofrer Violência por Parceiro Íntimo (VPI).

Fenômeno já tão perturbador e presente anteriormente ao isolamento social, a situação ficou ainda mais complexa, pois o confinamento não apenas propiciou o expressivo aumento e intensificação da gravidade da VPI em todo o mundo, como também dificultou o acesso da mulher à rede de suporte social e afetivo (FAWOLE et al., 2021).

Assim, o distanciamento social dificultou a busca de ajuda formal e dos grupos de pertencimento (família, amigos e vizinhos) e o acesso aos serviços de saúde, cuja prioridade esteve focada na prevenção e tratamento da COVID-19 (MARQUES et al., 2020).

Mesmo podendo visualizar a presença de estudos sobre a temática, se faz necessária a produção de novas pesquisas que possibilitem as mulheres, elaborarem sentidos e significados de vivências de violência no seu cotidiano em tempos de pandemia, reforçando a necessidade de pensar os efeitos do distanciamento social e sua relação com a VPI.

Do ponto de vista acadêmico e social, esta pesquisa poderá trazer e revelar algumas facetas tão complexas que é o cotidiano de vivência de violência por mulheres com seus parceiros nessa contemporaneidade (MAFFESOLI 1995; BAUMAN; 2001; HAN 2016).

Esta pesquisa almeja também contribuir para o conhecimento, visibilidade e compreensão do problema e ao fortalecimento de ações direcionadas a esse público, implementação de políticas efetivas para as mulheres em direção à promoção da igualdade entre mulheres e homens e de combate à violência de gênero.

Interessa-nos em encontrar resposta para a seguinte questão norteadora: quais as repercussões do distanciamento social durante a pandemia para mulheres que vivenciam violência com parceiro íntimo? Importa identificar efeitos negativos do isolamento social e o que isso afetou no dia a dia da mulher.

Como que cheguei até aqui? De onde partiu meu interesse pelo assunto? Na graduação participei como voluntário em um Projeto de Pesquisa com a temática da violência contra a mulher (VCM), ajudando outros graduandos em formação no final do curso. Coletava dados dos boletins de ocorrência no sistema da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM).

Após alguns semestres, retornei à DEAM já na condição de estagiário. A proposta do estágio era a prática do Plantão Psicológico (PP), (SCHMIDT, 1987). O plantão é um tipo de intervenção psicológica que acolhe a pessoa no exato momento de sua urgência, ajudando-a a lidar melhor com seus recursos e limites. A proposta do plantão na delegacia era acolher todos: mulheres, mães, filhas, homens, pais, funcionários. Acontecia em qualquer lugar: na sala, no corredor, na recepção e em algumas situações o encontro se dava no quintal da delegacia debaixo de uma árvore e se constituía com um lugar de sombra e ao mesmo tempo de acolhimento para as angústias que ali brotavam.

Após o término da graduação, por questões pessoais adiei o mestrado. Em 2019 ingressei como aluno especial no Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde e Biológicas (PPGCSB) da Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF) na disciplina Saúde, Sociedade e Ambiente, ministrada pela Profa. Margaret Olinda. Foi uma oportunidade a mim concedida que possibilitou entender o funcionamento do programa na sua perspectiva interdisciplinar e reorientou meu olhar e o desejo de retornar à academia, porque até então estava estudando para concursos públicos.

Em 2020 ingressei no programa de mestrado como aluno regular. A pandemia chegou e planos foram adiados. Vários questionamentos: Como ficaria o mestrado? Quando voltaria? Como ficaria a pesquisa?

Diante desse cenário, em meio ao retorno das aulas no modo remoto, surgiu a possibilidade de pesquisar sobre VCM em interface com a pandemia a partir da orientação da Profa. Margaret. Foi algo surpreendente, pois em meio à pandemia surgia também o desafio em pesquisar algo ainda tão desconhecido e ao mesmo tempo já estávamos imersos nessa nova realidade do distanciamento social. Assim, começa-se a pensar em possibilidades de compreender essa angustiante e inquietante questão do fenômeno da VPI, que nos tira do lugar comum em direção à dor do outro.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender repercussões do distanciamento social durante a pandemia de COVID-19 na vida da mulher em vivência de VPI.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Averiguar influência do distanciamento social na ocorrência de episódios violência por parceiro íntimo durante a pandemia pelo novo coronavírus;
- Identificar impactos do distanciamento no dia a dia da mulher;
- Descrever efeitos à saúde física e emocional da mulher que vivencia violência por parceiro íntimo durante a pandemia.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A VIOLÊNCIA ENTRE NÓS

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

(Jean-Paul Sarte, 1984)

Esta primeira parte tem por objetivo traçar uma visão panorâmica e breve da historicidade do fenômeno da violência. Caminharemos do aspecto mais global para o mais específico, sem pretensão alguma de aprofundar e nem tão pouco esgotar as questões em torno deste fenômeno, dado sua complexidade e riqueza.

Não se pretende fazer uma abordagem sistêmica do fenômeno da violência, vamos nos atentar a fatos isolados que servirão para compreender um pouco sobre percurso histórico.

Mas, afinal de contas, por que a violência é considerada um fenômeno? Antes de qualquer coisa, se faz necessário entender o significado da palavra “fenômeno”, e para tanto, a filosofia pode nos ser de muita ajuda.

Foi a partir do século XVII, muito em razão do retorno aos valores clássicos como manifestação da realidade dos sentidos e da coisa posta apresentada - marcas do movimento renascentista - que a palavra fenômeno começa a ter um sentido para designar coisas específicas do conhecimento humano. Esta passa a corresponder a “coisa em si”. À medida que se percebe que os objetos começam a ter formas e fazer parte do conhecimento humano, o objeto do conhecimento humano configura-se como um fenômeno único e particular (ABBAGNANO, 2007). Uma cadeira será sempre uma cadeira (um fato), mas observadores em pontos distintos compreenderão este fato de modos diferentes (o fenômeno). É, portanto, a manifestação da realidade

Se entendemos fenômeno, é crucial que prossigamos em compreender – ainda que sucintamente – o que vem a ser a violência. Esse termo vem do latim *violentia*, e expressa o ato de violar outrem ou de violar a si mesmo.

Nesse sentido, o termo nos parece fazer compreender algo fora do estado de manutenção da naturalidade das coisas, ou seja, algo ligado à força, ao comportamento deliberado que produz danos físicos, tais como ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que se dão por meio de humilhações, ameaças e ofensas. Ainda sob a perspectiva filosófica, a prática da violência está na expressão de atos que são contrários à liberdade e ao desejo de alguém, por isso passa também pela dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016).

Trazer um conceito sobre violência requer pensar que este carrega em si uma ambiguidade em virtude da sua complexidade, de modo que entendê-la implica pensar os vários elementos que estão constituídos e posições teóricas com variadas maneiras de solução ou eliminação.

A violência é histórica, sendo um elemento que transforma as estruturas, atravessa os tempos, os espaços sociais, a cultura, as tradições, as religiões, os estados e a política. A violência, portanto, circunscreveu alguns períodos históricos da Antiguidade à Idade Média, da Modernidade à Pós-Modernidade (BERNASKI; SOCHODOLAK, 2018), sendo, até os dias de hoje, um evento comum à existência.

A Bíblia, por exemplo, narra um mundo marcado pela violência. Sob a perspectiva do olhar do homem moderno, mesmo vivendo em meio a toda sorte de violências cotidianas e sutis, aquele foi um tempo de selvageria em virtude de apresentar-se sob formas mais cruas e viscerais como a escravidão, estupros e assassinatos, onde chefes militares chacinavam

Civis indiscriminadamente, inclusive crianças. Mulheres são compradas, vendidas e roubadas como brinquedos sexuais. Não são atrocidades isoladas nem obscuras. Elas envolvem todos os principais personagens do Antigo Testamento. E aparecem em linha contínua de um enredo que se estende por milênios, começando por Adão e Eva e passando por Noé, os patriarcas Moisés, Josué, os juízes, Saul Davi, Salomão e mais além (PINKER, 2013, p. 41).

A filósofa alemã, Hannah Arendt (1906), afirma que a violência se distingue por seu caráter instrumental. A mesma atenta que a violência

Está próxima do vigor, uma vez que os instrumentos da violência, como todos os demais, são concebidos e usados para o propósito da multiplicação do vigor natural até que, no último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo" (ARENDR, 1985, p. 19).

Para a filósofa, a violência é a manifestação do poder. E nesse sentido, a autora propõe que o poder é sinônimo de coação.

Arent (1985), ao falar sobre a violência, se mostra preocupada e interessada de que a ciência política precisa de alguma forma fazer diferenciação entre os conceitos de poder, força, vigor, autoridade e violência. Esta última relaciona-se com os demais. A relação entre violência, poder e autoridade dar-se em um imbricamento muito delicado. No entanto, não podem ser tratados como sinônimos. Embora poder e violência apresentem-se juntos na manifestação, são distintos.

Sigmund Freud, é considerado uma das figuras mais importantes do final do século XIX e início do século XX no que diz respeito ao estudo da mente humana através da descoberta do inconsciente. Foi em 1920 que publicou “O mal-estar na civilização”, obra considerada por muitos polêmica e nebulosa, cujo objetivo foi examinar a relação entre as pulsões ou instintos versus a civilização ou cultura. Mas porque falar de pulsões/instintos? Qual a relação com a violência?

Dado que existe um conflito entre a sexualidade e a civilização, a interação entre as pulsões e o processo civilizatório gera um certo mal-estar nos sujeitos. Tal conflito, pode ser explicado pelo entendimento de que há uma insatisfação constante do homem em relação a civilização, pois esta, de diferentes formas, controla e castra os seus impulsos mais primitivos, estes que costumam ser ordem erótica e agressiva (FREUD, 1930). A instalação da lei e da regra pela sociedade frustra o homem da pulsão. Sabe-se, portanto, que o ser humano carrega em si uma agressividade inata que pode desequilibrar ou desestruturar a sociedade (SUSIN, 2016).

É nessa linha que Freud questiona:

Por que necessitamos de tempo tão longo para nos decidirmos a reconhecer um instinto agressivo? Por que hesitamos em utilizarmos, em benefício de nossa teoria, de fatos que eram óbvios e familiares a todos? Teríamos encontrado provavelmente pouca resistência, se quiséssemos atribuir a animais um instinto com uma tal finalidade. Todavia parece sacrílego incluí-lo na constituição humana (FREUD, 1929/1930, p.106).

Desse conflito entre homem e sociedade, resulta um homem impotente, barrado pelas instâncias sociais. É neste momento que se pode escalar para

uma agressividade elevada, aparecendo de modo disruptivo na forma de violência.

Importante dizer que nem toda agressividade existente no sujeito se converte para a violência. Do ponto de vista de Winnicott (1939), a agressividade é traduzida como força espontânea, intensa que produz pulsão de vida. Para melhor exemplificar isso, o autor traz como exemplo a voracidade de um bebê ao sugar o seio materno em busca de leite. É uma expressão de agressividade. No entanto, o bebê não tem o desejo de agredir a sua mãe.

Em um texto de 1939, Winnicott traz o relato de uma mãe:

Quando me trouxeram o bebê, ele investiu contra meu seio de um modo selvagem, dilacerando meus mamilos com as gengivas e, em pouco tempo, o sangue escorria. Senti-me dilacerada e aterrorizada. Levei muito tempo para me recuperar do ódio que surgiu em mim contra a pequena fera e acho que essa é uma das principais razões porque o bebê nunca desenvolveu uma verdadeira confiança quanto ao bom alimento” (WINNICOTT, 1939, p. 91).

É a expressão de uma agressividade, mas nada tem a ver com o desejo de domínio e de controle ou intenção de machucar o seio materno. O bebê está num movimento de querer viver e nesse sentido pode machucar a mãe.

A partir desse entendimento analítico freudiano (instinto, civilização e agressividade) e winnicottiano, (agressividade como pulsão de vida), é inegável e salta aos olhos, o fato de que é a agressividade, enquanto impulso, é inerente à condição humana como ser no mundo. É nessa direção, que a proposta desses autores, pode nos servir para refletir sobre as mais diversas formas de manifestações agressivas na contemporaneidade.

3.2 ENRAIZAMENTO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

*No Amazonas, no Araguaia
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no Nordeste tudo em paz*

*Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis
Documentos fiéis*

Que país é esse?

(Trecho Música Que país é esse?)

Ao discutirmos a questão da violência no Brasil é importante adotarmos outras propostas de análises, como o uso de recortes históricos que possibilitem compreender a constituição deste fenômeno, que estão para além dos números, dados e estatísticas.

Um retorno ao passado, às nossas origens, talvez nos traga uma compreensão desse fenômeno tão multifacetado que é a violência, com seus vários aspectos sociais (BAUMAN, 2001; CHAUI, 2010; GIDDENS, 2010;). Fenômeno esse que ao mesmo tempo causa repulsa e medo, também nos atrai, enreda e desperta curiosidade.

Noël Carroll (1947), filósofo americano, especialista em literatura sobre o medo, diz que “o medo que se sente do monstro é, paradoxalmente, também uma espécie de desejo”. Repulsa porque a violência causa estranheza, e atração porque, de alguma forma, somos atraídos pelo horror, assim tal qual é a violência como espetáculo midiático (CARVALHO, 2012).

O Brasil tem a sua história marcada pela violência desde o período da colonização, com marcas que se iniciam na escravidão. Não fosse o bastante, continuou durante o período imperial (1822-1894), passando pelo início do governo republicano (1894-1945), ditadura militar na segunda metade do século XX, bem como no período de redemocratização do país, não se findando até os dias hoje (ADORNO, 2017).

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil* (1936), considerada um escrito importante para compreender o processo de interferência cultural da colonização portuguesa no Brasil, se debruça profundamente sobre a figura do brasileiro.

Nesta oportunidade, o autor empregou a expressão “homem cordial” quando disse que a contribuição brasileira para a civilização seria de cordialidade. Vê-se, portanto, a partir dessa consideração, a construção de uma identidade do brasileiro a partir de um certo conceito de amabilidade. Por essa perspectiva entende-se por o “homem cordial” uma grandiosidade de afeto tanto na formação de laços quanto na ruptura da violência:

Holanda aponta que

O “homem cordial” não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos da polidez. O “homem cordial” é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários (HOLANDA 1995, p.17).

Holanda, ao propor que umas das principais marcas do brasileiro é a cordialidade não quer dizer com isso, ao contrário do que pode pensar o leitor desavisado, que esta cordialidade é da ordem da genuína delicadeza e bondade, não. O que Holanda traz é esta cordialidade diz de um agir que acaba mascarando as relações de conflitos e violência entre as pessoas. Não se trata, portanto, de uma condição natural/intrínseca pronta e disposta a algum tipo de cordialidade incondicional, mas tão somente diz de uma postura dissimulada que, em última instância, travestida de atos cordiais, encobrem e ocultam a real agressividade e cólera. Os afetos do homem cordial, por fim, são afetos que escondem a violência cotidiana.

Mais à frente em nossa linha temporal, vê-se que a violência no Brasil teve seu crescimento potencializado a partir dos meados da década de 70 (OLIVEN, 2010). A partir dessa década, um sentimento de medo e insegurança começou a se instalar entre a sociedade a partir da expectativa que qualquer cidadão independente de sua condição, raça, cultura, gênero, geração, credo, poderia ser vítima da violência. As mais variadas modalidades de violência passaram a fazer parte da vida do povo brasileiro como roubos, sequestros, estupros e sobretudo os homicídios. Notou-se que o alvo preferencial dessas mortes eram adolescentes e jovens adultos do sexo masculino, especificamente os oriundos das camadas mais populares urbanas (ADORNO, 2017).

Como dito, violência questão antiga, e que ainda não foi resolvida. O Anuário de Segurança Pública, divulgado em 2022 com dados de 2021, revela o aumento da violência no Brasil. Traça o perfil das vítimas, dos estados mais violentos da federação e o aumento da violência nos grupos minoritários.

Nesse sentido, os estados que aparecem nessa categoria são Amapá (53,8%), seguido da Bahia (44,9%), Amazonas (39,1%), Ceará (37%) e Roraima (35,5%). O anuário também revelou que de todos os assassinatos

ocorridos no Brasil 77,9% deles são de pessoas negras e na sua grande maioria (91,3%) do sexo masculino (FBSP, 2022).

Por esse indicativo apontado no relatório sobre mortes de pessoas negras, é importante fazer um recorte sobre a mulher negra dentro dessa cifra. É inegável os avanços no combate à violência de gênero, no entanto as mulheres negras são mais vitimadas pela violência.

De acordo com o relatório, há uma hipótese de que as autoridades policiais enquadram menos os homicídios de mulheres negras enquanto feminicídio. Ou seja, mais mulheres negras, mesmo sendo mortas pela condição de ser mulher, são incluídas na categoria de homicídio doloso e não feminicídio. Ao que tudo indica com mulheres brancas o enquadramento das mortes são diferentes (FBSP, 2022).

De acordo com a Lei Maria da Penha (2006), há uma previsão em relação as políticas públicas de prevenção à violência doméstica e familiar contra mulher devem se atentar para as dimensões étnico-raciais.

A promoção de estudos e pesquisas, estatísticas e outras informações relevantes, com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia, concernentes às causas, às consequências e à frequência da violência doméstica e familiar contra a mulher, para a sistematização de dados, a serem unificados nacionalmente, e a avaliação periódica dos resultados das medidas adotadas (BRASIL, 2006, p. 15).

3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM OLHAR PARA O PASSADO

*Cadê meu celular? Eu vou ligar pro um oito zero
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E joga água fervendo se você se aventurar*

*(Música Maria da Vila Matilde –
Ela Soares, composição Douglas Germano)*

Em termo de história, a inquisição foi certamente um dos momentos me que se mais tornou notório a “caça às bruxas”. A inquisição foi um movimento político ligado a religião ocorrido entre os séculos XII e XVII na Europa e nas Américas. Que tinha por objetivo fazer com que as pessoas se arrependessem daquilo que eles acreditavam. Ao ter como norte as normas da Igreja, a inquisição acreditava que as vozes dissonantes eram hereges, e com isso

condenavam qualquer forma ou manifestação de pensamento contrário (FERRAZ et al., 2020).

Porque falar da Inquisição? O que tem a ver com a violência contra mulher?

A Inquisição, enquanto instituição, perdurou até o início do século XIX e teve a Europa como palco principal. Lá se instalaram os tribunais da inquisição com objetivo ideológico, econômico e social. Muito comum, era o a prática de punir práticas de magia por meio de punições que iam desde a tortura à morte (FERRAZ et al., 2020).

Nesse conjunto de ações de fiscalização e punição dos atos, com a emissão da bula *Supper Illius Specula* pelo Papa João XXII a bruxaria passou ser heresia pois sua prática implicava ter relação com o demônio e infidelidade com fé cristã. Na lista de pessoas perseguidas pelas ofensas e costumes estavam protestantes, iluministas, homossexuais, bígamos e mulheres (BITHENCOURT, 2000).

Já no ano de 1487, foi instituído O Martelo das feiticeiras ou Malleus, que era considerado o único manual escrito na época sendo considerado o mais cruel e perverso. O Malleus não foi o único manual escrito no período, ele foi considerado o mais cruel e perverso. É considerado uma das páginas mais terríveis do cristianismo e durante três séculos foi a bíblia do inquisidor. Foi escrito no esplendor do Renascimento, e é considerado um manual de ódio, tortura e morte (HEINRICHE, 1991).

Nos escritos deste manual, o demônio tinha a permissão por parte de Deus para se apropriar das almas através do corpo, no qual este se apossava e governava a quem possuía. Esse domínio corporal se dava através do ato sexual. Acreditava-se que as mulheres copulavam com o demônio e que, portanto, eram agentes do demônio. A partir dessa relação mulher e demônio o poder da feiticeira se instalava e com a capacidade de desencadear vários problemas como a impotência masculina, paixões sem controles, abortos e estrago nas colheitas (HEINRICHE, 1991).

Antes do Cristianismo, porém, as mulheres eram as cuidadoras da sua comunidade, eram parteiras e possuíam um grande domínio sobre a anatomia e ervas medicinais (SILVEIRA, 2016).

Até aqui, pelo sucinto recorte histórico já se percebe que foi atribuído à figura da mulher uma dimensão do poder de destruição. A vida dessas mulheres com o trato das ervas e práticas medicinais foi completamente deturpada pelo movimento inquisitório e tomou-se outra conotação em razão do poder da religião e possivelmente pelo poder do homem.

No andar da história o papel da mulher sempre foi, no melhor dos cenários, apenas de coadjuvante. Uma outra questão que se coloca de especial agravo e que se soma a tantas outras já mencionadas, diz respeito ao rótulo da cor.

Analisando a violência contra a mulher, agora, sob a perspectiva do período da colonização Gilberto Freyre (1933) em *Casa Grande & Senzala* faz um relato preciso da representação do ser mulher e das relações de gênero, bem como discute o quanto dessa representação afetou os modos de ver e ser a identidade e uma construção da identidade da mulher a partir do olhar do homem.

Num apanhado geral da obra, a mulher aparece com vários nomes como: mulata, menina-moça, mãe-benta, filhas de Maria, comadre parteira, bruxas portuguesas, ama-de-leite, escrava enredeira, iaiá solteirona, mãe-preta, mucama e sinhá-moça (FREYRE, 2003).

Não só nomes por si só, são identificações e em si tem todo um significado carregado do que era ser mulher naquele contexto. Cada um desses nomes, carregava em si uma definição meio que limitadora da mulher. Ser uma ama-de-leite tinha a sua função, mas essa ama era mais do que isso e o processo social a que essa mulher fora forjada de alguma forma já se constituía de violência. A mulher sofreu e passou a carregar o peso da violência social desde o nascedouro da nação.

Ainda sobre relatos dessa violência colonial dirigida às mulheres, vê-se que em boa parte, essa agressividade era estabelecida e orquestrada pela mulher (branca) contra a mulher (preta). As senhoras de engenho foram autoras de atos cruéis de violência no trato (FREYRE, 2003), segundo descreve o autor

Sinhás-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de

botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiaria. O motivo, quase sempre, o ciúme do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher (FREYRE, 2003, p. 421).

Mulheres, indígenas e negras, foram autoras da construção de colonização e miscigenação. Mulheres negras servindo como “reprodutoras”, ou ora cuidando dos filhos dos senhores de engenho. Foram duplamente humilhadas e violentadas por vezes, uma vez que os senhores as usavam para satisfazer seus desejos e uma vez que as senhoras, esposas dos senhores de engenho, por vezes autorizavam a tortura destas mulheres. Mulheres que caíam facilmente nas graças do homem branco, em troca de serem presenteadas “com qualquer objeto” (TOMBINI; JACONDINO, 2017).

A violência esteve presente na “casa grande” e manchou de sangue o tecido social brasileiro, através de castigos físicos, torturas, diminuição, humilhações e até a morte de muitas mulheres. São traços que foram demarcando a identidade e repercutindo implicações que até hoje estão presentes na contemporaneidade.

3.4 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a VCM é a manifestação da violência de gênero, tendo como espaço de perpetração o ambiente doméstico por parceiro íntimo. Essa violência é nomeada de violência doméstica (VD) ou também conhecida como violência contra a mulher (VCM) tendo consequências individual, familiar e na coletividade (OMS, 2010).

O Brasil se destaca na temática da VCM, ocupando a 5ª posição num rol de 83 países pesquisados (WASELFISZ, 2015; ONU, 2021) e uma a cada quatro mulheres no Brasil já sofreu algum tipo de violência (OMS, 2021). O modo como essa violência se manifesta, seja pela agressão física, sexual, abuso emocional ou através de comportamentos controladores dos parceiros íntimos, têm efeitos negativos sobre a saúde dos indivíduos, das famílias e da sociedade como um todo e acaba afetando também a saúde pública (MACHADO et al., 2020; 2018; VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020). Seja qual for

o espaço que a violência é manifestada, é importante um olhar mais apurado sobre as motivações nas questões de gênero.

A violência doméstica se define a partir de atos cometidos por familiares, companheiros ou ex-companheiros vivendo ou não no mesmo ambiente, podendo ocorrer a violência dentro ou não deste ambiente. No entanto, ela ocorre geralmente no interior do domicílio, mas acontece de o agressor importune a sua vítima em ambiente como do trabalho, o que não descaracteriza a violência doméstica (SCHREBER; D'OLIVEIRA, 2008).

O fenômeno da violência contra a mulher não está circunscrito à condição sociocultural, religiosa ou a um determinado grupo étnico, vai bem além dessas fronteiras. Agressões, espancamentos, estupros, feminicídios e tantos outros tipos de violências estão espalhadas em vários territórios pelo mundo afora (CURIA et al., 2020; FLAESCHEN, 2020).

Manifestação da violência de gênero, a violência contra a mulher tem como principal espaço de perpetração, o ambiente doméstico praticada por seu parceiro íntimo. Estudos têm demonstrado que na maioria dos assassinatos de mulheres, os parceiros íntimos aparecem como sendo os culpados, algo em torno de 40% de todos os homicídios de mulheres assassinadas no mundo (GARCIA, 2020).

A VPI se refere ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro configurando-se um tipo de comportamento violento em direção à mulher e que pode acontecer no espaço doméstico ou em qualquer ambiente. Essa violência atinge grupos socioeconômicos variados, podendo ser em qualquer relação íntima de afeto, independentemente de coabitar e durante o relacionamento ou após o término da relação (SCHRAIBER, 2007).

A forma de manifestação dessa violência pode ser física, psicológica, patrimonial, sexual, moral, provocando danos à vida da parceira de proporções e magnitudes às vezes irreparáveis (OMS, 2012) e sendo reconhecida com um problema de saúde pública, refletindo de forma negativa diretamente na violação dos direitos das mulheres sem falar nos prejuízos no bem-estar físico e emocional (LUCENA et al., 2017).

Alguns fatores considerados como de risco para ocorrência de VPI, relaciona-se com o uso nocivo de álcool, uso ilícito de drogas, violência entre

os pais, a mulher ser separada ou divorciada e baixa escolaridade (PAHO, 2021).

A OMS (2017) estima que uma parte dos casos de violência contra a mulher tem como principal autor um parceiro íntimo e acrescenta trazendo a informação que cerca de 30% das mulheres no mundo que estiverem envolvidas em um relacionamento íntimo já vivenciaram algum tipo de violência física ou de ordem sexual tendo seus parceiros íntimos como causadores.

Ainda nessa direção dos dados e estatísticas o órgão revela que uma em cada três mulheres espalhadas pelo mundo já sofreram algum tipo de violência física ou sexual durante a vida, por parte do parceiro ou de terceiros e que 42% das mulheres que sofreram algum tipo de violência por parte do parceiro falam de lesões como consequência da violência.

Dois grandes pensadores, Michel Maffesoli (1944) e Byung-Chul Han (1959), abordam o tema da violência sob vários aspectos e acreditamos que incluir eles nessas discussões só têm a acrescentar nossa compreensão a respeito do fenômeno da violência, dada a sua complexidade e multiplicidade de fatores.

Para Maffesoli (1987), sociólogo francês, a violência, se manifesta pelas variadas modulações, como as carnificinas, os massacres, os genocídios, o barulho e a fúria, é a herança comum na civilização. É algo que sempre esteve presente e nesse sentido, o sociólogo averigua que a violência ao fazer parte da nossa existência e do nosso tecido social, cabe aos anos aprender a conviver com ela.

O autor também nos apresenta outras formas de modulações da violência:

- a violência dos poderes instituídos, nos órgãos de burocracia, ou seja do Estado e do serviço público;
- a violência anômica (assaltos, agressões, homicídio);
- a violência que está ativa na paixão social, que está presente no cotidiano das pessoas.

Para ele, a violência é uma estrutura que

Sempre está presente; antes de condená-la de uma maneira rápida demais, ou ainda, negar sua existência, é melhor ver de que maneira pode-se negociar com ela. É a partir de um princípio de realidade desse que é possível apreciar a qualidade de equilíbrio maior ou

menor que caracteriza cada sociedade. Consciente da onipresença da violência, da sua conformidade com o fato social, é preciso negociar, ser astuto, 'amansá-la', socializá-la. (MAFFESOLI, 1987, 14-18).

Já para Byung-Chul Han (1959), filósofo coreano, ele se dispõe ao fazer uma diferenciação em sua obra *Topologia da Violência* sobre “poder e violência”. Argumenta que o exercício do poder, não impede de as pessoas atuarem sobre o espaço e tão pouco serem excluídas da sua possibilidade de liberdade. A violência por sua vez vai contra a noção de liberdade (HAN, 2016). “O poder se inclina para o outro até dobrá-lo, até engajá-lo e a violência se inclina até quebrá-lo” (HAN, 2016, p. 103). Para ele, a violência é sempre destrutiva, pois o poder tem como função unir e engajar as pessoas, ou seja, o poder não é sinônimo de violência.

Han (2016) faz uma categorização sobre “macrofísica e microfísica” da violência, baseada na perspectiva fulcotiana, sendo que a primeira existe pela tensão entre o “ego e o outro”, entre o “amigo e o inimigo”, entre o “exterior e o interior”. Aqui existe uma infiltração e invasão, uma influência exterior que ataca a liberdade aleia. Já a segunda o poder aqui não está mais sob a égide do “o poder da espada”, mas atua na direção da vigilância e controle dos corpos.

3.5 VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO ESTADO DE PERNAMBUCO E PETROLINA/PE

De acordo com a Secretaria Estadual da Mulher de Pernambuco (SEM/PE), os dados relacionados as denúncias de mulheres contra os agressores subiram de 28.000 em 2012 para 41.000 em 2020. O estado entende que esse aumento significativo de denúncias é por conta da Lei Maria da Penha, que ano após ano vem se tornando mais conhecida para a população. Portanto, antes mesmo da pandemia o estado já demonstrava aumento no número de registros de boletins de ocorrência em delegacias espalhadas pelo estado (PERNAMBUCO, 2021).

Ainda como resultado da lei, observou-se que o estado está mais atento no cumprimento em situações que requer proteção das mulheres e seus filhos envolvidos em situação de violência doméstica. De acordo com a secretaria, entre os anos de

2007 a 2020, 4.380 mulheres com filhos e filhas menores de 18 anos foram acolhidas em locais de abrigo em locais desconhecidos dos agressores (PERNAMBUCO, 2021). A secretaria ressalta que entre os anos de 2014 a 2021, 2.450 mulheres buscaram ajuda de proteção do estado e a partir disso foram incluídas no cadastro prévio de proteção à vida.

Os dados estatísticos revelados pela Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS) demonstram que houve uma redução em diversas questões relacionadas a VCM. No que diz respeito aos Crimes Violentos Letais Intencionais contra Mulheres (CVLI-Mulheres) tiveram redução entre 2006 e 2020, chegando a ter uma queda de 34% na taxa anual.

Em números significa dizer que ocorreu uma redução de 321 mortes em 2006 para 237 em 2020. No mesmo período também ocorreu a redução de feminicídios de 111 mortes para 75 (PERNAMBUCO, 2021). Ainda, segundo a mesa secretaria, a VCM teve queda de 6,44%, em junho de 2021, registrando 2.890 queixas, diferente do mesmo período de 2020, que foram 3.089 casos.

Apesar dessa redução de mortes de mulheres registradas pela SDS/PE, os dados da Rede de Observatório de Segurança (ROS) que monitora a violência nos estados, traz a informação que os estados de São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Ceará, juntos, registraram em 2021 em curso da pandemia, 409 feminicídios (CAMPOS, 2022)

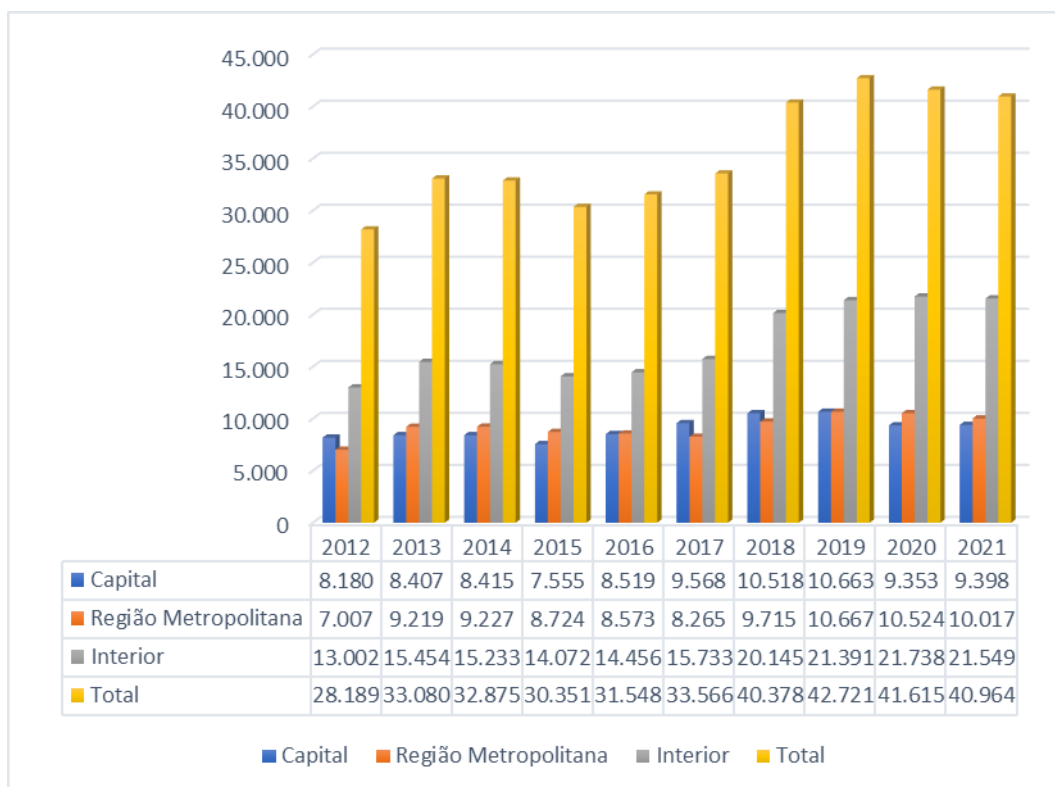
O boletim “Elas Vivem: dados da violência contra mulheres”, gerenciado pelo órgão divulgado em março de 2022, apontou 1.975 casos de VCM para esses cinco estados (CAMPOS, 2022). O estudo ainda revela algo assustado, pois a cada cinco horas ocorre um registro de VCM no país e todos os dias uma mulher morre por ser mulher.

Complementando estas informações trazidas pelo boletim mencionado acima, o estado de Pernambuco aparece com 311 registros de crime contra mulheres, sendo considerado o estado do Nordeste com maior número de casos e o segundo com 91 registros de feminicídios (CAMPOS, 2022).

O estado de Pernambuco conta com 11 delegacias de atendimento a mulheres que estão localizadas em Santo Amaro (Recife), Prazeres (Jaboatão dos Guararapes), Cabo de Santo Agostinho, Paulista, Vitória de Santo Antão, Goiana, Caruaru, Surubim, Afogados da Ingazeira, Garanhuns e Petrolina

(PERNAMBUCO, 2021). Segue o gráfico demonstrando o crescimento anual de vítimas de VD em Pernambuco.

Gráfico 1 – Evolução Anual dos números de vítimas de violência doméstica em Pernambuco



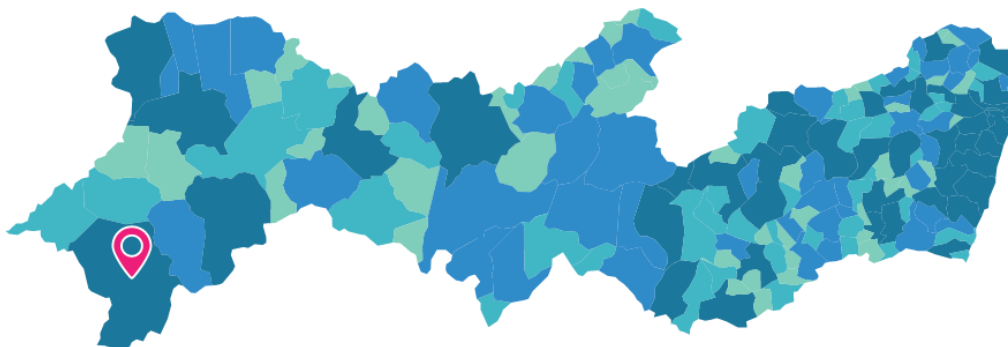
Fonte: Dados da Secretaria de Defesa de Pernambuco e elaborado pelo autor

Do gráfico acima, pode-se verificar que no “interior” durante todos os anos a evolução de registros de mulheres em situação de violência, foi aumentando progressivamente. A partir de 2018, ocorreu um aumento considerável em relação aos anos anteriores e a partir daí cresceu ainda mais.

Petrolina (PE) é uma cidade banha pelo Rio São Francisco, sendo a 5ª cidade mais populosa do estado. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui uma população estimada em 359.372 pessoas.

Fica à distância de 800 km da capital Recife, e figura no sertão como cidade-polo e mais importante da região do submédio do Vale do São Francisco. Sua economia é fortalecida pelo agronegócio e exportação de frutas e com destaque internacional no cultivo e uvas (IBGE, 2021).

Figura 1- Localização da cidade de Petrolina (PE)



Fonte: IBGE Cidades (2021)

Em 2021 a Prefeitura Municipal de Petrolina-PE, anunciou a criação de um comitê através do decreto nº 017/2021 será coordenado pela Secretaria Executiva de Juventude, Direitos Humanos, Mulher e Acessibilidade, com acompanhamento da Guarda Civil Municipal. O comitê foi criado com a finalidade de coibir e prevenir a VD como também monitorar as mulheres agredidas e que já possuem medidas protetivas de urgência (G1 PETROLINA, 2021).

O comitê terá parceira com Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SEDESDH), Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM), Ministério Público (MPPE), Defensoria Pública (DPPE), Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM), Vara de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher (VVDF), Ronda Maria da Penha da Polícia Militar e Patrulha da Mulher (G1 PETROLINA, 2021).

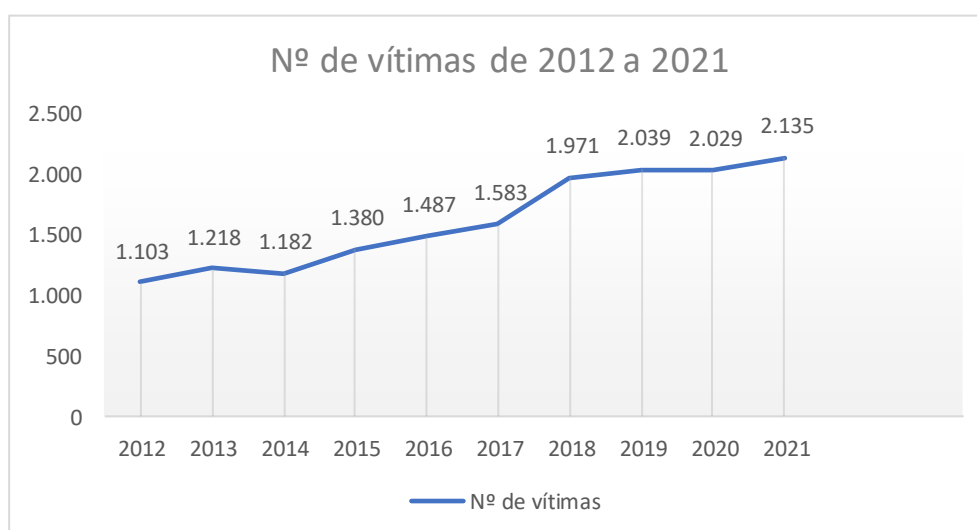
Além desses espaços voltados para a proteção da mulher em situação de violência, a cidade conta com Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (VVDFM). Suas ações envolvem a punição dos crimes, prevenção da violência por meio de ações educativas direcionadas aos autores e as mulheres agredidas. Da mesma forma que o comitê também faz articulação com outros órgãos de proteção à mulher que integram a Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, do Estado e do município

(VELOSO, 2017). Essa rede é formada pelo Ministério Público de Pernambuco pela Polícia Militar, pelas DEAM'S, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres e pela Central de Atendimento à Mulher.

Entende-se que trazer essas informações são úteis por se tratar da cidade onde este estudo foi realizado e dessa forma essas informações trazem um panorama mesmo que breve sobre a situação de violência contra da mulher.

Nessa perspectiva, abaixo dois gráficos demonstrando em números a evolução anual de registros de mulheres que sofreram violência doméstica e familiar durante os anos de 2012 a 2021. Os dados de 2022 corresponde aos meses de janeiro a julho. Os ados são da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco.

Gráfico 2- Evolução anual dos números de vítimas de violência doméstica em Petrolina de 2012 a 2021.

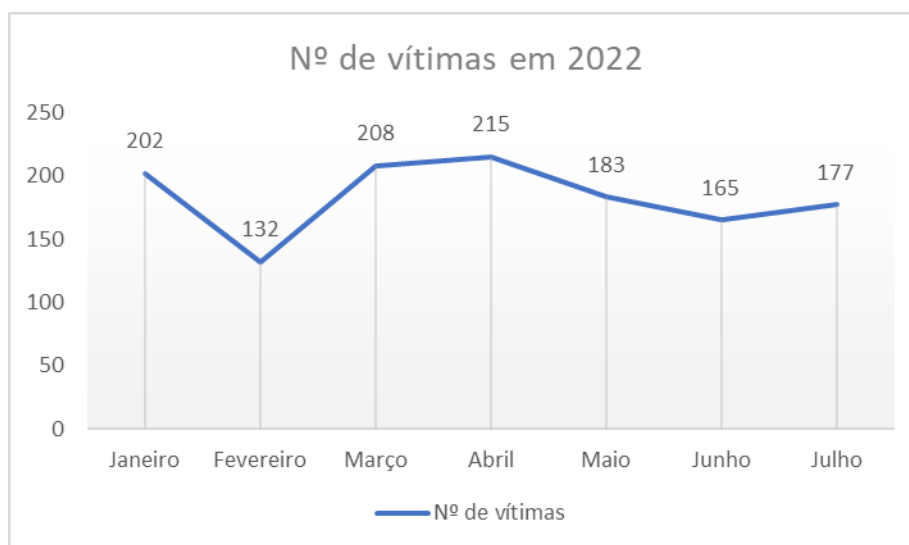


Fonte: Dados da Secretaria de Defesa de Pernambuco e elaborado pelo autor

Do gráfico, acima é perceptível a evolução progressiva nos registros de casos ano após ano, se destacando a partir de 2018 com considerável aumento de 388 novos casos em relação aos anos anteriores. Essa evolução ajuda a compreender o crescimento na categoria “interior” da figura 1, a partir também do ano de 2018.

Ainda sobre esses dados, houve uma queda de 10 registros. Já no ano de 2021 os registros voltaram a crescer - 100 a mais - o que podemos inferir pela situação de normalidade da pandemia, as mulheres puderam se dirigir aos postos de atendimentos.

Gráfico 3- Evolução mensal dos números de vítimas de violência doméstica em Petrolina durante ano de 2022



Fonte: Dados da Secretaria de Defesa de Pernambuco e elaborado pelo autor

3.6 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PANDEMIA

A COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus, denominado síndrome respiratória aguda grave SARS-CoV-2. Pouco tempo atrás, precisamente em dezembro de 2019, ocorreu a transmissão de um novo Coronavírus (SARS-CoV-2), identificado em Wuhan na China e originou a COVID-19 e a partir daí ocorreu a disseminação e a transmissão de pessoa a pessoa (BRASIL, 2020).

Com a chegada da pandemia, foi necessário pensar ações de fortalecimento ao enfrentamento à violência contra a mulher. Dispositivos como os canais gratuitos de comunicação (ligue 180, 190), ganharam destaque em momentos mais sensíveis da pandemia com atendimentos em busca de pedidos de ajuda (RAMÓN, 2021).

Passou-se a notar que logo nos primeiros meses de pandemia, alguns países como Canadá, Alemanha, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos e França, passaram a ter um registro maior de casos de violência doméstica (ONU MULHERES, 2020). Países como Singapura, Chipre, Argentina e Austrália, apresentaram um significativo aumento no que diz respeito a pedidos de ajuda através de canais de comunicação via linhas telefônicas.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 694.131 ligações foram feitas para o canal de comunicação telefônica 190, no ano de 2020, ou seja, uma média de uma chamada a cada dois minutos. Importante notar, que embora o número exato para o recebimento de denúncias de VCM seja o 180, não deixa de ter sido um pedido de ajuda diretamente a Polícia Militar (FBSP 2021).

Diante de aumento tão potente de pedidos de ajuda, uma outra realidade se mostrava em direção, a queda dos números de registros de boletins de ocorrência pelo mesmo motivo da violência doméstica. Assim, foi necessário que órgãos se movimentassem com maior rapidez para adaptar meios de aperfeiçoar outros canais que pudessem dar conta dessa escuta e registros de ocorrências (RAMÓN, 2021).

Além desse suporte, foi sancionada a Lei 14.022/20 que visava assegurar o pleno funcionamento de órgãos de atendimento a mulheres, crianças, adolescentes, pessoas idosas e cidadãos com deficiência em situação de violência doméstica ou familiar. Assegurou também atendimento presencial para casos de feminicídios, lesão corporal seguida de morte ou não, atendimento on-line, medidas protetivas pudessem ser solicitadas (BRASIL, 2020).

Desde 2020 a pandemia trouxe inúmeras mudanças e tem impactado até o presente momento a vida de milhares de pessoas espalhadas em vários países e regiões do mundo. Eventos que certamente alteraram e ou repercutiram em inúmeros processos sociais dos quais ainda estamos imersos em busca de respostas, adaptações e transformações.

Completando quase dois anos de pandemia, o mundo já acumula 5,84 milhões de mortes. Só no Brasil foram 684 mil (BRASIL, 2022). A pandemia gerou inúmeras outras crises para além da questão sanitária, como por exemplo, aumento na taxa de desempregados, crise financeira. Além dessas

questões que afetam a vida das pessoas, há de se falar também do crescimento da VCM (FSP, 2020).

O isolamento social imposto como medida para impedir a propagação da COVID-19 resultou no confinamento de quatro bilhões de pessoas em todo o mundo, em suas próprias moradias (ONU MULHERES, 2020). Essa situação implicou na exposição da mulher ou intensificação de episódios de VPI.

Presenciou-se uma “epidemia paralela” trazendo uma configuração pelos agravamentos ainda mais das condições de vida de grupos sociais tão já excluídos dos processos decisórios, das questões políticas, dos processos econômicos e educacionais. Isso trouxe sinalizações de desigualdades existentes na vivência do isolamento social como determinação de saúde para prevenção ao vírus (SANTOS, 2020).

Várias nações perceberam através de registros, indicações alarmantes de violência doméstica, pois a mulher passou a ter maior exposição na companhia de companheiros supostamente abusivos. Por isso, uma maior intensificação de VPI. E a situação passou a ter um agravo maior quando se sabe que surgiram problemas de ordem socioeconômica nas famílias, como a perda de emprego, aumento no consumo de álcool (GARCIA; DUARTE, 2020; VIEIRA et al., 2020).

Assim, o distanciamento social, o poder de vigilância, a intimidação por parte dos parceiros íntimos passando a ter um maior controle sobre as mulheres e impedindo-as de estarem próximas às redes de amigos, familiares, aumentou as chances de violência psicológica através de manipulação e coação (VIEIRA et al., 2020).

3.7 VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS NA PANDEMIA

No final de 2020, um relatório divulgado pela World Vision, fazia uma estimativa de que até 85 milhões de crianças e adolescentes, em idade de 2 a 17 anos poderia estar entre as vítimas de violência física, emocional e sexual em todo o planeta em razão do confinamento em casa para controlar o contágio pelo novo coronavírus (VILELA, 2020). Essa situação atípica pôde ter colaborado para o crescimento da VD nesse público específico.

O relatório ainda trazia a estimativa de que no Brasil teria um aumento de 18% de denúncias da VD. Já em outros países como no Chile o índice seria de 75%, no 50% Líbano e 21,5% nos Estados Unidos e deve-se em parte ao fechamento de escolas (WORLD VISION, 2020).

O governo de Bangladesh, país localizado no sul da Ásia, em parceria com World Visinon, fez um balanço nas informações sobre violência contra a crianças e adolescentes em abril de 2020. Esse levantamento apontava projeções de situações de espancamentos, castigos físicos, teriam como responsáveis os pais. Outras projeções apontam que na Ásia 3,5 milhões de crianças poderiam ser vítimas de violência e no continente africano esse índice poderia atingir 18,3 milhões. Já na América Latina a pandemia poderia contribuir para um aumento entre 2,9 a 4,6 milhões de crianças e adolescentes (VILLELA, 2020).

Estudo realizado pelo O Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), divulgaram em 2021 um panorama da violência letal e sexual a que estão submetidas as crianças e adolescentes no Brasil.

De acordo com o relatório, ocorreu uma queda nos registros de ocorrências para as mulheres em idade adulta, também se deu para as meninas em situação de violência. Em virtude do contexto de pandemia, houve baixa nos números para os meses de março a maio de 2020. Nesse sentido, a entidade que realizou o estudo, entende que essa situação tem a ver com a subnotificação e não de fato com a diminuição nas ocorrências (UNICEF BRASIL, 2021).

A queda nos registros, ocorreu pela evidente constatação de que no ano de 2020 o isolamento social com as suas medidas de restrições dificultou a movimentação das pessoas em diversos espaços e isso se estendeu de algum modo aos órgãos públicos com restrições, alterações nos dias e horários de atendimento à população (UNICEF BRASIL, 2021).

Crianças e adolescente deixaram de frequentar as escolas presencialmente e passaram a ter aulas virtualmente. Nesse sentido, ficaram

mais tempo no espaço familiar e doméstico. Como se sabe a violência sexual é considerado também um fenômeno que acontece mais frequentemente no espaço doméstico (UNICEF BRASIL, 2021). Dessa informação, de modo também semelhante mulheres tiveram que permanecer mais tempo em casa e em alguns casos, muitas mulheres tiveram que conviver com o possível agressor.

A Violência sexual é um crime que na maioria dos casos acontece dentro de casa por alguém conhecido. De 2017 a 2020, entre as vítimas de estupro e estupro de vulnerável de 0 a 19 anos, 81% tinham até 14 anos (145 mil casos). Traduzindo isso, significa dizer que 36 mil estupros de meninas e meninos de até 14 anos por ano, uma média de cem por dia (UNICEF BRASIL, 2021).

Nos interessou trazer esse recorte do estupro de meninas, pelo fato da discussão da VCM acontecer em alguns casos desde a infância, passando pela adolescência e segue-se à vida adulta da mulher.

É, portanto, uma realidade trágica e de nuances muito profundas. Com ou sem isolamento social situações de violências sempre ocorreram e talvez como demonstrado por esse estudo a hipótese de as crianças terem permanecido mais em casa no período de isolamento, foi um agravante.

3.8 COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONQUISTAS E DESAFIOS

Avanços significativos foram sendo traçados no Brasil ao longo dos anos em direção ao enfrentamento da VCM, a exemplo de políticas públicas e serviços especializados. Nesse contexto, existem diferentes dispositivos tanto de ordem governamental e não-governamental configurando-se como rede de enfrentamento e rede de atendimento. Estão direcionadas para ações de prevenção, assistência, garantia de direitos e sobretudo responsabilizar os agressores pelos seus atos de violência (BRASIL, 2011).

Importante conquista do movimento feminista foi a criação da primeira Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher (DEAM), na cidade de São Paulo em 1985 (NOBRE, 2008) constituindo-se um espaço onde as mulheres pudessem ser atendidas, acolhidas sem preconceitos e julgamentos por uma

equipe especializada (MACHADO et al., 2018). No entanto, a maioria das cidades brasileiras não contam com nenhuma delegacia especializada no atendimento à mulher, ou seja, 91,7% dos municípios (RODRIGUES, 2019).

Em 1994 aconteceu a convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, conhecida como a Convenção de Belém do Pará. Passou a ser um instrumento internacional de Direitos Humanos adotado pela Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) da Organização dos Estados Americanos. Este decreto passou a ser o primeiro tratado internacional com o objetivo de criminalizar todas as formas de VCM, (BRASIL, 1996).

3.9 A LEI MARIA DA PENHA

A Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, foi criada sancionada em 7 de agosto de 2006 e tem esse nome em razão de uma mulher chamada Maria da Penha Maia Fernandes, sofria violência pelo parceiro. O caso se tornou emblemático.

Maria da Penha Maia Fernandes é farmacêutica bioquímica e se formou na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal do Ceará em 1966. Em 1983 Maria da Penha foi vítima de dupla tentativa de feminicídio por parte do marido (na época) Marco Antonio Heredia Viveros. Ele deu um tiro em Maria da penha quando ela dormira e em razão disso ficou paraplégica pelas complicações das lesões que sofreu (IMP, 2018).

Em 1998 o caso ganhou repercussão internacional. Maria da Penha, o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e (CLADEM) denunciaram o caso para a Comissão Interamericana de o Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA) (IMP, 2018)

A Lei, é um documento jurídico de enorme valor na defesa dos direitos das mulheres em situação de violência pelo modo como trata do assunto em sua integralidade. Se mostra como um instrumento jurídico de proteção e acolhimento das demandas de mulheres em risco de morte. Para além desse mecanismo de proteção, ao longo do tempo ela tem promovido maior efetividade do atendimento jurisdicional (IPEA, 2021).

Essa Lei configurou como um dos passos fundamentais e que posiciona, na agenda política brasileira, a necessidade do enfrentamento a essas violências, demonstrando que o ciclo de violências vivenciado pelas mulheres pode levá-las à morte.

A VD tem várias faces e especificidades. A psicóloga norte-americana Lenore Walker (1979) identificou que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem dentro de um ciclo que constantemente repetido (IMP, 2018).

Fase 1 - Aumento da tensão: o agressor mostra-se tenso e irritado por coisas insignificantes, chegando a ter acessos de raiva. Ele também humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos.

Fase 2 – Ato de violência: esta fase corresponde à explosão do agressor, ou seja, a falta de controle chega ao limite e leva ao ato violento. Aqui, toda a tensão acumulada na fase 1 se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial.

Fase 3 – Arrependimento e comportamento carinhoso: Também conhecida como “lua de mel”, esta fase se caracteriza pelo arrependimento do agressor, que se torna amável para conseguir a reconciliação. A mulher se sente confusa e pressionada a manter o seu relacionamento diante da sociedade, sobretudo quando o casal tem filhos. Em outras palavras: ela abre mão de seus direitos e recursos, enquanto ele diz que “vai mudar”. A Lei Maria da Penha tem como objetivo:

- Criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
- Dispor sobre a criação de Juizados contra a violência doméstica e familiar da mulher
- Estabelecer medidas de assistência e proteção à mulher que se encontre em situação de violência doméstica e familiar.

No artigo 5º encontramos a definição do conceito de violência. Para a Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (BRASIL, 2006). Ao longo dos anos a Lei foi sofrendo algumas alterações no sentido de promover mais proteção à mulher. As principais alterações ocorreram durante os anos de 2017 a 2022.

Figura 2 - Principais mudanças na Lei Maria da Penha 2017 a 2022



Fonte: Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) e organizados pelo autor

Nessa direção de aperfeiçoamento em torno da questão a violência, em abril de 2022, ocorreu uma decisão histórica para a comunidade LGBTQIA+. A Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) onde determinou que a Lei Maria da Penha se aplica as situações de violência doméstica e familiar contra mulheres transexuais (ROCHA, 2022)

Além da importante Lei Maria da Penha, outros dispositivos de proteção à mulher, pois provocou uma mudança no paradigma institucional. No Brasil, os anos 2000 foram marcados pela crescente discussão em torno do debate em busca de mecanismos para proteção à vida das mulheres (UNFPA, 2021). Diante do constante de grupos sociais, outras leis foram surgindo e dando maior proteção às mulheres:

- **Lei sobre Crimes Hediondos (12.015/2009)**, que pune crime contra a dignidade sexual, como estupro, assédio, favorecimento de prostituição, violação sexual
- **Lei Carolina Dieckmann (12.737/2012)**, que tornou crime a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares;

- **Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013)**, oferece garantias a vítimas de violência sexual, como atendimento imediato pelo SUS, amparo médico, psicológico e social, exames preventivos e informações sobre seus direitos;
- **Lei do Femicídio (13.104/2015)**, prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, ou seja, quando crime for praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino;
- **Lei Joana Maranhão (12. 650/2015)**, alterou os prazos quanto a prescrição de crimes de abusos sexuais de crianças e adolescentes. A prescrição passou a valer após a vítima completar 18 anos, e o prazo para denúncia aumentou para 20 anos;
- **Lei Plano Nacional Proteção (14.330/2022)** que inclui o Plano Nacional de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra a Mulher como instrumento de implementação da Política Nacional de Segurança Pública e Defesa Social.

O Brasil se destaca pelos acordos internacionais voltados para a proteção e os direitos das mulheres e a eliminação de todas as formas de discriminação e violência baseadas no gênero. Entre esses acordos, destaca-se a Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Pequim em 1995. Essa declaração é considerada como principal marco mundial para a proteção, promoção dos direitos das mulheres (FROSSARD, 2006).

O Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres foi lançado em agosto de 2007, que consiste num acordo federativo entre os governos federal, estaduais e municipais. Parte para o planejamento de ações que visem à consolidação da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, por meio da implementação de políticas públicas integradas em todo o território nacional. Foi o responsável pela criação de uma rede especializada de serviços para mulheres em situação de violência (BRASIL, 2011) constituída por:

- ✓ Centros de Atendimento à Mulher em situação de violência;

- ✓ Casas de Abrigo;
- ✓ Casas de Acolhimento Provisório;
- ✓ Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher;
- ✓ Núcleos especializados de atendimento às mulheres nas delegacias comuns;
- ✓ Núcleos da Mulher nas Defensorias Públicas;
- ✓ Promotorias Especializadas;
- ✓ Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher;
- ✓ Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180;
- ✓ Ouvidoria da Mulher;
- ✓ Serviços de saúde voltados para o atendimento aos casos de violência sexual e doméstica;
- ✓ Serviços de Atendimento em Fronteiras Secas (Brasil).

Notório o crescimento do número de serviços ao longo dos anos, porém a maioria ainda se encontra nos grandes centros urbanos e, em muitos estados nos quais os serviços se encontram disponíveis, ocorre uma ausência de comunicação entre si dificultando o trabalho em rede. Desse modo é uma realidade presente e de algum modo dificulta o acesso das mulheres ao serviço e, como consequência uma maior efetividade da Lei Maria da Penha (CAMPOS, 2015).

Foi sancionada a Lei 14.022/20 que visa assegurar o pleno funcionamento de órgãos de atendimento a mulheres, crianças, adolescentes, pessoas idosas e cidadãos com deficiência vítimas de violência doméstica ou familiar. Assegurou também atendimento presencial para casos de feminicídios, lesão corporal seguida de morte ou não, atendimento on-line, medidas protetivas pudessem ser solicitadas (BRASIL, 2020).

Uma iniciativa criada em junho de 2020 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), que ganhou destaque sendo aderida pelo governo federal, foi a campanha “Sinal Vermelho contra a violência doméstica”. A campanha incentiva mulheres vítimas de violência a desenharem um “X” na mão e exibi-la ao atendente nas mais de 10 mil farmácias que aderiram à campanha. Uma cartilha e tutorial

foram oferecidos às farmácias para capacitação dos funcionários quanto ao acolhimento de mulheres sem situação de violência (D'AGOSTINO, 2021).

3.10 PATRIARCADO E GÊNERO

O patriarcado é uma forma de organização social. Enquanto categoria social o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens ou do masculino. No patriarcado as reações são regidas por dois princípios: primeiro, mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e segundo, os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (MILLET, 1970; SCOTT, 1995).

O patriarcado é uma concepção histórica elaborada por homens em um processo que já acontece a mais de 2500 anos. Nesse meio tempo, vem definindo que funções, condutas, valores e costumes são apropriados para cada sexo. É uma forma de organização da sociedade na qual as relações entre as pessoas são regidas por um princípio da subordinação hierárquica das mulheres pelos homens. O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente o poder é dos homens, ou considerado como algo masculino (DELPHY 2009).

O patriarcado possui uma organização social e nesse sentido as relações são pautadas por alguns princípios, mesmo que estes não sejam tão explícitos, mas que de alguma forma atravessam os modos de viver das pessoas, quando mulheres estão/são hierarquicamente subordinadas aos homens ou quando jovens estão também num nível de hierarquia e subordinação aos homens mais velhos (MATOS, 2014).

Para Saffioti (2005) o patriarcado está intimamente ligado com as noções de classes sociais e racismo que vai muito além de uma hierarquia entre os sexos, traz em seu bojo uma contradição de interesses, pois

Não basta ampliar o campo de atuação das mulheres. Em outras palavras, não basta que uma parte das mulheres ocupe posições econômicas, políticas, religiosas, tradicionalmente reservada aos homens. Como já se afirmou, qualquer que seja a profundidade da dominação-exploração das mulheres pelos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma (SAFFIOTI, 2005, p.43)

Ainda sobre essa discussão, o machismo tão presente em nosso meio carrega em seus discursos algumas expressões de uma masculinidade que só tem a reforçar a violência contra as mulheres (FLIKKEMA, 2017) sendo quatro as mais conhecidas:

- ✓ **Maninterrupting** consiste na interrupção constante da fala de mulheres por homens ao seu redor;
- ✓ **Bropriating** se refere ao fato de um homem se apropriar da ideia de uma mulher e levar créditos por ela (acontece bastante em ambientes de trabalho);
- ✓ **Mansplaining** acontece em situações nas quais um homem explica algo para a mulher como se ela não fosse capaz de entender ou como se estivesse necessariamente errada;
- ✓ **Gaslighting** quer dizer violência emocional por meio de manipulação psicológica, fazendo com que a mulher e as pessoas ao seu redor achem que ela é louca ou incapaz;

Os estudos de gênero fazem parte de um processo de transformação no campo da história que tem ocorrido nas últimas décadas. A discussão de gênero surgiu durante a década de 1970, resultado das lutas do movimento feminista e a partir disso tem atravessado várias áreas do conhecimento, dentre outras, com extensas perspectivas de análises (MEIRA, 2014)

A partir da chamada “segunda onda” do movimento feminista em oposição a sexo, gênero, pressupunha a forma como cada grupo cultural se relaciona com a ideia do binarismo sexual, rebatendo a fatalidade da natureza. Joan Scott (1990) define o conceito de forma a incorporar a assimetria atribuída aos sexos e ao gênero, e, portanto, a noção de que as relações de gênero são relações estabelecidas a partir do poder (TONELI, 2012).

De acordo com Scott (1990), gênero é uma construção histórica e social, fundante da organização da sociedade que naturaliza as relações de dominação das mulheres pelos homens e estrutura as desigualdades sociais.

Discutir esse modelo de organização social e transformá-lo, exige um reconhecimento do gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Não só isso, mas conhecer suas origens conhecendo suas origens para promover mudanças nas instituições que as legitimam, tais como:

a religião, a família, as escolas, as ciências, as políticas e os mecanismos jurídicos.

Destaca-se o entendimento que Saffioti (1987) tem acerca da categoria gênero. Para ela, consiste em uma gramática sexual, que regula as condutas femininas e masculinas e as respectivas relações sociais. Aponta também que gênero não regula apenas as relações entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres. Assim sendo, a categoria gênero regula os papéis sociais que as pessoas desempenham no dia a dia e quais contratos sociais estão sendo estabelecidos nas relações.

Podemos ainda destacar as reflexões que a mesma autora sobre identidade de gênero, a respeito da representação da mulher no contexto social. Para ela o processo histórico de domesticação e a ideologia é tão arraigado que a mulher é vista numa condição de sexo frágil e nesse sentido é uma construção tão forte que em determinadas situações mulheres assumem essas condições de inferiores em relação aos homens.

A autora admite como fatores constitutivos da subjetividade feminina subalterna o tripé: patriarcado, como sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem; a divisão da população em classes sociais e as diferenças raciais e/ou étnica.

Apostamos nas ideias de Saffioti (2001) para clarificar nosso entendimento e nos direcionar ao pensarmos essa relação ente o masculino e feminino. Nesse sentido, a autora traz uma enorme contribuição ao abordar a questão da violência. Faz uma separação cuidadosa sobre às tipificações de violência. Assim sendo, vejamos as diferenciações:

- **violência de gênero** como um fenômeno mais amplo, derivada das relações de poder entre homens e mulheres dentro da sociedade, podendo contemplar atos violentos entre homens-mulheres, mulheres-homens, homens-homens, mulheres-mulheres;
- **violência contra as mulheres**, que se direciona especificamente aos corpos femininos;
- **violência doméstica**, que ocorre dentro do espaço doméstico e é direcionada majoritariamente contra mulheres, crianças e adolescentes;

- **violência intrafamiliar**, cujo elemento central é a presença das relações de parentesco, seja por consanguinidade ou por afinidade.

Para a autora, os indivíduos são gestados de maneira que possam lidar com a potência e impotência, a partir do espaço que ocupam na hierarquia social. Assim, sendo,

O poder apresenta duas faces: a da potência e da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo (SAFFIOTI, 2004, p. 84).

3.11 MASCULINIDADE

*Ele não é feliz, sempre diz
Que é do tipo cara valente
Mas veja só, a gente sabe*

*Esse humor é coisa de um rapaz
Que sem ter proteção
Foi se esconder atrás
Da cara de vilão, então*

*Não faz assim, rapaz
Não bota esse cartaz*

*(Música Cara Valente –
Maria Rita; composição Marcelo Camelo)*

Seja homem! Não chore! Engula o choro!

Este parágrafo é iniciado com as celebres frases conhecidas pela grande maioria das pessoas. Expressadas como comandos de ordem para que meninos se comportem como tal. Seja qual for a situação e contexto em que elas forem aplicadas ou replicadas, vale a indagação de qual o efeito delas na vida de meninos na constituição enquanto homens.

Diante disso, cabe um questionamento: o que ao homem cabe ser? Não traremos uma resposta pronta e acabada pela complexidade do tema, mas procuraremos compreender alguns sentidos dessa constituição masculina.

Uma outra questão que talvez seja relevante é: O que é o homem? Pedro Ambra (2021), autor da obra Cartografias e Masculinidades, nos faz esta pergunta com a intenção de se pensar as representações da masculinidade. O

autor em discussão aponta alguns pontos para essa pergunta, na perspectiva hipotética do que talvez muitos diriam que ser homem:

1) a partir da condição biológica, deve se interessar por mulheres, armas e futebol e ainda nutrir uma aversão pela cor rosa;

2) é construção social e não natural;

3) é se autoafirmar a despeito do seu fenótipo quanto das imposições da sociedade.

A partir dessas possíveis respostas que muitos poderiam elaborar, há possibilidade de se desdobrarem em outras perguntas pela complexidade que o tema comporta. Sejam quais forem as proposições, as possibilidades para novas compreensões, o autor busca de algum modo uma possível compreensão dessa masculinidade, desse ser homem, fazendo conexão com o fenômeno da violência, pois

Homem, é também o principal beneficiário de uma cultura patriarcal que violenta e mata mulheres, além de gozar de liberdades e benefícios que vão desde o direito à cidade, ao corpo próprio, até uma diferença salarial – presente em todos os cargos e níveis de atuação e escolaridade – que, chega no Brasil a 53% (AMBRA, 2019, p. 17).

Há uma questão delicada em torno do que é ser e nascer homem, pois não é suficiente que de algum modo já cresça numa estrutura de poder e privilégios. Vai muito além disso, pois em algumas situações, é preciso pôr à prova sua masculinidade. É necessário atestá-la com frequência, impulsionando-o, muitas vezes, para um ciclo de violência contra si e contra os outros (WELZER-LANG, 2004).

Foi a partir da década de 1960, que os estudos sobre masculinidades começaram a ter uma expansão a partir da consolidação de dois movimentos sociais. O primeiro foi o movimento feminista ao tecer críticas às assimetrias construídas a partir da diferenciação sexual e à dominação masculina estruturante das relações sociais.

O segundo, através do movimento LGBTI, em sua luta por visibilidade das identidades sexuais e gênero não hegemônicas e pela denúncia às opressões baseadas em um modelo machista de sociedade (MEDRADO; LYRA, 2000; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

De acordo com Welzer-Lang (2004), o processo tradicional de tornar-se um homem envolve, principalmente, distanciar-se de qualquer elemento que esteja próximo da figura do feminino. Para o autor, as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres e entre os próprios homens giram em torno de dois aspectos.

O primeiro aspecto relaciona-se com a ideia pseudonatureza de que homens são superiores e nesse sentido se justifica a relação de dominação que se estabelece nas práticas sociais na delimitação/separação entre masculino e feminino. O segundo aspecto, vai na direção heteronormativa em que há uma compreensão de que as relações sexuais normais se dão entre homens e mulheres cisgênero.

Connell (1995) defende o conceito de masculinidade a partir de uma configuração de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado, aprovando a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

A partir desse conceito, esse modelo de masculinidade não aceitaria a existência de várias masculinidades, pois só a masculinidade devidamente viril, dominante, provedora e branca é a aceitável. O modelo de masculinidade hegemônico, baseia-se no sujeito jovem, provedor, produtivo, que domina o espaço público (SILVA et al., 2012)

O antropólogo brasileiro Roberto da Matta (2010) conta uma brincadeira que era feita quando ele era jovem, no interior de Minas Gerais. Conta-se que um jovem perguntava para o outro: “*Tem pente aí?*”, passando a mão nas nádegas do amigo para ver se havia um pente no bolso da calça. O que se espera da ação que um homem verdadeiro era que tinha que dar um salto e não deixar que outro homem tocasse em seu corpo. Matta, explica o que significa ser homem brasileiro não se deixando tocar por outro homem, pois já seria um indício de passividade.

Mesmo sendo uma história antiga, ela parece ser importante para pensarmos como a cultura nos atravessa e dar sentido às constituições. Para Grossi (2004) a constituição do modelo de masculinidade hegemônica passa pela cultura, a partir desse exemplo, não diz respeito apenas à sexualidade, mas também pode ser percebida como positivamente para a agressividade. Sobre a constituição da identidade de gênero na infância, nota-se como o

masculino se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade.

3.12 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

*Eu vivia no jogo
Ela me esperava
Quando eu pedia fogo ela não negava
Se eu tivesse outra ela achava bom*

*Quando fomos morar juntos ela me adorava
Cozinhas, passava, me alisava
Eu contava piada ela gargalhava
Metia a mão nela e ela perdoava*

*A vida era boa ela não reclamava
Agora vive longe, não sei mais nada
Fugiu da nossa casa com a televisão*

*(Música Fugiu com a novela,
composição, Vanessa da Mata)*

Iniciaremos esse tópico com a indagação: Porque no contato tão próximo se abusa do outro?

A nossa história de constituição enquanto ser humano, de formação enquanto sujeitos que somos, vai se formando no movimento de “ser sendo”. Naturalmente somos sujeitos do desamparo, pois isso faz parte da estrutura humana (MENEZES, 2012).

E nessa condição natural de desamparo, estamos em busca de alguém que nos acolha. Para o Schlösser (2014) a relação interpessoal promove bem-estar e qualidade vida para as pessoas. E nesse sentido, as pessoas estão sempre efetivando trocas e se relacionando.

Para Jacques Lacan (1967), a nossa posição primeira é de não saber e nesse sentido se espelha no outro na tentativa de enxergar-se. Deposita-se no outro a suposição do sujeito do suposto saber (LACAN, 1967).

A partir dessa posição colocada por Lacan, pode-se pensar que nessa condição de abertura do sujeito, pelo fato de ver no outro um espelhamento, ou seja, uma identificação, abre espaço para que o abusador possa se manifestar, como se observa nas dinâmicas dos relacionamentos abusivos e dominadores do cotidiano.

Barretto (2015) define relacionamento abusivo como aquele em que há excesso de poder e de controle, culminando no sentimento de posse e na objetificação do outro. Na perspectiva da autora, os relacionamentos abusivos iniciam de modo sutil e podem ultrapassar os limites.

Interessante para essa pequena discussão, compreender que o abuso é entendido como violência e que muitas vezes é uma violência normalizada dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais, podendo ocorrer ao mesmo tempo, constituinte e constituído pelo ideário amoroso (SOUZA et al., 2021).

A prática abusiva se caracteriza pela prática da violência. Heleieth Saffioti (2004) informa que a violência e de algum modo as pessoas já compreendem que a violência irrompe com a integridade do sujeito, seja pelas formas que ela é manifesta e nesse sentido que

Cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do continuum entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência. Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente. Isto posto, a ruptura de integridades como critério de avaliação de um ato como violento situa-se no terreno da individualidade (SAFFIOTI, 2004, p. 75).

Dentre os tipos de VCM, atualmente o que se está mais em voga consiste em o abuso emocional, expressado pelos relacionamentos abusivos, que apresentam o paradoxo entre afeto, palavras e/ou atos de agressão (DINIZ, 2017).

Segundo Foucault (1995), as relações de poder são dinâmicas e instáveis, o que significa que não se pode manter o mesmo nível de poder durante todo o tempo. Logo, há uma tomada de consciência por parte daqueles que estão sendo submissos e ou passivos.

Nessa noção de poder, compreendemos que o que está em jogo é a forma como a mulher é vista culturalmente da diferença dos sexos, que atravessa o imaginário na tentativa de fazer separações entre homem e mulher. E nesse sentido coloca o homem no lugar daquele que tem algo a mais a oferecer e a mulher que tem algo a menos, ou seja, a mulher como sujeito faltante, ocupando o lugar da castrada (HOMEM, 2022)

Muitas mulheres percebem que os parceiros não estão bem e estes descarregam toda fúria nelas e elas suportam e aceitam na tentativa de que fazendo isso é uma forma de pode ajudar seus parceiros. Há um jogo de complexidade que permeia o imaginário feminino. Muitas mulheres suportam o relacionamento abusivo permeado por violências. Esse suportar muitas vezes está relacionado com o afeto que a mulher tem pelo parceiro e isso dificultada ainda mais a sua vivência nessa relação adoecida (ALVAREZ, 2022).

Numa relação familiar, seja entre uma mãe e filha, pai e o filho, marido e mulher muitas vezes essas relações tem uma certa toxicidade na convivência. Lidar com o outro é potencialmente tóxico, pois existe uma zona de confronto e de interesses. São dimensões tóxicas que implica numa dimensão abusiva e o grau de invasão quem alguém pode ter (ALVAREZ, 2022).

Para o autor, tudo é potencialmente tóxico, numa situação em que a o sujeito passar a ser “sequestrado” pelo outro. Mesma que a relação venha ter um fim, o outro ainda fica “envenenado” pelo outro, pelas lembranças, pelos acontecimentos. Alguns relacionamentos acabam, mas algo fico impregnado na interioridade do sujeito.

A cultura, com suas crenças religiosas e sociais, contribui para a naturalização de relações conjugais abusivas. O casamento pode ser um contexto oportuno para isso, devido ao fato de ser comumente reconhecido como sagrado e um importante objetivo a ser alcançado especialmente na vida das mulheres. O matrimônio pode legitimar comportamentos violentos ao consumir no imaginário social que “quem ama sofre” ou “o amor supera tudo” (CARDOSO; BERTHO; PAIM, 2019), crenças contribuem para que relações afetivas sejam pautadas pelo sofrimento, medo e submissão.

Para Bauman (2004) as relações estão cada vez mais fluidas na pós-modernidade. Para ele há uma fragilidade nos laços humanos. Sustenta a ideia de “amor líquido” como sendo aquele amor descartável em que o sujeito pode ser trocado por outro a qualquer momento. Um tal descompromisso com a relação em que os parceiros são trocando a todo momento.

4 MICHEL MAFFESOLI

Michel Maffesoli, é sociólogo francês, Professor Emérito de Sociologia da Universidade René Descartes de Paris V-Sorbonne, vice-presidente e membro do Instituto Internacional de Sociologia, membro do Instituto Universitário da França e reconhecido nacional e internacionalmente. Tem uma produção acadêmica importante, sendo autor de várias obras, traduzidos em várias línguas.

Maffesoli é um dos fundadores da Sociologia do Quotidiano e da Sensibilidade e um grande teórico que discute os aspectos da modernidade e pós-modernidade, evidenciando interesse na Sociologia Compreensiva. Se destaca na Sociologia contemporânea, pela inovação dos seus pensamentos e tem contribuído para diversas produções acadêmicas ao propor seus pressupostos teóricos e da Sensibilidade, defendendo uma razão mais sensível.

O viver em um mundo pós-moderno, significa dizer que não há mais adesão princípios de fachada que de algum forma não se vinculam mais com a realidade da vida. Chegamos ao fim de um ciclo (era moderna) em que se deixa de lado o “dever-ser” e valoriza-se o viver dionisíaco (MAFFESOLI, 2004).

Maffesoli ressalta a importância de uma sociologia que esteja atenta com os acontecimentos da vida corrente em fins da era moderna. Por vida corrente, entende-se como conta corrente, aquela usada a todo instante. Aquilo que está em movimento presente na vivência e que nem sempre é fácil de discernir (MAFFESOLI,2010).

Na sua produção, utiliza-se de metáforas para se fazer compreender, faz analogias e defende noções mais flexíveis em torno da vida social, defendendo a ideia de que para compreender os fenômenos sociais requer um movimento diferente das formas mais estáticas.

Foi no início da década de 1990, que as ideias de Michel Maffesoli começaram a ser trazidas para a área da Saúde e da Enfermagem, através das Professoras Ana Lúcia Magela de Rezende e Estelina Souto do Nascimento, por ocasião do Doutorado em São Paulo, na Faculdade de Educação-USP, quando realizaram seu Doutorado Sanduíche, na Sorbonne, Paris V, sob direção do Professor Michel Maffesoli (NITSCHKE et al., 2017).

Ao se dedicar compreender os fenômenos mais variados da pós-modernidade, Maffesoli lança um olhar metodológico diferenciado sobre a vida. Não se propõe buscar verdades absolutas, pelo contrário, vai na direção em que ele denomina de “dimensão aberta” (NITSCHKE et al., 2017).

Maffesoli, entende que a pós-modernidade, não é um conceito, mas o que se está sendo elaborado depois da modernidade, em busca da valorização da aparência, do senso comum, da experiência vivida pelas pessoas, de uma razão interna. Esses elementos são valorizados diferentemente da modernidade que por vezes negou a importância destes em razão do pragmatismo econômico (NITSCHKE et al., 2017).

Michel Maffesoli, foi aluno de Gilbert Durand - um antropólogo, filósofo, pesquisador e professor universitário francês conhecido por seus trabalhos sobre imaginário e mitologia. Maffesoli com toda a sua criatividade desenvolve uma teoria tida como original que procura compreender a pós-modernidade fugindo da mitologia, da literatura, mas se direcionando para o cotidiano numa linha fenomenológica a partir de alguns estudos de Durand. Uma sociologia que se aproxime mais da vida comum do homem, do que acontece na sua vivência, ou seja, das coisas do dia a dia (PITTA, 1994). Uma sociologia que esteja atenta àquilo que funda em profundidade, que compreenda a vida corrente de nossas sociedades, neste momento em que finda a era moderna (MAFFESOLI, 1987).

A proposta de Maffesoli foi tão inovadora e de alguma forma até atraente para compreender os fenômenos e os acontecimentos na pós-modernidade que,

Michel Maffesoli não vem tanto do método em si, mas do terreno que ele propõe: não mais monografias clássicas (situação geográfica, história, economia etc.), de grupos ou tribos; não mais análise da produção desses grupos (artística ou outra); mas análise do gesto maquinal de todos os dias, das paixões, desses elementos que fazem com que cada indivíduo se levante a cada manhã. Aqui, é o objeto de estudo que vai induzir o método, baseado em uma lógica outra (PITTA, 1997, p. 1).

Maffesoli através da perspectiva fenomenológica, ver a necessidade de se pensar novos rumos para se compreender a contemporaneidade e nesse

sentido valoriza a vida cotidiana, o hedonismo. Segue numa perspectiva de valorização da vivência dos indivíduos.

Um olhar fenomenológico não se resume a explicar os fatos, mas ir na direção da compreensão, da percepção (PITTA, 1997). A proposta de Maffesoli é contra a perspectiva positivista e a favor de valorizar o sentido de uma apreensão do dado social como ele se mostra.

Maffesoli, vai na elaboração conceitual de capturar o vivido em um tempo pós-moderno, pois compreende que os fenômenos sociais têm uma certa fluidez e estão se modificando a todo tempo. Assim sendo, o autor nos apresenta como elementos da socialidade necessários para pensarmos o tempo presente e o cotidiano: Quotidiano, presenteísmo, alteridade, complementariedade, senso do limite, trágico, teatralidade, formas de resistência, destino, solidariedade orgânica e imaginário.

Quotidiano

O cotidiano para Maffesoli (2010) é a vida comum, representada pelos rituais, a duplicidade, a sensibilidade, o jogo das aparências, o destino. Refere-se a modo de viver de cada pessoa e do coletivo. O saber-fazer, saber-dizer, saber-viver que ajuda a definir o cotidiano. Para Maffesoli passamos muito tempo fazendo interrogações sobre a sociedade ou os elementos que são racionais, econômicos e nesse meio tempo, perdemos de vista a socialidade, que é uma espécie de empatia comunalizada (MAFFESOLI, 1988).

Presenteísmo

O cotidiano se relaciona com o tempo presente. Nesse sentido, o presenteísmo assinala sua marcação com a comunicação social dos olhares, dos gestos e das conversas informais. É o viver que se estabelece no tempo do agora fazendo-se conexão entre os relacionamentos e os acontecimentos (GIOSEFF, 1997). Viver o tempo presente se constitui um desfaio na pós-modernidade, pois de alguma forma as pessoas ainda estão muito voltadas para a ideia de futuro, uma visão ainda da modernidade (MAFFESOLI, 2010).

Maffesoli nos alerta para importância de um “viver-com” que se traduz na possibilidade de relações mais afetuosas, fazendo com que as pessoas se sintam mais pertencentes a um determinado grupo. Essa observação feita pelo

autor, reorienta nossas ações, nosso viver, pois nos ajuda a valorizarmos o presente e não lançar nossos projetos sempre para um tempo futuro.

Maffesoli recorrer ao termo *Carpe diem*, para reforçar a necessidade de valorização do dia, onde as pessoas possam apreciar o momento presente sem grandes preocupações com o futuro ou com o passado. Em síntese, viver o aqui e o agora. O presenteísmo se divide em alteridade e complementaridade.

Senso do limite

O senso do limite possui como característica principal, um mecanismo de sobrevivência diante das situações que possam de alguma forma afugentar o sujeito. É uma estratégia eficiente para se defender de situações de dominação em situações do cotidiano.

O senso do limite se divide em duas subcategorias: o trágico e a teatralidade. O sentimento trágico faz parte da pós-modernidade onde as coisas estão em constante mudanças e de incertezas, ou seja, o trágico se apresenta no viver, nas situações cotidianas (MAFFESOLI, 1984). Através da teatralidade o trágico se mostra.

De acordo com Maffesoli (1984) a teatralidade se relaciona com o drama daquilo que é vivido no cotidiano. Uma teatralidade que visa dar conta das experiências, dos acontecimentos, dos afetos e situações trágicos da vida e por essa via da teatralidade que a existência social vai se firmando. Para ele

É forçoso reconhecer-se que a existência social é, antes de mais nada, teatral, e à vista disso cada cena. Na teatralidade, nada é importante porque tudo é importante (MAFFESOLI 1985, p.18).

O autor nos ajuda a compreender esse teatralizar, que é preciso que as diversas cenas do cotidiano, como por exemplo, as conversas dos bares, as cenas do dia a dia das praças públicas, pois nessa banalidade das existências que o teatral real é constituído.

Formas de Resistência

Entendemos com resistência com um movimento que possibilita o sujeito ou determinado grupo circular com a duplicidade. Esta por sua vez se movimenta-se através de seus diversos aspectos, como a astúcia, o duplo jogo

e o silêncio, a passividade. É um movimento que podemos compreender como intencional, pois a partir dele se resiste àquilo que de algum modo está caracterizado como imposições e nesse sentido reage-se diante de ordens de esquemas dominantes (MAFFESOLI, 2001).

Na astúcia o sujeito de alguma forma conserva a sua existência, diante daquilo que ele identifica como sendo perigoso para sua vida, fazendo uso dela em variados contextos sociais.

Já no silêncio, como também um mecanismo de defesa, mas se manifesta de forma diferente – não nega nem afronta – O sujeito vive, escuta as ofensas e se mantém num silêncio, se abstém, não responde. Esse não responder, não participar, denota uma passividade diante das adversidades que a vida lhe impõe. A passividade por sua vez no duplo jogo, já parte da organização social, pois resistindo através dele o sujeito responde ao artificialismo do dado social (MAFFESOLI, 2001).

O imaginário

O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo. ou, ao menos, parte do coletivo. Para o autor, o imaginário se mostra na pós-modernidade refle o tribalismo, isto é, o imaginário individual corresponde ao imaginário do grupo no qual o indivíduo se encontra inserido. O imaginário comporta vários elementos como: o racional, o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional (SILVA, 2001).

Solidariedade Orgânica e Mecânica

Para Maffesoli, a solidariedade consiste na possibilidade de o sujeito ir em direção ao outro. Manifestar a solidariedade é poder se ligar entre os homens e nesse sentido se sentir pertencente. Ser solidário compreende a ser espontâneo e se refere ao afetual, à proximidade que significa estar junto (MAFFESOLI, 1987).

A solidariedade orgânica é um “viver-com”, onde as trocas sociais cotidianas acontecem na direção do ser/estar com o outro, diferentemente da

solidariedade mecânica que passa pela noção do “dever ser” como se fosse uma obrigatoriedade, como algo instituído.

A solidariedade orgânica se destaca pela noção de que as pessoas vivem em comunidade valorizando mais o corpo coletivo do que o individual, dando espaço para “societal em ato”. É um fazer comum, um modo de sentir junto com o outro e isso dá suspensão para toda ação social (GIOSEFFI, 1997).

4.1 PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

Maffesoli em seu livro “O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva” (2010), destaca cinco pressupostos teóricos e da sensibilidade. Esses pressupostos, nos ajuda na compreensão do dado social como se apresenta, onde devemos estar atentos aos detalhes, as nuances, o que está nas entrelinhas.

Crítica do dualismo

Maffesoli, parte do entendimento que é de extrema importância que haja uma dosagem sutil entre erudição (crítica, razão) e paixão (sentimento, imaginação) para que se possa avaliar da melhor maneira possível um fenômeno qualquer. Nos tempos pós-modernos, há uma saturação dos grandes sistemas explicativos, com o renascimento da exploração da biografia.

Ou seja, tudo o que diz respeito à vida cotidiana – as experiências vividas, as crenças, a interação com outras pessoas e com o ambiente – deve ser levado em conta, tanto do ponto de vista sociológico, como em outras áreas do conhecimento. Maffesoli advoga que o racionalismo estático, símbolo do pensamento moderno, deve dar lugar à racionalidade aberta da pós-modernidade, que apela para o entusiasmo, para o instinto. É o que chama de razão sensível. Segundo o mesmo, “o afeto, o emocional, o afetual”.

Crítica à Forma

Aqui se faz uma crítica a forma que limita e fecha o significado. Através do formismo é possível descrever os contornos por dentro, ou seja, do interior. Nesse sentido, é um respeitar as coisas mais efêmeras e simples do viver cotidiano.

Sensibilidade Relativista

Parte do entendimento de que não existe somente uma realidade ou uma verdade. A forma como vivemos é plural e por esta razão, exige-se uma compreensão mais ampla e integral sobre as vivências/experiências. Para Maffesoli a verdade é sempre factual e momentânea e nesse sentido não uma novidade nas histórias humanas, pois os valores estão sempre num movimento de retorno de modo cíclico.

Pesquisa Estilística

Aqui valoriza-se a diversidade das coisas existentes. A ciência, precisa levar em consideração a empatia. Recomenda que as escritas científicas sejam mais flexíveis sem perder a cientificidade. Uma ciência que permita a abertura para pesquisas que se aproximem mais das pessoas e das realidades mais diversas (MAFFESOLI, 2010).

Pensamento Libertário

A ideia aqui defendida por Maffesoli é a de que ao fazer uma pesquisa deve-se levar em consideração o exercício de colocar-se no lugar do outro. Nessa perceptiva, seria fundamental adotar uma postura mais libertária que possibilite abertura para valorização das diversidades, dos modos de diversos de vivências. Para o autor é importante “trabalhar pela liberdade do olhar”.

5 METODOLOGIA

5.1 A ESCOLHA DO TIPO DE ESTUDO

Esta pesquisa envolve aspectos da subjetividade. Por isso, caminhamos nessa direção em busca de desvelar os fenômenos. Assim, optou-se por desenvolver uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. As pesquisas descritivas objetivam descrever fenômenos de uma determinada realidade, a fim de obter informações a respeito do problema a ser investigado (TRIVIÑOS, 2008) que do ponto de vista qualitativo propicia tratar a magnitude dos fenômenos na busca do que é singular e os seus significados. Preocupa-se, portanto, com a dimensão sociocultural manifesta por meio de crenças, valores, opiniões, representações, comportamentos e práticas (MINAYO, 2017) importando, não o quantitativo de participantes, mas com a riqueza contida nas narrativas.

5.2 LOCAL DA PESQUISA E CENÁRIO DA COLETA DE DADOS

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Petrolina-PE. É uma cidade de grande porte no interior de Pernambuco, sendo a 5^o cidade mais populosa do estado. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, a cidade possui uma população estimada em 359.372 pessoas.

Fica à distância de 800 km da capital Recife, e figura no sertão como cidade-polo e mais importante da região do submédio do Vale do São Francisco. Sua economia é fortalecida pelo agronegócio e exportação de frutas e com destaque internacional no cultivo e uvas (IBGE, 2021).

O estudo teve como cenário da coleta dos dados, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM) Valdete Cezar¹, serviço que

¹ [...] Pouco depois me aproximo mais uma vez da senhora que realiza limpeza das salas. Ficamos conversando. Na recepção tem dois quadros com fotografias de uma moça com trajes de bailarina. É uma fotografia antiga. Daí pergunto se ela sabe dizer o porquê desse quadro porque tem o mesmo nome que está na fachada do prédio. Ela me diz: "Você não sabe?". Respondo que não. E emenda dizendo que o quadro é de uma professora de ballet e que há muito tempo foi assassinada pelo marido. Notas do Diário de Campo do Pesquisador.

assiste mulheres em situação de violência, com garantia de assistência social, jurídica e psicológica. A assistência envolve visitas domiciliares, orientações sobre direitos, encaminhamentos a outros serviços da rede institucional de suporte à mulher em situação de violência.

O quadro funcional do CEAM, atualmente é composto por uma equipe interdisciplinar: uma assistente social, uma psicóloga e uma advogada, que juntas, orientam, acompanham e dão suporte às mulheres em situação de violência, funcionando de segunda à sexta das 7:00 às 13:00h. Além dessa equipe, tem uma diretoria, coordenação e apoio administrativo. No prédio também funciona a Secretaria de Acessibilidade.

Com a chegada da pandemia, os atendimentos permaneceram de forma on-line e presencial quando era necessário. Portanto, não houve descontinuidade no atendimento à mulher, sobretudo porque a violência doméstica continuou. Nos primeiros meses de pandemia, a equipe usava o próprio telefone e fazia ligações, chamadas de vídeo e busca ativa das mulheres que estavam sendo acompanhadas. Pouco tempo depois a Prefeitura Municipal adquiriu um serviço de comunicação via aplicativo denominado de “WhatsApp Mulher” que foi amplamente divulgado, facilitando ainda mais a comunicação e pedidos de ajuda.

5.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta pesquisa foram incluídas mulheres maiores de 18 anos, assistidas pelo CEAM durante a pandemia por sofrerem VPI.

Nenhuma mulher desistiu de contribuir com a pesquisa após o início da entrevista ou em razão de apresentar algum traço de muita ansiedade, medo, estresse, inquietação ou fala desconexa, critérios estes de exclusão.

Como pesquisador, busquei manter um vínculo com a equipe da instituição assistente social, psicóloga e advogada, com quem contei para intermediar contatos com as mulheres durante o primeiro atendimento ou atendimento subsequente. Assim, aquelas que atendiam aos critérios de inclusão eram informadas da pesquisa e caso demonstrassem interesse em participar, era informado para que pudesse manter contato com as mesmas, em que segui a dinâmica de conversa inicial com o propósito de acolher e

estabelecer confiança e fluidez na comunicação e informação sobre a pesquisa; concomitantemente buscava perceber traços de desconforto que a impossibilitasse de ter uma comunicação fluida e caso não se confirmasse, esclarecia-se sobre o objetivo da proposta, conduzindo-a mulher a uma sala reservada livre de interferências.

O pesquisador manteve um vínculo com a equipe da instituição contando sempre com as mediações da assistente social, psicóloga e advogada, uma vez que as mulheres tinham um primeiro atendimento com as três ou em separado. Algumas mulheres já vinham sendo acompanhadas, mas a grande maioria aceitou participar da pesquisa logo no primeiro atendimento.

Para melhor entendimento e compreensão, o encaminhamento da mulher participante da pesquisa para o pesquisador se dava da seguinte maneira: Após a mulher ser atendida por alguma das profissionais da equipe, ela era informada a respeito da pesquisa. Mediante a sinalização positiva de interesse de participar, o pesquisador era convidado a manter contato com a mulher. Dessa forma, seguiu-se a seguinte dinâmica:

- Conversa inicial com o propósito de acolher a mulher visando um estabelecimento de confiança e fluidez na comunicação e informação sobre a pesquisa;
- Observação de algum traço de desconforto que a impossibilitasse de ter uma comunicação fluida;
- Esclarecimento sobre o objetivo da pesquisa;
- Condução da mulher a uma sala reservada livre de interferências;
- Observância dos protocolos de prevenção para a prevenção da infecção pela COVID-19;
- Assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE);
Gravação da conversa.

5.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

O período da coleta de dados se deu de outubro a dezembro de 2021. Nesse espaço de tempo, dez mulheres compareceram ao serviço, seja por demanda espontânea ou encaminhamento. Desse quantitativo, duas mulheres não quiseram participar. Nesse mesmo período, alguns agendamentos foram

realizados pelo serviço de Assistência Social e ou de Psicologia, mas sem retorno das mulheres. Foi uma forma de intermediação do serviço para ajudar o pesquisador em um maior número de participantes. A coordenação tentou contato com a Patrulha da Mulher a fim de verificar a existência de mulheres que pudessem ser atendidas pelo centro de atendimento e como isso ver a possibilidade de participação delas na pesquisa.

Nesse período da coleta, a movimentação dentro da instituição ocorria por força do fluxo dos agendamentos e atendimentos que iam surgindo. Sempre no período da manhã por volta das 8:00 às 13:00h, a depender dos agendamentos e outras situações. Em alguns dias os agendamentos foram adiados ou cancelados pelas mulheres.

Para coleta dos dados foi utilizada a técnica de entrevista na modalidade semiestruturada, guiada por um roteiro. A entrevista é uma conversa a dois ou mais interlocutores aplicados com o objetivo de trazer informações importantes para determinado objeto de pesquisa. A entrevista semiestruturada, guiada por um roteiro permite a combinação de perguntas fechadas e abertas, o que possibilita à pessoa entrevistada, ficar livre para tecer comentário sobre a questão abordada, sem, contudo, se limitar à pergunta formulada (MINAYO, 2009).

A aplicação da entrevista individual foi conduzida por mim, de forma clara e linguagem acessível para que cada mulher pudesse compartilhar problemas, dificuldades, necessidades, anseios e quaisquer outro sentimento relacionado a sua vivência. Estive disponível no encontro com cada uma delas, em uma escuta sensível.

Só assim, foi possível brotar momentos de espontaneidade individual na produção de sentimentos relacionados aos efeitos da VPI no seu dia a dia de distanciamento social.

Cada entrevista teve em média a duração de uma hora. Foi utilizado gravador de voz, antecipadamente anunciado a sua função e necessidade a fim de permitir que os registros das narrativas no momento da transcrição pudessem ser o mais fidedigno possível, auxiliando no tratamento dos dados e interpretação das narrativas. Além disso, para que facilitasse a comunicação entre pesquisador e participante, permitindo a observação de gestos, expressões, postura corporal (GIL, 2017).

5.5 TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para auxiliar na percepção de expressões e gestos foi utilizada a técnica de Observação Participante, ou ativa que “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (GIL, 2008, p.103). Para os registros dessa técnica, usou-se um Diário de Campo que serviu para registrar expressões, reações das participantes, descrever o ambiente, as impressões do pesquisador, suas afetações, percepções, angústias, anseios que foram desveladas durante todo o momento na instituição, assim como dos encontros entre mim e cada mulher, no momento vivencial da pesquisa.

Compreendi que esses momentos foram valiosos, pois permitiram a identificação e explicitação de problemas e assim foi possível fazer intervenções, ainda mais nesse contexto de pandemia em que as instituições, as pessoas, os modos de ser, foram desconstruídos e novas formas de estar foram repensadas e postas em ação.

Uma vez inserido na instituição fui pouco a pouco conhecendo o quadro funcional e modo como o serviço funcionava.

5.6 TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS

Os dados obtidos nas entrevistas individuais foram explorados pelo Método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica que interliga o conhecimento do senso comum ao conhecimento científico e organiza conteúdos semelhantes das narrativas em um discurso único que traduz pensamentos e sentimentos coletivos sem perder sua essência (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

As narrativas individuais foram transcritas e os conteúdos que surgiram foram analisados para se obter as Ideias Centrais Sínteses (ICS) e as correspondentes Expressões-Chave (ECH). As ECH formaram trechos dos depoimentos que revelam a essência do conteúdo das narrativas, cabendo aos pesquisadores destacá-las e as ICS descrevem o sentido das falas. Para

construção do DSC as expressões individuais foram agrupadas em categorias com opiniões semelhantes de diferentes participantes, de modo que foi formado um texto único, na primeira pessoa do singular como forma de demonstrar a coletividade falando através de um indivíduo (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2014) que compuseram os Discursos Coletivos (ROCHA, 2009).

Para interpretação das sínteses utilizou-se o aporte teórico e metodológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano pelo pensamento sociológico de Michel Maffesoli em seus pressupostos Teóricos e da Sensibilidade e noções sobre o cotidiano e da literatura atualizada sobre COVID-19 em interface com as questões de gênero pensando a equidade e iniquidade.

5.7 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO COLETIVO

O sujeito coletivo foi composto por oito mulheres com idade entre 18 e 53 anos, de maioria solteiras (6), autodeclaradas pretas/pardas (5) e brancas (3) com ensino fundamental incompleto (3) médio incompleto (3) e superior completo (2), predominante de baixa renda: entre um e dois salários mínimos (5) e sem renda fixa (3) que sofreram violência física (8), psicológica (8), patrimonial (5) e sexual (1).

A busca pelo atendimento ocorreu por demanda espontânea (5) e por encaminhamentos (3) pela Patrulha da Mulher e pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O lócus de ocorrência da violência na maioria ocorreu no ambiente doméstico (5) ou de forma concomitante: na rua e em casa (3). Dentre as oito mulheres, sete compareceram ao serviço pela primeira vez (apenas uma delas já se encontrava em acompanhamento). Dos sete atendimentos iniciais, somente uma mulher declarou não ter interesse em ser acompanhada pelo serviço.

5.8 ASPECTOS ÉTICOS

O presente estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, Campus de Vitória de Santo Antão- CEP- UFPE/CAV, com parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e para assegurar sigilo e confidencialidade sobre as informações e manter o anonimato as mesmas foram identificadas por nomes de plantas do bioma caatinga.

A pesquisa somente foi iniciada após aprovação Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAV), com parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430.

As participantes da foram informadas acerca dos objetivos, justificativa e benefícios do estudo, bem como da garantia do anonimato, as quais estão identificados por nomes de plantas do bioma caatinga. Da mesma forma, foram garantidos o sigilo e a confidencialidade das informações, a privacidade respeitada, a liberdade em se recusar em participar da pesquisa, e o direito de desistir a qualquer momento, atendendo assim, a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que norteia a ética na pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012) e a Resolução 510/16 que dispõe sobre as normas aplicáveis à pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a obtenção de dados diretamente com os participantes (BRASIL, 2016).

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, por apresentar riscos de diferentes magnitudes sobretudo pelo atual momento de pandemia pelo novo Coronavírus, o pesquisador já se encontrava imunizado com as duas doses, além dos protocolos básicos: distanciamento recomendado, uso de máscara e álcool em gel a 70%.

Todos os esforços foram empregados na realização da pesquisa para minimizar os eventuais riscos e desconfortos que pudessem surgir, evitando-se qualquer prejuízo ou dano para as participantes.

Após aceitarem participar da pesquisa foram convidadas a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sendo informadas acerca

da utilização de um gravador e de que os dados seriam transcritos para posterior análise.

Cabe informar que o material da gravação será arquivado por cinco anos e após esse período será descartado. Fizeram parte da pesquisa, mulheres maiores de 18 anos, assistidas pelo CEAM durante a pandemia por sofrerem VPI que se interessaram em participar do estudo e concordaram em assinar o TCLE, em duas vias, sendo que uma das cópias foi entregue aos participantes e a outra permaneceu com a pesquisador.

Em obediência as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde/MS, o presente protocolo de pesquisa será encerrado após a coleta dos dados, análise e elaboração de manuscritos para publicação. Caso não seja possível coletar os dados necessários ao seu desenvolvimento, a proposta será inviabilizada, encerrada ou descontinuada após a justificativa aceita pelo CEP, ou poderá ser solicitado prorrogação de prazo, caso o tempo de coleta apresentado no cronograma se expire.

Assumo o compromisso de anexar os resultados ou o relatório da pesquisa na Plataforma Brasil, CEP do Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco – CAV/UFPE, Rua Dr. João Moura, 92 Bela Vista, Vitória de Santo Antão-PE, CEP: 55.612-440 conforme declaração de compromisso assinada por mim, assim informar os resultados às instituições envolvidas e participantes, preservando o sigilo e a confidencialidade das suas identidades.

6 RESULTADOS

PRIMEIRO MANUSCRITO

6.1 GRITO DENTRO DE MIM E NINGUÉM ME ESCUTA: notas de um diário de campo sobre Violência por Parceiro Íntimo

Marcelo Augusto Saturnino da Silva

Margaret Olinda Lira

RESUMO

O presente manuscrito aborda a aproximação de um pesquisador com as participantes de sua pesquisa. Tem por objetivo relatar experiência na aproximação de mulheres em um vivido trágico de VPI. Foi desenvolvido um trabalho de abordagem qualitativa no Centro Especializado de Atendimento à Mulher- CEAM da cidade de Petrolina, Pernambuco, no período de outubro a dezembro de 2021 com a colaboração de oito mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. Os dados foram obtidos por meio da técnica de Observação Participante, que permitiu a partir dessa fazer registros no Diário de Campo. Além do discurso falado, a comunicação não verbal por meio de ditos e não ditos, do silêncio, sentimentos de quem relata e expressões úteis para compreender a essencialidade do acolhimento e da solidariedade no encontro com fragilidades impostas pela violência por parceiro íntimo.

Descritores: Diário; Observação; Percepção; Acolhimento; Escuta sensível.
Violência de gênero

Introdução

*“E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto”
Fernando Pessoa (1946, p. 24)*

O isolamento social, como medida não farmacológica necessária ao controle da disseminação da Corona Virus Diseases- COVID-19, modificou a vida cotidiana familiar em todo o mundo, e em um país de vários contrastes como o Brasil, as desigualdades ficaram mais latentes com a pandemia (BOMBARDI, 2020). De maneira que, entre outras mudanças, “puxou mão” para a intensificação de casos de Violência por Parceiro Íntimo (VPI) que pouco a pouco se incorporou à vida diária de homens e mulheres, dada à realidade socioeconômica particular de cada pessoa. Durante os primeiros quatro meses de pandemia já se desenhava um aumento da violência, pois ocorreu um crescimento médio de 14,1% no número de ligações para o serviço 180 em comparação ao mesmo período em 2019 (LIMA, 2021).

Diante desses fatos, a valorização dos pequenos acontecimentos da vida, se fez necessário para compreender minimamente o mistério em torno do cotidiano das pessoas, isto é, “os atos mais simples da vida cotidiana, os objetos mais triviais que constituem o meio circundante de todos os dias, as situações mais banais” (MAFFESOLI, 1984, p. 73).

Neste estudo, levando em conta o caos pandêmico, é importante pensar como foi o cotidiano de mulheres em situação de VPI, considerando que o desdobramento desse severo isolamento teve faces perversas para as mulheres espalhadas pelo Brasil (FIOCRUZ, 2020). Desse modo, se faz oportuno pensar como se esse isolamento para as mulheres do Semiárido do Sertão, que já são marcadas não somente pelo calor e aridez da terra, mas também por traumas que permeiam o trágico cotidiano de VPI.

Neste cenário, este trabalho teve como objetivo relatar experiência na aproximação de mulheres em um vivido trágico de VPI. Sua relevância se dá ao oportunizar a sensibilização de pessoas e equipes interprofissionais sobre a importância de um olhar sensível e no acolhimento de mulheres agredidas pelo

parceiro íntimo por meio de uma escuta afetuosa que compreenda suas fragilidades e identifique necessidades comprometidas.

Material e Métodos

O presente trabalho, de abordagem qualitativa, é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “*COVID 19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de Violência por Parceiro Íntimo*”. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, Campus de Vitória de Santo Antão- CEP- UFPE/CAV, com parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430, com dados coletados entre outubro e dezembro de 2021 no Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM).

Foi utilizada a técnica de Observação Participante para acompanhar fatos sobre o objeto pesquisado (TONIN et al., 2018) e registrar o que se escutou. Além disso, atentou-se para os sentimentos e vivências percebidos em gestos e linguagens não verbais (OLIVEIRA, 2021). Foram escutadas oito mulheres entre 18 e 53 anos, em vivência de VPI durante a pandemia de COVID-19.

As conversas foram guiadas por um roteiro flexível, aberto a outras questões que pudessem surgir (MINAYO, 2017) e gravadas mediante autorização assinada no TCLE e registradas em diário de campo, sendo a percepção do fenômeno interpretada pelo aporte teórico metodológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano de Michel Maffesoli, pensando em alguns elementos da socialidade apontados por esse autor, como: a solidariedade orgânica e as diversas formas de resistência. Elementos que assim contribuem para compreensão dessa relação entre o pesquisador e as mulheres entrevistadas.

Resultados e Discussão

Aproximação com cada mulher

Para melhor situar o leitor (a) apresento o meu Diário de Campo, espaço em que trago comentários e reflexões sobre o que percebi e vivenciei, o que foi

dito verbalmente e o que foi dito pelo silêncio. Para preservar a identidade das mulheres que se dispuseram a compor o sujeito coletivo desta pesquisa, optei por usar pseudônimos de plantas típicas e resistentes do bioma caatinga, uma forma de alusão à resistência ao vivido tráfico de VPI em suas existências, aqui identificadas por Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá.

Elas tinham idade entre 18 e 53 anos, de maioria solteiras (6), autodeclaradas pretas/pardas (5) e brancas (3), com ensino fundamental incompleto, (3) médio incompleto, (3) e superior completo (2), predominante de baixa renda entre um e dois salários-mínimos (5) e sem renda fixa (3) que sofreram violência física (8), psicológica (8), patrimonial (5) e sexual (1).

A busca pelo atendimento ocorreu por demanda espontânea (5) e por encaminhamentos (3) pela Patrulha da Mulher e pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O lócus de ocorrência da violência na maioria ocorreu no ambiente doméstico (5) ou de forma concomitante: na rua e em casa (3). Dentre as oito mulheres, sete compareceram ao serviço pela primeira vez (apenas uma delas já se encontrava em acompanhamento). Dos sete atendimentos iniciais, somente uma mulher declarou não ter interesse em ser acompanhada pelo serviço.

Com o propósito de estabelecer uma relação de confiança e ao mesmo tempo oportunizar à mulher o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, foi feito um trabalho de aproximação individual. Respeitou-se o tempo de compreensão de cada uma delas.

Do Diário de Campo, há registros em tempo real sobre as sensações, as percepções do ambiente de pesquisa, os sentidos, os desejos, as angústias e medos, limites, fragilidades e potências do pesquisador que iam brotando dia após dia na coleta de dados.

A seguir, recortes do Diário do Campo das entrevistas aplicadas:

*“Eu estava esperando um filho dele e ele fez muita coisa comigo.
Eu não esperava”
Coroa-de-frade*

Coroa-de-frade foi a primeira mulher que consegui entrevistar e me senti ansioso por esse momento. Ela é mãe solo, sem trabalho e dependente

financeiramente de outras pessoas, foi acolhida por uma pessoa da família, onde passou a conviver com outras pessoas.

Ela estava em companhia de uma amiga e com o filho no colo, mas apesar disso, decidiu aceitar conversar comigo. Mostrou-se tímida, envergonhada, diante do que tomei o máximo de cuidado para que as perguntas não ficassem de forma mecânica e aos poucos pensei em novas maneiras de formular perguntas para que ela me compreendesse. Confesso que apesar de estar esperando por esse momento, não saí muito satisfeito. Talvez por ser a primeira entrevista ou porque ela já tinha passado pela assistente social, assessoria jurídica e psicologia e por essa razão fiquei com receio de estar tomando seu tempo e de certa forma fazendo-a repetir toda a conversa que já tivera antes com esses profissionais. Fiquei com sentimento que a entrevista não atendeu às minhas expectativas no sentido de talvez não ter coletado informações suficientes. Me questionei: será que o instrumento de coleta será capaz de atender aos objetivos da pesquisa? Dois sentimentos se cruzaram: se as respostas ali colhidas seriam úteis para a composição do discurso e se houve acolhimento para essa mulher em sofrimento. Em meio às essas questões, me angustiava com o tempo de coleta que tinha pela frente. Compareceriam mulheres suficientes para coleta de dados? Ao mesmo tempo refleti sobre esses sentimentos de incerteza, que ainda era cedo para essa assertiva, pois pesquisar remete à possibilidade de sair das armadilhas de uma “razão pura” para uma razão mais sensível, acolhedora e uma solidariedade orgânica, apontada por Maffesoli (2009).

Cora-de-frade relata que foi encaminhada ao CEAM pela Casa da Mulher (instituição que acolhe mulheres em situações de violência). Ela me fala da importância que tem de ser acolhida diante dessa vivência de violência pelo parceiro. Isso me faz pensar que ser acolhida por alguém ou por alguma instituição remete a suporte, a um apoio orgânico que valoriza o “afetual”, que é um elemento necessário às relações sociais e que compõem a socialidade, em que a vida cotidiana se estabelece e de onde emerge a participação e a solidariedade (MAFFESOLI, 1998).

Percebo uma duplicidade de sentimentos que brotam. Possivelmente ela não soubesse nomeá-los. Apesar do uso da máscara, consigo perceber por meio dos seus olhos, um sorriso meio envergonhado, tímido. Sinto-me

mobilizado em estar frente a frente no encontro com uma mulher, que por ser tão jovem, já tem uma história de vida marcada pela opressão.

Ela me diz que antes da pandemia o parceiro já era ciumento e cessou a sua liberdade, até de ver TV, de sair, o que fragilizou relações com seus grupos de pertencimentos: parentes e amigos. Após essa declaração, ela dá uma pausa, respira profundamente e emocionada, relembra as agressões sofridas: *“Quando ele dava murro no meu rosto, nas minhas costas, me enforcava e meu pescoço ficava todo arranhado.”*

Sobre estar grávida e sofrer agressões, após breve silêncio me declara emocionada: *“O que mais me marcou foi quando ele me agrediu quando eu estava grávida. Eu estava esperando um filho dele e ele fez muita coisa comigo, eu não esperava”* e finaliza entristecida.

Notei que para suportar o vivido de violência, inconscientemente ela se apropriou de máscaras, disfarces por meio dos quais se refugiava com segurança permitindo o existir (Maffesoli, 1984).

Chora ao lembrar que precisou parar de estudar e não poder assistir às aulas remotas, pois o parceiro quebrou seu celular e isso lhe causou tristeza e que prende voltar a estudar. Chegando no final do encontro, **Cora-de-frade** declara que se sente decepcionada com a atitude do parceiro, pois imaginava que estando grávida a relação poderia ter sido diferente. Declara: "A pessoa pensa que virá uma pessoa ótima, que vai ser tudo diferente". Após esta declaração ela resolve parar a entrevista e da minha parte, eu já havia feito todas as perguntas. Ela finaliza dizendo: "tá meio difícil para mim, quero parar por aqui" e silencia, possivelmente pela emoção ao recordar o vivido, de VPI. E como nos ensina Maffesoli (2019, p 41), esse é "um silêncio que fala", é um não dito que tem muito a dizer.

O silêncio, assim como o choro, constitui forma de sobrevivência passiva, pois, por meio desse mecanismo, resistência se manifesta naquilo que está instituído (MAFFESOLI, 1984), em que pelo modo da astúcia, **Coroa-de-frade** protestou e rompeu com a ordem, abrindo espaços para outras possibilidades.

Desta primeira entrevista, como já sinalizado, saí com a sensação que a entrevista não fora suficiente para extrair as informações necessárias para alcançar os objetivos propostos. Acredito que isso diz muito da expectativa que

gerei, o que de fato aconteceu no encontro. O que mais me mobilizou nessa história? O fato de estar com uma moça tão jovem que poderia estar dando continuidade aos seus estudos, no trabalho que foi interrompido pela pandemia e a gravidez e isso me trouxe uma inquietação, uma certa angústia. Embora angustiado, me sinto também satisfeito com a escuta realizada, em que, nas minhas limitações, pude, ao mesmo tempo, cumprir o propósito ético da entrevista e acolher de forma sensível. Segue-se o encontro com a segunda mulher.

*“Alguns (relacionamentos) acabam em tragédia.
As vezes a gente não tem força de sair”,
Catingueira*

Diferentemente da primeira entrevista, me senti mais à vontade, possivelmente pela abertura que essa segunda mulher me possibilitou. Procurei revisar a conversa anterior para verificar onde poderia melhorar, uma vez que não me senti completamente contemplado com a primeira entrevista. Penso que talvez nunca estejamos prontos o quanto imaginamos estar, e que, cada encontro é uma nova descoberta, porque as pessoas e as vivências de sofrimento são singulares.

Isso me possibilitou não ficar na zona de conforto e estar atento aos desvelamentos próprios dessas existências. Um *ser-aí* de existência e de possibilidade de constituir-se abertura e nesse sentido para o desvelamento do Ser e das coisas no mundo (HEIDEGGER, 1999).

Mãe solo, **Catingueira** aceitou conversar comigo e sentiu-se muito à vontade durante o nosso encontro. Conta que, embora financeiramente independente, ela ainda mora com os pais.

Mais uma vez, o uso da máscara se apresenta como um dificultador da comunicação. Tenho consciência da necessidade do seu uso, mas reflito até que ponto esse equipamento de proteção pode atrapalhar a conversa. Percebi que em alguns momentos, a respiração de **Catingueira** era ofegante, não sei se por causa da máscara ou pelo teor de questões tão delicadas. Me mantive curioso para ver por inteiro o rosto da pessoa que estava ali comigo na conversa, na troca de emoções.

Consciente do seu processo de vivência de VPI e dos meios para sair da situação, ela me fala disso com uma pequena pausa misturada a um suspiro. Visivelmente emocionada, me diz que durante o distanciamento social estava separada do companheiro, mas acabou voltando a se relacionar e descobriu mais uma traição. Nesse momento voltou a sofrer não só violência psicológica, como também violência física e uma tentativa de homicídio. Foi aí que incentivada por uma pessoa, buscou ajuda no CEAM.

Como pesquisador, ouvir essas histórias me mobiliza. Afinal de contas, estar com o outro é voltar-se para processo "recordar, repetir, elaborar e construir" apontado por Sigmund Freud (1914). Essa riqueza de recordação, de repetição e elaboração de sentidos, permite que passado, presente e futuro se juntem, a fim de permitir uma reestruturação do vivido com a intenção de construir um humano mais pleno.

Mais um encontro que me mobiliza. Algum incômodo nisso? Ocorre que por um lado não é fácil ouvir sentimentos dessa natureza de violência, por outro, me sinto mais próximo dessas pessoas. E nesse sentido, é a manifestação da solidariedade orgânica do viver do viver-comum maffesoliano.

Catingueira, ao que me pareceu, encontra-se num processo de percepção de si e da relação abusiva que vivenciou com o ex-parceiro. No seu relato, fica evidente o quanto essa vivência a marcou profundamente, com impactos negativos na sua saúde mental e física. **Catingueira** diz que, *“a maioria das pessoas acham que não, mas sim, alguns acabam em tragédia e a ajuda psicológica é muito importante porque às vezes a gente não tem força de sair daquele relacionamento abusivo”*, finaliza falando do seu processo de busca por ajuda e de compreensão do vivido.

Desta conversa, me senti mais seguro e percebi que ocorreu uma maior fluidez por parte da entrevistada. Me chamou atenção sua implicação na conversa e seu processo de busca por ajuda. Uma jovem muito consciente dos seus limites e das possibilidades de que uma vivência de VPI pode desencadear no fim. Fiquei pensando o quanto é importante buscar ajuda e fortalecer os laços. Esta mulher buscou ajuda, mas quantas não conseguem e acabam morrendo? Finalizo essa entrevista o que denomino de satisfeito com o resultado, embora não seja isso especificamente que estamos em busca (sair satisfeito ou não), mas pela possibilidade de estar em campo e ter conseguido

coletar mais dados. Esse sentimento de dúvida e incerteza se terá alguém para entrevistar me acompanha. Para além disso, também me preocupo em fazer desse momento de conversa um modo de cuidar mais atento, sensível, uma escuta e atenção flutuante (LACAN, 1967), podendo fazer associações livres sem julgar, mas ouvir. Embora com o roteiro à mão, busquei não ficar preso a ele, nem também se deixar distanciar.

*“Não sei se me sinto culpada,
mas também me sinto liberta”*
Bromélia

Compareço mais um dia à instituição, cheio de expectativas sobre o que pode vir a acontecer. Expectativas das quais já tenho mencionado por meio da preocupação e receio de não ter público para entrevistar. Me vejo nesse lugar diversas vezes, um lugar da “urgência” e dar conta da coleta de dados em meio ao tempo que passa.

Sobre esse sentimento tento fazer exercício de viver o momento “*Carpe diem*”, ou seja, o aqui e agora. Essa possibilidade de viver o presente faz parte do que Maffesoli nomeia de presenteísmo em que devemos aproveitar o momento e não se preocupar muito com as coisas futuras. Se permitir nesses encontros “estar junto com” (MAFFESOLI, 2010).

Demorei alguns dias para entender que não seria fácil conseguir falar com as mulheres que ali iam surgindo. Por duas razões: a primeira porque essas mulheres já estão em um processo de sofrimento e talvez não quisessem deixar gravadas as suas narrativas e segundo, pelo fato de o pesquisador ser homem e isso remeter a imagem do agressor.

Avistei uma mulher que pensei na possibilidade de ela poder participar da pesquisa, mas em meio à movimentação a perdi de vista. No entanto, fui informado pela equipe que ela aceitou conversar comigo. Converso, ela demonstra disponibilidade e interesse em participar, apesar de estar atrasada para fazer exame de corpo e delito.

Trata-se de **Bromélia**, separada do companheiro recentemente em razão da VPI que se intensificou durante a pandemia e em um dos episódios de desentendimento entre o casal, utensílios domésticos foram quebrados pelo companheiro, o que fez com que ela acionasse a polícia, resultando na prisão

dele. Ela falava muito e gesticulava, deixando vir à tona a centralidade subterrânea das lembranças adormecidas de VPI.

Pouco a pouco foi se sentindo à vontade e me pergunta: "não vai passar na televisão, não, né?" Assegurei-a que não. Não poderia de forma alguma deixar que ela saísse daquele encontro com essa dúvida e ainda pelo somatório de dificuldades do dia a dia, como mulher e mãe nesse processo doloroso de violência. Corri o risco de ela não querer participar, mas como homem e ser ético não poderia prosseguir se algo a deixasse em dúvida.

Atenta às perguntas, percebi o receio dela em respondê-las quando declara: "*não sei se devo falar sobre...*". Esse receio também me acompanhou, pois eu temia fazer perguntas que ela não pudesse compreender e mesmo com esse cuidado, houve momentos em que foi necessário refazer a pergunta. Sobre esse aspecto é importante refletir que na elaboração de um instrumento para a entrevista se faz necessário conhecer o perfil das pessoas participantes, para que a linguagem utilizada na elaboração das questões seja favorável à colaboração dos menos intelectualizados (MAIA, 2020).

Bromélia é "dona de casa", cuida do filho com deficiência a quem ela chama de "o menino" e diz que, "*Eu vivia naquela luta com o menino*". Essa luta ele se refere aos cuidados diários que o filho demanda. Apegada à sua fé, antes do distanciamento social ia frequentemente à igreja, mas ficou impossibilitada e buscou alternativas para se manter conectada com o sagrado por meio da televisão.

Nesse sentido, durante a pandemia, ela perdeu contato com as pessoas da sua igreja, arranjo social de grande valia para mulheres que vivenciam a violência e encontram, por vezes, nesses espaços, acolhimento da sua dor (possivelmente em silêncio), mas encontrou na TV, meio de prosseguir na sua fé, respiradouro para essa mulher que vivencia uma turbulência entre as tarefas da casa e um parceiro incompreensível e agressivo quando faz uso de bebidas alcoólicas.

Nesse momento me pus a pensar nessa mulher, tendo o cuidado para não me perder em meio aos pensamentos, dado que, foi uma das conversas mais mobilizadoras. Passei o resto do dia a pensar na vida dela e no malabarismo que faz para sobreviver ao trágico de exposições à violência.

Diz que o companheiro a crítica por ela ir muito à igreja e que quer fazer tudo certo. Nesse cenário de acontecimentos, vivencia-se um misto de emoções: liberdade e culpa. **Bromélia** declara que *“queria que ele melhorasse, mas aconteceu... não sei se me sinto culpada, mas também me sinto liberta por algumas coisas, porque estava difícil para mim e para as meninas”*. Percebo tristeza no seu olhar e me questiono o porquê desse sentimento.

Talvez eu encontre resposta no simples fato de ela ser mulher, o que remete a uma cultura patriarcal que privilegia o masculino e coisifica a mulher reafirmando o discurso hegemônico sobre atributos socialmente construídos para homens e mulheres, pondo em relevo a visão estereotipada de mulher objeto e propriedade do macho (LERMEN; CUNICO, 2018).

Que dificuldades e sensações nasceram dessa conversa? Até aqui foi a mais longa conversa e que ao transcrever precisei de muita atenção. Foi um novo movimento de atenção e de recordação ao fazer essa transcrição. Recorrentemente tenho me mobilizado nessas escutas e de algum modo prefiro assim, pois me sinto mais próximo com quem converso. A simplicidade dessa mulher me chamou atenção. O seu jeito de conversar, de se expressar, a forma como ela se coloca, talvez culpada pela vivência de VPI.

*“É muito difícil sair (relacionamento).
É quase impossível. Eles são doentes”*
Jurema

E assim prosseguindo a minha busca por mulheres que tivessem o perfil da pesquisa. Encontro **Jurema**, que revela ter sofrido agressões durante as noites e madrugadas, foi em uma dessas ocasiões que ocorreu a agressão.

Me impliquei intensamente nessa conversa. Passei parte do dia pensando no vivido trágico dessa mulher. Ora, não é de se estranhar que após encontros dessa natureza, não se saia minimamente mobilizado. E assim o foi. Tenho sempre em mente que além de estar ali como pesquisador que deseja conversar e ver a pesquisa ganhando corpo, há também de se falar da dimensão psíquica, da dimensão da vida, das sensações de estar no encontro com o outro. É uma afetação que me atravessa e através dela me ponho dar andamentos e várias questões existenciais.

Esses encontros dizem de um estado de abertura e de confiança de alguém que se coloca à sua frente. No meu caso, frente a um desconhecido e permitir-se falar de questões pessoais da sua própria existência e de uma vivência marcada pela violência. Diante disso, se faz necessário refletir que "qualquer encontro carrega em si, as forças e as intensidades que o constituíram" (OLIVEIRA; MACHADO, 2021, p.418). Como já registrado em outro momento, cada encontro se revela de forma diferente embora o assunto central seja VPI.

As conversas, até aqui, não ficaram presas ao instrumento de coleta, até porque ele permite essa abertura e com **Jurema** não foi diferente. Me remeto mais uma vez à noção de solidariedade como possibilidade de uma escuta mais compreensível e próxima da mulher, que muitas vezes me endereça questões íntimas do seu sofrimento de VPI do vivido no cotidiano e que se intensificaram juntamente com as desigualdades entre os parceiros. E neste contexto, a solidariedade aproxima pessoas e permite-se ajudar mutuamente (MOSER; LAURO; SANTANA, 2021).

Porque a solidariedade orgânica tem um relevante valor social que impele a união entre as pessoas e "serve de cimento para essa estrutura antropológica essencial que é "viver com" (MAFFESOLI, 2020, p.57). Assim, foi preciso pensar no cuidado e suporte a essa mulher que em um dado momento da pandemia se sentiu duplamente incapaz de sozinha enfrentar a pandemia e o seu agressor. Pois o distanciamento social necessário, afastou dela seus grupos de pertencimento, principalmente familiares e amigos (COUTO et al., 2021).

Jurema é uma dessas mulheres com história marcada pela violência, pela dimensão do sofrimento, de autoestima rebaixada, resultado de um relacionamento abusivo e desrespeitoso. Ela me endereçou várias questões no decorrer da conversa e fez queixas. Apesar do cuidado e da escuta, havia um limite em que eu pude transitar. São questões que ela precisaria levar a um espaço específico de escuta. Em um certo momento ela me diz: "*eu grito dentro de mim e ninguém me escuta*".

Desta declaração tão reveladora, pude pensar como o silêncio atravessa as relações e nesse viver de sofrimento por VPI, muito mais. Que espaços de

acolhimento ou pessoas estiveram ou estão próximas dessa mulher para que sua voz por vezes silenciada possa ecoar?

Nesse sentido, recorrer a um amparo em situação de VPI é possibilitar um tipo de solidariedade que passa pela sensibilidade, pela afetuosidade e ajuda mútua (MAFFESOLI, 2009).

Diante da viabilização do sofrimento, a fala pode ajudar a nomear os sentimentos e dores vivenciadas. Maffesoli (2019, p. 23) fala de ruído interno em que o murmúrio da palavra fundadora é uma centralidade subterrânea”, permanecendo no íntimo, no oculto.

No decorrer da conversa falando dos “altos e baixos”, de seus problemas que não surgiram na pandemia, mas bem antes dela, revela que há muito tempo tenta sair desse relacionamento, mas, vez por outra, se vê no mesmo enredo: “me separei dele várias vezes durante esse relacionamento e todas as vezes ele me convencia que iria mudar e eu voltava”.

Esta narrativa é apenas mais uma entre milhares que reforçam maior dificuldade de um processo de separação do que a permanência em uma relação de VPI. Nessas situações, a tomada de decisão pode sofrer interferências decorrentes da preocupação da mulher com os filhos, da dependência financeira, insegurança e medo da solidão e de recomeçar (RAZERA; FALCKE, 2014).

Como se vê e para além de qualquer julgamento, essa relação complexa, é da ordem do pathos², com questões delicadas que **Bromélia** revela parecer maldição: “Eles são doentios. É horrível, é muito difícil sair, é uma coisa quase impossível” e reforça a dificuldade de pôr fim à relação desde xingamentos a ameaças de morte e declara que “*ele acabou comigo, eu era bonita*”.

Nessas situações, uma carga de sofrimento atinge integralmente mulheres que têm a autoimagem e autoestima rebaixadas, levando a desajustes psicológicos (GUIMARÃES et al., 2018). De maneira que **Jurema** está consciente desse sofrimento, das marcas deixadas por esse relacionamento, da afetação e dos desdobramentos na sua saúde física e mental. A exposição à VPI afeta a autoimagem da mulher, culminando no

² Pathos é pensado como sendo algo inerente ao ser humano e por isso mesmo qualifica o estudo de tudo o que diz respeito a este termo como sendo algo próprio do humano.

adoecimento físico e emocional desencadeando desinteresse pela vida, instabilidade emocional ressentimentos e danos emocionais que não sanaram, apesar do tempo transcorrido (SOUZA et al., 2018).

Percebo que ela vivencia uma pandemia paralela, provocada, não por um vírus, mas pela violência do seu parceiro: “ele foi a minha pandemia”. E dessa forma, finalizo o diálogo que me fez refletir que mulheres foram e serão mais penalizadas pela pandemia do que os homens, pois a necessidade de distanciamento social ampliou chances de virem a sofrer violência doméstica pela coerção dos agressores, o que denota a importância de se fortalecerem em suas redes afetivas para que, com o apoio emocional de amigos e familiares, possam romper com a relação de VPI (MAINART et al., 2021).

“Me surpreendeu e me deixou feito um nada”
Aroeira

“Quanto tempo vai demorar?”. Foi a pergunta inicial que ela me fez quando iniciamos uma conversa para saber se ela poderia participar da pesquisa. Respondi que em média uma hora ou até menos que isso, dependeria muito das perguntas e respostas. Os encontros são imprevisíveis e nesse sentido é preciso estar aberto para que as coisas aconteçam. Assim entendo, pois o encontro “é um modo existencial básico de abertura igualmente originária do mundo, de copresença e existência” (HEIDEGGER, 1999, p.191).

Aroeira, mãe solo, tem o pensamento rápido nas formulações das respostas. Sente-se mais feliz e encorajada após o retorno ao trabalho. Mostrou-se tranquila e decidida, sem constrangimentos ou receios, sendo perceptível a sua confiança.

Ela me diz que tudo teve início com uma discussão com o pai da criança. Os dois já vinham discutindo por troca de mensagens por telefone, mas a situação ficou mais grave quando o ex-parceiro resolve ir até sua casa e ameaçá-la de morte. Foi a partir disso que ela decidiu tomar uma atitude, denunciá-lo e como medida protetiva, passou a ser acompanhada pela Patrulha da Mulher que a aconselhou a buscar ajuda no CEAM.

Esse tomar atitude é revelador do senso do limite a partir da compreensão que a vida tem uma limitação diante do trágico de VPI para dar

um basta e buscar apoio nesses espaços de escuta e solidariedade. Nesse sentido, como aponta Maffesoli (1984) o senso do limite compreende como uma forma de o sujeito perceber que existe uma fronteira entre aquilo que ele pode tolerar e a decisão para mudar de postura.

E como se encontra essa mulher? Que sentidos e significados essa vivência de VPI lhe rendeu? Parece decidida a continuar o acompanhamento psicológico. Confessa que teve uma certa resistência, mas reconhece que precisa.

Durante a pandemia, **Aroeira** sentiu-se isolada, triste, em razão da pandemia, mas também pela violência que sofreu. Fala com emoção da decepção que teve com o parceiro, pois não imaginava que algo dessa natureza pudesse acontecer na relação ao dizer que *“foi uma coisa que me surpreendeu e me deixou feito um nada”*.

Sentimento semelhante trazido por **Coroa-de-frade**, quando falou que por estar esperando um filho não imaginaria que pudesse ter agressão, que imaginava poder construir uma família. Percebi que a ameaça dos parceiros permeou a vida dessas mulheres, com falas do tipo: *“vou lhe bater e se você for me denunciar, eu vou lhe matar”*, razão que justifica o sentimento de medo e baixa autoestima, uma vez que a VPI não se limita à esfera física, pois de modo silencioso impacta negativamente na saúde mental com diminuição da autoestima (GUIMARÃES et al., 2017).

*“Eu era um pouco alegre.
Hoje sou chorona”
Umbuzeiro*

Antes de conversar com **Umbuzeiro**, tinha acabado de conversar com a coordenação do CEAM para falar das dificuldades enfrentadas na coleta dos dados, pois poucas mulheres estavam comparecendo ao serviço e algumas estavam cancelando os agendamentos. Tentei me movimentar respeitando o que já estava *instituído* – as normas, os ritos, valores- naquele espaço, mas também procurando me localizar a fim de a pesquisa dar seguimento a pesquisa em pondo em andamento o meu modo instituinte de me movimentar sem ferir o modo de funcionar da instituição.

Umbuzeiro, mãe, disponível a conversar e atenta às perguntas, responde de forma rápida, clara e detalhada e com aprofundamentos nos

detalhes que permitem um entendimento da sua trajetória de VPI antes e durante da pandemia.

Em certo momento ela declara que "eu era um pouco mais alegre do que sou hoje, assim chorona". Ao falar chora e rir ao mesmo tempo, nessa revelação de choro e riso, essa mulher revela muito, da capacidade de o sujeito também rir como uma espécie de escape diante da violência (MAFFESOLI, 1987). Um riso expressado por segundos, mas que tem um valor diante desse vivido de violência.

Entre riso e choro, ao declarar sua vivência, denota um modo de resistência frente ao trágico que bateu à sua porta diante da existência. Segue a vida driblando as imposições da vida, seja através do seu silêncio, seja guardando suas dores em segredo, são estratégias de enfrentamento e camuflagem daquilo que é dolorido.

No início da conversa revela que "*ele não aceitava o fim do término e tentou me matar*". Apesar de não ter sequelas físicas, essa situação lhe deixou outras marcas, diz que se sente "*perturbada, com trauma, chorando, com medo*". Em alguns momentos ela chora, fica emocionada ao lembrar da violência sofrida em que o parceiro falou que iria matá-la. São lembranças que trazem um certo sofrimento. Como pesquisador, fico a pensar que essa mulher poderia não estar viva.

Este relato, juntamente com o de **Catingueira**, é a expressão do trágico da vida, como assim de muitas mulheres expostas à VPI. Marcas que podem ser superficiais ou profundas e que possivelmente as acompanharão por toda a vida. Experiências que para muitas mulheres teve um desfecho fatal, pois culminou em mortes. O trágico da vida não tem solução, pelo contrário, concorda com a morte (MAFFESOLI, 2020). Essas experiências negativas são como pequenas mortes na vida de uma mulher.

Umbuzeiro, diz que fora ameaçada diversas vezes pelo ex-parceiro e que isso a fez demorar de denunciá-lo. A história dela é também a história de outras mulheres que entrevistei. Um enredo de ameaças que gera medo e angústia.

Umbuzeiro declara com certo alívio a dizer que "*procurei ajuda, botei um fim, até então não vi mais a pessoa e estou seguindo tem mais de mês*". Mais uma vez uma mulher resolveu pôr fim a essa situação. As marcas ficam,

mas buscam meios para continuar a vida. Nesse caso, ela fala da importância do seu trabalho, das pessoas que ajudaram ela tomar uma decisão. Desse modo tem servido de respiradouro e da solidariedade encontrada no ambiente de trabalho e que ajudou para seguir a vida.

Muitas práticas de solidariedades, de ajuda mútua, de generosidade, de irmanação que servem para o fortalecimento dos laços sociais estão presentes no dia a dia (MAFFESOLI, 2014).

Embora na maioria das vezes o labor, o trabalho geram cansaço, para essa mulher foi um espaço para respirar, para a manifestação do cuidado. Compartilhar emoções e sentimentos fazem parte do elo social (MAFFESOLI, 2014), uma vez que o bom-humor só faz sentido quando o “Eu” partilha com o “Outro”

Umbuzeiro ainda está em processo de reconstrução daquilo foi quebrado internamente, procurando manter a estabilidade subjetiva e emocional, embora revela que está “meio pra baixo, meio desmotivada”. Ela finaliza a entrevista dizendo que “estou tentando me ajudar”.

Como registrado, esses encontros causam angústia diante de relatos de VPI. Embora não tenha sido diferente essa escuta no que tange a angústia gerada, saio fortalecido pela retomada de vida que essa mulher se permitiu, mesmo sabendo que há dias que a situação fica mais difícil para ela. Me sinto também potente para me colocar nesse trânsito de “irmanação” apontado por Maffesoli. Para ele “é necessário que se possa trocar para existir” (MAFFESOLI 1984 p.39). Estar em campo realizando uma coleta e permitir uma escuta é tão um momento de potência para mim frente ao sofrimento alheio.

“Fui tolhida de estudar, de vestir uma roupa, de sair.”
Juazeiro

Esse foi um dia de muita “agitação” na recepção. A maioria das cadeiras estavam ocupadas por mulheres. Busquei entender os motivos daquela agitação e a recepcionista me disse que teria um curso. Nesse meio tempo surge uma mulher que passou a ser atendida pela equipe. Foi um atendimento demorado que inviabilizou a possibilidade de conversar com ela, tanto pelo avançado da hora, quanto para preservá-la de repetir sua vivência de VPI

naquele momento de exaustão e dado que não compareceram outras mulheres, fui embora sem conversar. Ressalto, a importância de se estar atento às inadequações das práticas profissionais e estrutura no acolhimento a essas mulheres e que se atente ao suporte emocional diante do seu sofrimento (SOARES; LOPES, 2018).

Uma semana depois ela retornou e se dispôs a participar. Descreve o ex-parceiro como machista e acrescenta: *“quem conhece ele intimamente, quando parte para o grosso é que acredita realmente no que aconteceu”*. Ela teve outros relacionamentos. Narra que no primeiro, foi tolhida de estudar, proibida de vestir uma roupa, de sair, mas que no segundo, por sua vez, ela pôde ser mais livre. Pelo menos temporariamente, até surgir as primeiras rugas na relação, e com o passar do tempo, as repetitivas agressões. O que me fez refletir que a violência contra a mulher é marcada pela repetição, pelo ritual. E sobre isso, Maffesoli (2009) enfatiza o papel desempenhado pelo ritual para expressar acontecimentos trágicos da vida cotidiana, entre eles a VPI. Para o autor, estamos sempre girando em torno de uma mesma ideia e de uma só questão.

Diagnosticada com depressão e síndrome do pânico, ela acrescenta uma situação decorrente do vivido pela VPI que, *“com essa nossa última separação e devido a esses episódios (violência), a psiquiatra diagnosticou depressão grave com sintomas psicóticos, meu CID aumentou”*. Ao ouvir essa narrativa e de outras mulheres entrevistadas, parece que todas estão compartilhando da mesma situação muito semelhante no que diz respeito a um impacto na saúde mental.

Juazeiro, encontra-se afastada das suas atividades laborais em razão do seu estado atual de saúde. Vem de relacionamentos que considera terem sido abusivos. No último relacionamento vivenciou uma briga intensa e esteve bem próxima da morte, quando relata o que ouviu do parceiro, no momento da discussão a declara que *“eu não vou lhe matar para os meus filhos não ver eu matando a mãe, mas eu vou lhe pegar”*.

É mais uma narrativa, onde a morte poderia ter se concretizado em razão da VPI. O presente de violência de VPI é se deparar com episódios que a depender do nível de agressividade e desentendimento pode resultar em morte.

Por isso e não só por isso que se luta diariamente para eliminar todas as formas de violência contra as mulheres e meninas (ONU MULHERES, 2019).

É um relato que nos remete a uma ambivalência onde a vida e morte parece marcar o cotidiano dessas mulheres que vivem nesse estado de suspense, de ameaças veladas e às vezes explícitas.

“Levei surra de corda, de fio. Apanhei”
Caroá

Chego cedo no CEAM, faço o mesmo percurso de sempre: recepção, assistente social e psicóloga que me informa sobre o seu primeiro atendimento do dia: uma mulher encaminhada pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e que aceitou conversar comigo. Foi um atendimento rápido.

Caroá, mãe e está sem trabalho formal desde antes da pandemia, porque o parceiro não a deixava trabalhar. Uma mulher abatida e cansada, marcada pela VPI, em um imaginário de medo recorrente, que armazenado no subterrâneo, emerge em emoções e sentimentos que brotam.

Um imaginário atravessado pelo medo vai pouco a pouco ocupando o corpo do sujeito, vai aos poucos fazendo a sua inscrição corporal. É um medo real das coisas que são externas e por outro lado um medo imaginário daquilo que se pode associar. A esse respeito, mulheres que sofrem violência por parceiro transitam entre o medo real e o imaginário e isso gera angústia.

Em um relacionamento há doze anos, marcado por abusos, desrespeito e ameaças de morte, em que como ela diz *“era briga, agressão e tortura”*. O ex-parceiro está preso em razão de uma denúncia pelos inúmeros episódios de violências e por conta disso precisou ser conduzida para uma Casa Abrigo, onde ficou durante dois meses, mas pediu para sair.

Lá fez acompanhamento psicológico e psiquiátrico com uso de medicação. Vê-se que ela obteve apoio institucional, cuja solidariedade se fez manifesta para acolhê-la com afeto. Estar no encontro com essa mulher é também ser solidário e no curto tempo de escuta, poder manifestar afeto.

Caroá respondia somente o que era perguntado, sem delongar, sem se estender para outras questões. Frases curtas, pousadas, mas suficiente para entender e compreender sua vivência. Foi um relato muito forte de VPI

violência, ao dizer que *“leveí surra de corda, de fio, apanhei”* e complementa *“ele me acorrentava, ele me dava choque, ele me abusava”*.

São vivências parecidas, uma repetição vivenciada por todas: ameaças, xingamentos, reduzidas, rebaixadas. Homens que reduzem as companheiras ao nada, comportamentos abusivos e perversos entre outras situações mais graves deixando marcas visíveis e invisíveis. Esse quadro de coisas, tem gerado um viver menos alegre e inevitavelmente, com intensificação de medo.

Caroá fala do desejo de retornar à família e assim como a maioria das mulheres participantes, ela se sente envergonhada por sua vivência. Pergunto como se sente diante desse vivido e ela me diz: “me sinto mal, mal mesmo, com vergonha de mim mesma que não tomei uma atitude”.

Considerações finais

“Ouvir o barulho da relva crescer” (Maffesoli, 1984).

Diante do presente relato, percebo que a sensibilidade e a solidariedade orgânica, permitiram uma escuta afetiva de mulheres agredidas em um tempo atípico marcado por uma pandemia, ponto de partida para compreender repercussões negativas na vida de mulheres agredidas pelo parceiro íntimo, pois há de se admitir que são vivências muito singulares, dada às especificidades da nossa cultura regional.

Estudar o fenômeno da violência sempre me atraiu, mas também me causa repulsa. Transitei entre esses dois polos. Me interessei, primeiro, como objeto de estudo, como fenômeno, como acontecimento de um dado social, que atravessa saberes sociológicos, antropológicos, psicológicos e da saúde. Segundo, porque ouvir histórias de violências, fragilidades, gera um certo incômodo por perceber que a vida de alguém pode ser banida de forma tão cruel e que em uma “simples” discussão entre parceiros a vida pode esvaziar. Quando isso não ocorre, ainda assim deixa marcas físicas e subjetivas.

O contato com essas mulheres me possibilitou alargar a minha visão do quanto o “ser homem” precisa passar por modificações individuais e culturais.

Os encontros só reforçaram que é possível acolher com sensibilidade e que o fato de eu ser homem, em momento algum impediu que essas mulheres

pudessem falar das suas dores e traumas, pois de alguma forma poderia ter acontecido alguma resistência por parte delas.

Considero que o uso das máscaras, apesar de necessário, impediu de perceber muitas reações faciais, mas foi possível compreender um pouco da vivência dessas mulheres pelo olhar, gestual, riso, choro e por outros sentimentos ditos e não ditos presentes no viver cotidiano. Foi uma possibilidade de abertura que se deu, promovendo acolhimento, cuidado e bem-estar, mesmo que tenha sido por um instante de tempo.

Algumas escutas foram mais fluídas, no entanto, não deixaram de existir certos incômodos. Uma mistura de sensações - ouvir relatos dessa natureza, em que, em tão pouco tempo de conversa, situações tão delicadas são compartilhadas. Eis as minhas questões, limites e atravessamentos. Primeiro, porque não é fácil ouvir relatos de mulheres com sentimentos confusos em razão de uma parceria amorosa, ao que posso denominar de malsucedida.

Em segundo lugar, porque essas mulheres por si só, já têm uma jornada difícil na vida e ainda terem que conviver com um parceiro violento. Somado a isso, uma pandemia que agravou ainda mais o isolamento social.

Por último, porque ao terminar a entrevista, não há como não pensar no que foi ouvido. Compreendi que é preciso estar aberto e diante disso me dispus, apesar dos meus limites.

O fato de ser homem me trouxe uma preocupação como seria recebido por essas mulheres, mas não aconteceu maiores entraves. Me permiti vivenciar uma solidariedade mais orgânica, na perspectiva do “estar junto” revendo situações em que o instituído (da solidariedade mecânica) pode atrapalhar numa escuta mais sensível.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOMBARDI, Larissa Mies. Covid-19, desigualdade social e tragédia no Brasil. **Le Monde Brasil**, 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/covid-19-desigualdade-social-e-tragedia-no-brasil/> Acesso em: 29 de abr. de 2022.

CHUL HAN, B. **Topologia da Violência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

COUTO, Pablo Luiz Santos et al. Assistance strategies for women victims of genderbased violence during the COVID-19 pandemic. **ABCS Health Sci.** 2021;46:e021310. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/1677>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FAWOLE, OI, Okedare, OO & Reed, E. **O lar não era um porto seguro: experiências de mulheres de violência por parceiro íntimo durante o bloqueio do COVID-19 na Nigéria.** *BMC Women's Health* 21, 32 (2021).

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19. Violência doméstica e familiar na covid-19.** Disponível em: <https://www.ficcontent/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-e-familiar-na-Covid-19.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980

GUIMARÃES, RCS, Soares MCS, Santos RC, Moura JP, Freire TVV, Dias MD. Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. **Revista Cuidarte** 2018; 9(1): 1988-97. Disponível em: <https://lecourrierdesstrategies.fr/2020/03/20/maffesoli-la-pandemie-de-Acesso> em: 10 jul. 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Volume I, Petrópolis: Vozes, 1999.

H. S. Lermen, S. D. Cúnico. Análise dos comentários de notícias sobre violência contra as mulheres. **Estudos de Psicologia**, v. 23 n 1, 2018, 78-88. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n1/a09v23n1.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

INCERTI, Fabiano. BORGES, Dougla. **Fragmentos de uma pandemia (organizadores).** Curitiba: 2020 PUCPRESS, 2020 In: Être-ensemble? . Disponível em: https://identidade.pucpr.br/webapp/assets/images/instituto_ciencia_e_fe/upload/file19155_fragmentos-de-uma-pandemia-final.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Everton. Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19. **FioCruz**, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19#:~:text=Nos%20primeiros%20quatro%20meses%20de,incluindo%20s%C3%A1bados%20domingos%20e%20feriados>. Acesso em: 16 abr. de 2022.

MOSER, Alvino; LAURO, José; SANTANA, Juliana. Ética e solidariedade: uma lição da pandemia. **Revista de Filosofia**, v.21 n.3, p.283-297, outubro, 2021. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2457/1488>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre (RS): Sulinas, 2009

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A palavra do silêncio**. 1.ed. São Paulo (SP): Palas Athena, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A dinâmica da violência**. São Paulo (SP): Revista dos Tribunais, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: comunhão Emocionais**. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense, 2014.

MAIA, Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo** – Manual Didático. São Disponível em: file:///C:/Users/Marcelo%20Augusto/Downloads/2020_EBOOK_ManualDidtico_QuestionarioEntrevistasnaPesquisaQualitativa_AnaClaudiaBortolozziMaia.pdf. Acesso em: 16 abr. 2022.

OLIVEIRA, Richard. Entrevista como Experiência, Loucura como Método: Composição de uma Ética do Encontro. **Estudos Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 416-436, ago. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812021000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LACAN, J. **O seminário: O ato psicanalítico (1967 – 1968)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MAINART, Catherine Ferreira; Ellen Carine Lopes Silva. Mulheres e pandemia: breves reflexões sobre o recrudescimento da violência doméstica no Brasil durante as medidas de isolamento social. **Revista Transgressões: ciências criminais em debate**, v. 9, n. 1, agosto de 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/24204>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARQUES, Emanuele Souza et al., A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n4/1678-4464-csp-36-04-e00074420.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. Hucitec, São Paulo, 2017.

ONU MULHERES BRASIL. **16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres: 2019**. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/16dias/> Acesso em 20 ago. 2022

PESSOA, F. **O Guardador de Rebanhos**. In **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993.

RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise. Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar? **Aletheia** 45, p.156-167, set./dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n45/n45a12.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SOUZA; Lira. Imagem corporal de mulheres que sofreram violência física. **Revista Enfermagem UFPE on-line.**, Recife, 12(9):2276-82, set., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236462/29899> . Acesso em: 10 jun. 2022.

SOARES, JSF, LOPES, MJM. Experiências de mulheres em situação de violência em busca de atenção no setor saúde e na rede intersetorial. **Interface comunicação, saúde e educação**, 2018, 22(66):789-800. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/6qJ6qSmHMpZD4ZP4qwX8NVy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SCHMIDT, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 21(3), 173-192.

SEGUNDO MANUSCRITO

6.2 EFEITOS DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO DURANTE O DISNTANCIAMNETO SOCIAL NA SAÚDE FÍSICA E EMOCIONAL DA MULHER

Marcelo Augusto Saturnino da Silva

Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira

RESUMO

Objetivo: descrever efeitos da violência por parceiro íntimo durante a pandemia na saúde física e emocional da mulher. **Material e Método:** Estudo de abordagem qualitativa, realizado em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher da cidade de Petrolina, Pernambuco, Brasil. Participaram do estudo oito mulheres com idade entre 18 e 53 anos e que vivenciaram violência por parceiro íntimo. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada e dos dados foram coletados entre os meses de outubro de 2021 a dezembro de 2021 e organizados sob a perspectiva do método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os dados foram interpretados através do suporte teórico e metodológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano no pensamento do sociólogo Michel Maffesoli. **Resultados:** Das narrativas resultaram discursos coletivos demonstrando repercussões na autoestima, sentimentos angustiantes, tristeza recorrente, medo e impotência, interferindo na saúde física e mental da mulher proveniente de um cotidiano trágico de violência por parceiro íntimo na combinação de um contexto inédito de distanciamento social. **Conclusão:** O sujeito coletivo sofreu afetações no cotidiano pandêmico pela junção da VPI, resultando em um mal-estar emocional com possibilidade de finitude.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Pandemias; Atividades Cotidianas; Violência de gênero

INTRODUÇÃO

O isolamento social, necessário ao combate da disseminação do Novo Coronavírus, trouxe à discussão dados preocupantes sobre a violência doméstica contra a mulher (VIEIRA et al., 2020), que passou a conviver por maior tempo no mesmo espaço, onde compartilhou tensões de insegurança,

questões econômicas, de saúde e também de relacionamento íntimo (FBSP, 2021).

Neste contexto, o dia a dia da mulher sofreu mudanças em que vivendo maior tempo sobre o mesmo teto, muitas ficaram mais expostas à Violência por Parceiro Íntimo (VPI) e passaram a ser vigiadas por eles, inclusive com impedimento de manter contato com pessoas de suas redes de apoio como familiares e amigos, o que se configurou como manipulação psicológica (VIEIRA et al., 2020) com afetação da saúde mental. À medida que o isolamento social se prolongou, se intensificaram sintomas de depressão, ansiedade e depressão (ROMERO et al., 2021).

Contudo, é preciso considerar que, independentemente do contexto pandêmico, a VPI já é considerada um fator desencadeante de alterações do estado de saúde de mulheres, diante da dominação masculina e uso da sua força física (SILVA et. al, 2018). A forma como a violência foi manifestada nesse contexto de pandemia tem sido gradativamente descortinada.

Em um tempo muito incomum ao que era vivenciado e a partir dessa nova realidade imposta, as pessoas deram continuidade à vida em um cotidiano de incertezas e medo, onde a violência se apresenta em uma constância nas histórias humanas e traz significados e valores que atravessam tempos e espaços onde ela acontece (MAFFESOLI, 1987; 2001).

A exposição aos dois acontecimentos (Pandemia e VPI) é reveladora do trágico do cotidiano que se mostra de forma teatral, pois costuma-se encenar papéis para disfarçar e sobreviver ao vivido de isolamento e de VPI. Diante desta dimensão somada ao contexto pandêmico que trouxe implicações negativas à vida da mulher em vivência de VPI, esta pesquisa tem por objetivo descrever efeitos à saúde física e emocional da mulher que vivencia violência por parceiro íntimo durante a pandemia. Além disso, a capacidade de resiliência exercida por essas mulheres.

MATERIAL E MÉTODO

Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, recorte da dissertação de mestrado que tem como título *“COVID- 19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de Violência Por Parceiro Íntimo”*.

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM) na cidade Petrolina -PE, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – CEP da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAV, com parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430.

Os dados foram coletados durante os meses de outubro a dezembro de 2021, por meio de Observação Participante e entrevista semiestruturada, aplicada a oito mulheres maiores de 18 anos, assistidas por sofrerem VPI durante o isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19. Para preservá-las e garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, foram identificadas por pseudônimos de plantas típicas e resistentes do bioma caatinga. Uma forma de alusão à resistência ao vivido trágico de mulheres em contexto de VPI, aqui identificadas por Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá.

O acesso a essas mulheres se deu por meio de encaminhamentos da equipe interdisciplinar composta por psicóloga, assistente social e advogada. O conteúdo das narrativas individuais foi organizado pelo Método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica que consiste na seleção de conteúdos de experiências de vida comum com agrupamento de opiniões semelhantes para compor um discurso síntese. Para tanto, foram identificadas Expressões individualizadas semelhantes as Expressões Chave (ECH), que são trechos dos depoimentos que revelam a essência do conteúdo das narrativas.

As Ideias Centrais Sínteses (ICS) descrevem o sentido das falas. Para construção do DSC as expressões individuais foram agrupadas em categorias com opiniões semelhantes de diferentes participantes. Assim, foi formado um texto único, na primeira pessoa do singular como forma de demonstrar a coletividade falando através de um indivíduo (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2014) que compuseram Discursos Coletivos.

A interpretação das sínteses está fundamentada na Sociologia Compreensiva e do Quotidiano pelo pensamento sociológico de Michel Maffesoli em suas noções e pressupostos teóricos e da sensibilidade. Isso permitiu uma aproximação mais compreensiva do dia a dia das pessoas, ao que "convém restituir às diversas expressões desse senso comum seus foros de nobreza, e assumi-las intelectualmente" (MAFFESOLI, 1998, p. 251).

Para tanto, usou-se como ponto de partida, a razão sensível, ou a "razão completa que se enriquece com a experiência de todos os sentidos e do sentido de todos" (MAFFESOLI, 2010, p. 85), sem julgamentos prévios e a fim de capturar a potência subterrânea da mulher que resiste a um cotidiano real marcado por VPI.

Deste modo, para descrever efeitos à saúde física e emocional da mulher que vivencia violência por parceiro íntimo durante a pandemia, trabalhou-se a potência subterrânea. Utilizou-se também o senso do limite em suas categorias "o trágico", a "teatralidade" e formas de sobrevivência passiva como aceitação da vida, astúcia, duplo jogo e o silêncio (MAFFESOLI, 2010b)

Resultados e discussão

Caracterização do Sujeito Coletivo

Sujeito Coletivo composto por oito mulheres, entre 18 e 53 anos, de maioria solteiras (6), autodeclaradas pretas/pardas (5) e brancas (3), com ensino fundamental incompleto (3), médio incompleto (3) e superior completo (2), predominante de baixa renda: entre um e dois salários-mínimos (5) e sem renda fixa (3) que sofreram violência física (8), psicológica (8), patrimonial (5) e sexual (1).

A busca pelo atendimento no CEAM ocorreu por demanda espontânea (5) e por encaminhamentos (3) pela Patrulha da Mulher e pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O lócus de ocorrência da violência na maioria foi o ambiente doméstico (5) ou de forma concomitante: na rua e em casa (3). Dentre as oito mulheres, sete compareceram ao serviço pela primeira vez (apenas uma delas já se encontrava em acompanhamento). Dos sete atendimentos iniciais, somente uma mulher declarou não ter interesse em ser acompanhada pelo serviço

Discursos do Sujeito Coletivo

A ICS: "Minha saúde mental ficou afetada, não sei se por causa da violência ou por causa da pandemia" compôs o **DSC:** Saúde mental - afetações de um distanciamento social permeado por Violência por Parceiro Íntimo

Percebi que depois dessa violência minha saúde mental ficou afetada, porque eu chorava muito e sentia muita tristeza. Meu emocional ficou muito abalado, discutia por qualquer motivo e também quis me isolar. Não queria falar com ninguém. Então, isso me impactou. Me afetou muito porque antes eu fazia muitas coisas e agora não consigo fazer quase nada, ou seja, o meu emocional ficou muito abalado. Vi profissionais falando sobre saúde mental e de como por essa situação as pessoas poderiam ter algum problema mental. Então, aquilo bateu em cima de mim, a minha fisionomia, a minha situação com o marido e o clima dessa doença. Me afetou, não sei se foi por causa da violência ou por causa da pandemia, mas eu nunca me deixei entregar. Assim, mesmo eu lutando pela minha estabilidade física e mental, ainda me sinto impotente, não me vejo mais como uma pessoa normal. Estou boa e de repente fico sem paciência, perturbação, como se meu juízo tivesse fervendo. Uma vontade de surtar. Atualmente me sinto muito mais abalada, porque eu já vinha de um longo tratamento de três anos, me desintoxicando, aí veio a separação. Estava mais forte e com a minha autoestima mais elevada. Antes da pandemia fazia muitas coisas e agora não consigo fazer quase nada, fiquei meio insegura, numa depressão terrível, quase ficando louca. A violência física nem tanto, porque não ficou marca, mas a emocional sim, por lembrar da cena que foi uma surpresa (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá)

Como se verifica, o sujeito coletivo revela que a sua saúde mental foi afetada de alguma forma pela manifestação da VPI, à medida que percebe sinais de tristeza, choro frequente, depressão, desejo de se isolar. Além disso, sensação de surto e reconhecimento de uma impotência.

Em um estudo com a aplicação dos Inventário Beck para avaliar sintomas depressivos e de ansiedade, constatou que há relação entre o vivido de violência e o aparecimento desses sintomas (BITTAR et. al, 2013). Por esse referencial, podemos pensar que situações traumáticas como uma pandemia

impacta negativamente a vida de mulheres por favorecer uma “pandemia paralela” resultado da maior exposição à VPI.

A experiência vivenciada e contida nos discursos, revela o sentimento trágico da existência que marcou a vida da mulher. Pois apesar das dificuldades intensificadas pela pandemia, buscou resistir à opressão do seu agressor, em uma demonstração da sua força de viver, ou potência subterrânea (MAFFESOLI, 2010) que emergiu nas alterações emocionais.

Portanto, o trágico destino que por essência faz parte do movimento da vida como se dele não pudéssemos fugir, não significa que diante da exposição à violência uma mulher deva permanecer na relação, como se não pudesse sair da situação e recomeçar a vida. Existe no discurso formas de resistência passiva disfarçadas nos sentimentos de tristeza, choro e no silêncio, pois diante da dominação do agressor, o sujeito coletivo buscou formas de sobreviver.

Os sentimentos revelados pelo sujeito coletivo demonstram fragilidades impulsionadas pela exposição à violência, que desfez um imaginário almejado para uma relação, onde a cumplicidade, respeito e amparo, caem por terra. É a revelação do trágico tendo como pano de fundo as agressões em suas variadas modulações e vivências entre os parceiros. Contínuos fechos e desfechos na relação que por ser tão doloridos ficam armazenados e preservados pelo silêncio.

A brutalidade exercida pelo parceiro afetou sobremaneira a saúde mental do sujeito coletivo, em que o isolamento se tornou duplo (o forçado e o desejo de se isolar), evidenciando um prenúncio de afetação negativa à saúde mental. Evento esse que atingiu desproporcionalmente mulheres nas Américas e de algum modo ameaçou o seu desenvolvimento e bem-estar fazendo com que a desigualdade de gênero na saúde fosse ainda maior (OPAS, 2022).

Das narrativas, evidencia-se as diversas facetas pelas quais a VPI pode se insinuar e incidir sobre a vida da mulher. Fica posto diante do discurso do sujeito coletivo, que as inúmeras marcas ultrapassam a esfera do corpo materializado, se sobrepondo e impactando processos psíquicos básicos e elementares como a memória/lembrança, por exemplo.

Neste recorte do discurso, *“a violência física nem tanto, porque não ficou marca, mas a emocional”*, vê-se que o sujeito coletivo faz um comparativo entre

as violências vivenciadas e, na sua percepção a violência emocional se sobrepõe à física. Há uma minimização do que foi sofrido pelo corpo físico. Diante disso, podemos inferir que tanto a violência física quanto a psicológica tem efeitos diversos. No entanto, ambas constituem violências e não podem ser toleradas. Dessa violência banal vivida no cotidiano, ao que parece o sujeito coletivo lança mão de uma resistência passiva, elemento tão fundamental na manutenção das vivências sociais. E nessas situações VPI a mulher resiste passivamente para se opor à dominação do macho.

Ainda sobre o discurso, nota-se a dor física transcende o corpo concreto e transpõe para o existencial. É uma violência que afeta a mulher em seu ser e no seu bem-estar no mundo. Uma afetação expressa no corpo visível com marcas reais, mas também no invisível com marcas sensíveis, simbólicas (MERLEAU, 2006; SOUZA, et al., 2020).

A VPI também afetou o modo como a mulher se reconhece diante do espelho, ao revelar que sua fisionomia não é a mesma, podendo essa mulher não mais se reconhecer ao se olhar no espelho. Ela sente uma demasiada tristeza, que vai mortificando o corpo, o espírito, a feição e como já afirmado por Maffesoli (1984) é uma morte aos poucos que vai se estabelecendo. Um modo de morrer cotidianamente (JUNIOR, 2020).

Neste contexto de violência projetada no corpo da mulher, o que entendemos como racionalidade parece perder todo sentido de humanização e cordialidade entre as pessoas, diante da brutalidade/dominação exercida por homens contra as mulheres. Desse modo, recorreremos à razão sensível que nos “enriquece com a experiência de todos os sentidos e do sentido de todos” (MAFFESOLI, 2010, p. 85).

De tal modo que, conforme propõe o mesmo autor, levarmos em conta a valorização de uma razão mais sensível, em um tempo pós-modernidade, onde a emoção seja apreciada e não o racional (MAFFESOLI, 2015). Partindo dessa discussão entre a razão e emoção se destaca como possibilidade de um viver mais afetivo.

Além de todos os demais impactos negativos da VPI na vida dessas mulheres, vê-se também que a saúde mental também sofreu interferências danosas no que diz respeito à qualidade do sono desse sujeito coletivo, fruto de uma vivência de violência no cotidiano de relações conflituosas.

ICS: “A perturbação do homem atrapalhava o meu sono”, originado o **DSC:** Distúrbios do sono relacionados à VPI

Acho que eu não dormia muito, não era por causa da pandemia, eu não dormia muito por causa da perturbação do homem. Atrapalhava o meu sono, atrapalhava tudo, porque fico com medo dele sair e me matar. Boto isso na cabeça, não vem sono, por isso, não consigo dormir. Às vezes eu deitava na cama, durante a noite e perdia o sono totalmente, não era aquele sono de você tirar a noite pra dormir, uma coisa que você dorme e acorda e sente dificuldade para dormir de novo e você sempre acorda cansada. Aí entrei numa vibe de trocar a noite pelo dia, estou sem dormir porque não quero tomar remédio, eu quero pensar. Estou de plantão, não consigo dormir. Então, não durmo nem dia nem de noite. Se eu dormir uma hora é muito. Depois desses acontecimentos não tenho mais aquele sono tranquilo. Estava tão exausta de não dormi, aí a médica passou uma medicação leve, uma vitamina que tomei e foi muito bom e voltei a dormir. Eu começava a dormir e o sono parava, ia pensar naquela situação. Assim, mesmo que possa tirar uma noite boa de sono, sempre estou cansada e hoje tá muito pior. Então meu sono é instável, não consigo dormir sem remédio (Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá).

Verifica-se que as circunstâncias de uma vivência de VPI alterou o sono da mulher, em virtude de situações estressoras e sobretudo de um adoecimento emocional intenso. O sono interrompido e noites mal dormidas, possivelmente por estarem próximas aos parceiros deixando-as em estado de vigilância, são efeitos de um medo intenso de que novas agressões possam ocorrer (SCHMIDT et al., 2016).

O sono constitui uma atividade de grande importância para fisiologia e bem-estar físico e mental na geração de qualidade de vida. A interferência no sono, ou seja, a presença de insônia é um demonstrativo de afetação à saúde física e mental (CALLI, 2021). Estudos comprovam que a VPI tem um impacto negativo nas relações familiares, além de desenvolvimento de problemas

físicos e mentais, como alteração do sono, ansiedade e depressão (OLIVEIRA, & COELHO, 2009; DILLON, HUSSAIN, LOXTON, & RAHMAN, 2013;).

Há de se considerar o quão é atormentador estar com o parceiro e não ter segurança nem emocional nem física. Um estado quase de vigilância e atenção permanente, que dia após dia impossibilita um viver mais real no cotidiano dessas mulheres, tão já marcado por outras questões, como a já existente responsabilização das atividades domésticas anteriores e que se intensificaram durante a pandemia (MONTICELLI, 2021). Este cenário foi por demais doentio e que pouco a pouco foi minando as forças físicas da mulher. Dessa forma, menos vida e plenitude emocional (OPAS, 2021).

Pode-se ainda, pensar sobre essa contradição que é não poder pegar no sono porque o parceiro é a causa disso. Aquele que deveria ser fonte de segurança, calma, aconchego – está presente. Não se quer aqui partir de uma lógica machista de que é “o homem é quem protege o lar”, mas do simples entendimento que as pessoas se relacionam pensando no cuidado mútuo que gera segurança, proteção e não o contrário. Permanecer em vigília é da ordem do animalesco, pois em situações assim animais não dormem quando sentem que podem virar presa, sempre atentos ao malfeitor que pode estar à espreita.

O que foi revelado no discurso do sujeito coletivo, constitui um mergulhar na angústia em terras obscuras. O que se viu em tempos de isolamento social foi afetação psicológica pela alteração no humor (rebaixamento), irritações, medo, raiva, insônia (CEPEDES 2020; ORNELL et al., 2020).

ICS: "Essa violência foi tão marcante que acabou influenciando a minha vida, depois dela, não sou a mesma pessoa de antes", originando o **DSC:** VPI: marcas que o tempo não apaga

Durante esse tempo de pandemia, algumas coisas me marcaram como esse detalhe dessa violência dele que chegou ao ponto de eu sofrer agressão na gravidez, já na semana de parir e ter que parar de estudar, porque do nada ele começou a cismar comigo, aí eu parei de estudar. Ele quebrou meu celular, e levou até o fio elétrico, para me eletrocutar, foi muito ruim, fiquei muito triste. Além disso, sofri violência física do meu pai, marcou até agora, não sei se vou esquecer. Então, durante essa pandemia o que mais me marcou foi esse

detalhe que chegou ao ponto de me levar até o fio elétrico para me eletrocutar, ameaçando que ia me comer de dente. Teve muitas, mas essa foi horrível, porque essa violência foi tão marcante que acabou influenciando a minha vida, depois dela, não sou a mesma pessoa que eu era antes, atualmente sou assim, chorona, meio pra baixo, meio desmotivada, ainda me sinto impotente (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Umbuzeiro)

Na narrativa, vemos homens destemidos para o mal. Maffesoli (2004) refere-se a tempo presente como “o lugar do mal”. Nesse processo de violência eles foram contumazes no comportamento de abusar, de afrontar e perturbar a vida das parcerias seja pela via do corpo ou do simbólico, onde o dominante se coloca na nua posição de naturalização das coisas (BOURDIEU, 2014).

Permanecer ao lado de parceiros abusivos em um cotidiano com ou sem isolamento social, é no mínimo desorientador e gera mal-estar. Ocorreu também uma ritualização que se deu também na direção do controle de aparelhos telefônicos (LEWGOY, 2021) impedindo-as de ter acesso às suas redes sociais e com isso limitando a ampliação de contatos e minando os já existentes, tão necessários na pandemia.

O Discurso Coletivo mostra que os efeitos da VPI extrapolam lesões físicas visíveis, revelando um cotidiano de manifestações da ordem do trágico pela VPI. Vai da dominação, passando pela agressão física a ponto de crueldade gritante, perversa (tentativa de eletrocutar) e explícita frente ao outro.

Disso resulta um sujeito frágil e desanimado frente à vida, dando lugar a pulsão de morte. Como defende Laplanche (1996), que a pulsão de morte aponta para morte do eu existencial.

Na narrativa do sujeito coletivo se vê em um cenário de perversidade pela possibilidade de ter sido eletrocutado. Diante dessa cena, de violência banal, o sujeito coletivo pôde ter se apropriado da forma de resistência passiva em oposição a essa situação de dominação perversa pelo opressor. A resistência passiva como aponta Maffesoli (1987) é uma estratégia de sobrevivência frente a vivido. Uma violência que poderia ter levado à morte. Nessa relação entre o trágico e o medo o limite está na morte (MAFFESOLI, 2003).

O senso do limite, surge nessas situações limites da vida cotidiana. Maffesoli (1984) nos oferece um entendimento a respeito do senso do limite

como uma artimanha que utilizamos para nos defendermos de situações de dominação.

Nesse caso, a morte foi uma possibilidade que se apresentou pelas mãos do parceiro violento e de alguma forma o sujeito coletivo se apoderou da teatralidade para minimizar o trágico. Diante desse ritual de agressões e perversidades, ao que tudo indica essas mulheres permitiram que o senso do limite brotasse através da teatralidade cotidiana como manejo de ultrapassar suas dores.

Recorrer a teatralidade foi uma possibilidade de vida frente a um vivido trágico em que a morte poderia ter sido concretizada em decorrência da VPI. Nesse balanço vivencial de episódios de violência pulsões de vida e morte se cruzam o tempo todo.

O próximo discurso coletivo destaca para a noção de como a VPI interferiu na autoestima do sujeito coletivo. Uma “desconfirmação” da imagem do sujeito, gerando um mal-estar com a sua própria identidade, ou seja, uma desconfiguração entre o sujeito em seu estado de potência.

ICS: “Ele conseguiu deixar minha autoestima em baixo”. **DSC:** Quando a autoestima fica rebaixada

Eu me sentia como se ele tivesse querendo me deixar com a auto estima em baixo, me depreciar, porque ele me falava que eu não era mulher pra ele e querendo ou não, ele conseguiu. Porque depois desse acontecimento eu não sou a mesma pessoa que eu era antes. Realmente eu não consigo. Pode ser que um dia isso mude, mas no momento eu não consigo ser a pessoa que eu era antes. Não sou mais a mesma pessoa de antes, depois desses acontecimentos fiquei me sentindo um nada, desqualificada como mulher. Quando eu estava com ele me sentia rebaixada, sem força, sem vontade de me arrumar. Fiquei nesse isolamento com trauma, com vontade de sumir, de tirar a própria vida, para mim nada mais valeria a pena. Foi como se eu não pudesse resolver e fiquei triste, me fechando, sem vontade, sobrecarregada, sem força, envergonhada da minha situação de meus filhos ver o que eu passei, porque ele conseguiu deixar minha autoestima baixa, totalmente baixa. Não gostava de me arrumar, não me sentia bonita. não tinha vontade de sair

acabei sofrendo com esses acontecimentos que ainda me causam dor. Minha autoestima realmente ficou pra baixo. Eu acabei sofrendo um tempo com esses acontecimentos. Quando eu lembro, ainda me causa um pouco de dor. Minha autoestima está lá embaixo, muito impactada, me senti um nada por ter acontecido isso, mas estou me reconstruindo (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro).

Pela leitura da narrativa, verificamos um imaginário absurdamente marcado pelo medo, pela opressão que pouco a pouco foi minando a saúde física e mental. Maffesoli nos fala de um imaginário que ao mesmo tempo faz parte da cultura, mas que também tem uma posição de aura como força maior e que também alimenta. O autor completa dizendo que “o imaginário é além do racional, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo” (MAFFESOLI, 2001, p. 77).

Para esses parceiros as agressões não se encerram nelas próprias. Há algo para além disso que foi o de desestabilizar (intencionalmente ou não) o funcionamento da mente dessas mulheres, no ocorrido do jogo relacional. Seja na repetição ou na ritualização no cotidiano pela opressão, insinuações negativas, xingamentos, difamações, injúrias e tantas outras formas de atingir a mulher. Formas de diminuir a mulher enquanto, mãe, parceira ou qualquer outra possibilidade de existência.

Percebe-se que o vivido trágico de VPI resultou em um sofrimento tal, que gerou no sujeito desejo de autoagressão. Nesse sentido, vale a pena discutir que ideação suicida revelada pelo sujeito coletivo foi possibilidade frente ao vivido de violência, que se tornou insuportável e trágico. Há pessoas que se matam pelo excesso e pela falta de sentido e nesse sentido da passagem em ato o sujeito que se mata de alguma forma tenta-se dar um fim a imagem de si (VERAS, 2009).

Pensando o suicídio na perspectiva de gênero é importante notar que as tentativas de suicídio entre mulheres são maiores do que entre os homens, onde 67,55% das notificações de suicídio entre 2010 e 2018 aconteceram com mulheres (NEXO, 2021). Entre mulheres, o aumento no número de suicídios já é duas vezes mais rápido do que em relação aos homens (AMBRA, 2019).

Portanto, o sucedido também precisa ser pensado sob a perspectiva de gênero, quando se constata que mulheres em situações de violência como também relações abusivas, privação de liberdade e agressões psicológicas são 30 vezes mais propensas a cometer suicídio (NEXO, 2021).

Considerações finais

Os discursos coletivos permitem perceber que a sua saúde emocional e física sofreu inúmeros efeitos através da VPI em tempos pandêmicos, marcando o cotidiano do sujeito coletivo por momentos de tristeza, choro, medo e impotência. Uma “epidemia paralela” rodeou o cotidiano dessas mulheres

Um desvelamento de sentimentos angustiantes provenientes da situação de VPI e afetações na relação como um todo. O sujeito coletivo que vivência a violência consegue em meio ao vivido fazer demarcações de afetações negativas entre a violência física e seu emocional como sendo a mais afetada no resultado desse vivencial tórrido.

Cabe, ainda, apontarmos que a VPI afetou autoestima do sujeito coletivo. Um rebaixamento da imagem da mulher. Isso envolveu a intromissão do parceiro diretamente na vida da parceira e, em termos de saúde mental foi devastador essa condição infortúnia de dominação e violência. Um reducionismo, uma “desconfirmação” como pessoa.

Chamou a atenção o fato de o morrer se encontrar tão próximo da mulher, diante do ritual da VPI em seus repetitivos episódios, seja pela dimensão da VPI, situação perturbadora e angustiante para quem viveu essa experiência pulsativa da finitude, quando em sofrimento psíquico o sujeito cogita por um fim à vida.

As marcas dessa vivência devastadora da VPI em tempos de pandemia ainda estão em processo. Exigem estudos e acima de tudo, a manutenção do cuidado para esse grupo, mediante promoção da saúde emocional, enquanto perdurar esse mal-estar no cotidiano da mulher agredida.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro. Cartografia da masculinidade. Do mito aos horizontes de desconstrução. **Revista Cult**, 2019, nº 242, ano 22.
- BITTAR, Danielle; KOHLSDORF, Marina. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Psicologia Argumento**; 31(74): 447-456, jul.-set. 2013. Disponível em: Acesso em: 20 mar. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina* Tradução de Maria Helena Kühner. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012.
- CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM SAÚDE. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41030/Sa%
e-Aten%
recomenda%
Acesso em: 20 jun. 2022.](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41030/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%c3%a7%c3%b5es-para-gestores.pdf?sequence=2&isAllowed=y)
- DILLON, G., Hussain, R., Loxton, D., & Rahman, S. (2013). Saúde Mental e Física e Violência por Parceiro Íntimo Contra a Mulher: Uma Revisão da Literatura **Journal of Family Medicine**, 13. doi:10.1155/2013/313909. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23431441/>. Acesso em: 20 jun. 2022
- TELELS, S. L; CALLIL, M.V. **Distúrbios do sono durante a pandemia de COVID-19**. Fisioterapia e Pesquisa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - São Paulo (SP), Brasil. Editorial. 28 (2) Abr. Jun. 2022.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 3ª edição – 2021**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf> Acesso em 14 mar. 2022.
- LEFEVRE, Fernando.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto e Contexto – Enfermagem**.local v.23, n. 2, p. 502-507, 2014 Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072014000200502&script=sci_](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072014000200502&script=sci_abstract&tlng=pt) abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2020.
- LEWGOY, Júlia. Violência patrimonial, quase invisível, destrói a vida de mulheres. **Valor Investe**. São Paulo, 10 de maio de 2021. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/05/10/violencia-patrimonial-quase-invisivel-destroi-a-vida-de-mulheres-entenda.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **Violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre (RS): Sulinas, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do Diabo: Resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Tradução Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Famecos*, v. 8, n. 15, 2001; p. 74-82. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTICELLI Thays. Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções? **Revista Sociedade e Estado** – Volume 36, Número 1, janeiro/Abril 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/phBY7c5NGY3vFjBmDNnnKNJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOUZA, Camila Pereira; BLOC, Lucas Guimarães; MOREIRA, Virginia. Corpo, Tempo, Espaço e Outro como Condições de Possibilidade do Vivido (Psico)patológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. 2020, Vol. Esp. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v20nspe/v20nspea14.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

Organização Panamericana de Saúde. (2022) **Pandemia de COVID-19 afetou mulheres desproporcionalmente nas Américas**. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/noticias/8-3-2022-pandemia-covid-19-afetou-mulheres-desproporcionalmente-americas#:~:text=Washington%20D.C.%2C%208%20de%20mar%C3%A7o,Am%C3%A9rica%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OPAS\)](https://www.paho.org/pt/noticias/8-3-2022-pandemia-covid-19-afetou-mulheres-desproporcionalmente-americas#:~:text=Washington%20D.C.%2C%208%20de%20mar%C3%A7o,Am%C3%A9rica%20da%20Sa%C3%BAde%20(OPAS).). Acesso em: 16 abr. 2022.

Organização Panamericana de Saúde. (2021). **Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline Bohrer; SORDI Anne Orgler; KESSLER, Felix Henrique Paim. Pandemia de medo e covid-19: impacto na saúde mental

e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria** - Abr-Jun 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35/23>. Acesso em: 30 jun. 2022.

ROMERO, D.E et al. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho, Rio de Janeiro. **Cadernos da Saúde Pública** 37(3), 2021. Disponível em: Acesso em: 16set. 2021.

SCHMIDT, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SILVA, Ireuda. Vítimas constantes de violência doméstica, relações tóxicas, privação social e agressões psicológicas são 30 vezes mais propensas a morrer por suicídio. **Nexo Jornal**, São Paulo, 24 de setembro 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Viol%C3%Aancia-contra-a-mulher-e-suic%C3%ADdio-como-se-conectam>. Acesso em: 6 abr. 2022.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, P. 1-5 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201. Acesso em 23 nov. 2020.

VERAS, Marcelo. A Solidão dos Hiperconectados. **Revista Cult**, 2019. n . 250 ano, 22.

TERCEIRO MANUSCRITO

6.3 Imaginário de mulheres em vivência de Violência por Parceiro Íntimo durante a pandemia de COVID-19: discurso coletivo

Marcelo Augusto Saturnino da Silva
Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira

RESUMO

Objetivo: compreender o imaginário e o viver cotidiano da mulher em situação de VPI durante o isolamento social pela pandemia. **Material e Métodos:** Foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa, no Centro de Referência de Atendimento à Mulher da cidade de Petrolina, Pernambuco, Brasil. Participaram do estudo oito mulheres com idade entre 18 e 53 anos e que vivenciaram violência por parceiro íntimo. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada e dos dados foram coletados entre os meses de outubro de 2021 a dezembro de 2021 e organizados sob a perspectiva do método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os dados foram interpretados através do suporte teórico e metodológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano no pensamento do sociólogo Michel Maffesoli. **Resultados:** Das narrativas resultaram discursos coletivos demonstrando que o isolamento social intensificou episódios de violência numa relação já marcada por conflitos bem antes do contexto pandêmico e a intensificação destes de conotações significativas à vida das mulheres marcado por um imaginário de medo e vergonha. **Conclusões:** Os discursos coletivos revelaram que o cotidiano da mulher sofreu alterações no isolamento social em razão da VPI pela conjunção de vários fatores relacional e comportamental.

Palavras-Chave: Isolamento Social; Imaginário; Atividades Cotidianas; Pandemias. Violência de gênero

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um assunto visto como problema social, pois afeta a vivência, a integridade física e psicológica das mulheres que são submetidas a alguma forma de violência. Esse problema veio ainda mais se agravar, pois com isolamento social durante a pandemia de COVID-19, mulheres passaram a dividir o mesmo espaço de convivências com possíveis e potentes agressores, trazendo reverberações no aumento de casos de violência doméstica (SOUZA et al., 2022).

Já nos primeiros meses de isolamento, órgãos do governo, já traziam dados dessa nova realidade. Durante fevereiro, março e abril de 2020, a violência doméstica teve um aumento de 14,12% em comparação com o mesmo período de 2019. A situação foi se agravando com o passar dos dias. O número de denúncias registradas pelo ligue 180 em março de 2020 foi 17,89% maior do que no mesmo mês de março de 2019. Em abril de 2020, as denúncias aumentaram 37,58%, quando comparadas com o mesmo período de 2019 (BRASIL, 2020).

A revelação dos dados estatísticos de que a violência contra a mulher estava aumentando foi importante para buscar meios de proteção. No entanto, a discussão do fenômeno da violência em tempos de isolamento social, merece ser discutido por outras perspectivas como as relacionais e afetivas. A partir disso, compreender imaginários de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo.

Esta pesquisa se dispõe a trazer contribuições para discussão da violência contra a mulher em um contexto de pandemia, acontecimento disparador de inquietações e intensificação da violência em torno do feminino. Visa também provocar discussões na esfera acadêmica contribuindo com os múltiplos saberes em torno de um cotidiano em que a violência aconteceu e acontece a fim de produzir cuidado para quem sofre.

Assim, objetiva-se compreender o imaginário e o viver cotidiano da mulher em situação de VPI durante o isolamento social pela pandemia. Espera-se dessa forma, trazer uma discussão que pense as relações afetivas entre os parceiros e pensar aspectos culturais que atravessam o cotidiano, a vivência de mulheres em situação de violência.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa se apresenta com elementos da subjetividade humana e por isso priorizou-se compreender os fenômenos. É, portanto, de abordagem qualitativa, com recorte da dissertação de mestrado intitulada *“Covid 19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de Violência Por Parceiro Íntimo”*. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de

Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – CEP da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAV, com parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430.

Foi desenvolvida no Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM) na cidade Petrolina-PE, com dados coletados no período de outubro a dezembro de 2021, com a participação de oito mulheres maiores de 18 anos, assistidas durante a pandemia de COVID-19 por estar em situação de VPI.

O CEAM assiste mulheres em situação de violência, com garantia de assistência social, jurídica e psicológica. Salienta-se que durante a pandemia, não houve descontinuidade de atendimentos. Estes adaptados ao ambiente virtual através do uso de tecnologias da informação.

Os dados foram obtidos por meio de entrevista na modalidade semiestruturada de observação participante. As entrevistas duraram em média uma hora e foram gravadas com a permissão das participantes. Estas foram identificadas por nomes fictícios de Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá, plantas típicas e resistentes do Bioma caatinga, uma alusão à resistência delas ao vivido trágico de Violência por Parceiro Íntimo.

Como técnica, a Observação Participante, foi utilizada para melhor registro sobre impressões, reações e sentimentos advindos da minha percepção. Trata-se de um modo de estar próximo às pessoas e buscando conhecer suas experiências (MONTERO, 2006) e sensibilidade que foram tomados nota em Diário de Campo, constituindo ferramenta importante na análise dos dados (WEBER, 2009).

Após transcritos, os conteúdos das narrativas individuais foram explorados pelo Método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica que consiste na organização de dados qualitativos oriundos de narrativas individuais, que são fontes de seleção de trechos de grande significado de cada resposta, identificados como Expressões Chaves (EC). A síntese dessas EC denomina-se Ideia Central Síntese (ICS) que compõem discursos-síntese para representar o pensamento coletivo que sem perder a essência, apresenta-se como um discurso individual (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2014).

Para construção do DSC as EC semelhantes foram agrupadas em categorias em texto único que compuseram Discursos Coletivos, (ROCHA,

2009). As sínteses foram interpretadas à luz do referencial teórico e metodológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano de Michel Maffesoli em suas noções e pressupostos teóricos e da sensibilidade.

Para melhor compreender o vivido no cotidiano da mulher, optou-se pelas noções de imaginário e potência subterrânea. O imaginário é “o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Compreendemos que a noção de imaginário se aplica a este estudo para capturar situações singulares do vivido pelas mulheres em situação de VPI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização do sujeito coletivo

O sujeito coletivo foi composto por oito mulheres que tinham entre 18 e 53 anos, de maioria solteiras (6), autodeclaradas pretas/pardas (5) e brancas (3) com ensino fundamental incompleto (3) médio incompleto (3) e superior completo (2), predominante de baixa renda: entre um e dois salários mínimos (5) e sem renda fixa (3) que sofreram violência física (8), psicológica (8), patrimonial (5) e sexual (1).

A busca pelo atendimento ocorreu por demanda espontânea (5) e por encaminhamentos (3) pela Patrulha da Mulher e pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O lócus de ocorrência da violência na maioria ocorreu no ambiente doméstico (5) ou de forma concomitante: na rua e em casa (3). Dentre as oito mulheres, sete compareceram ao serviço pela primeira vez (apenas uma delas já se encontrava em acompanhamento). Dos sete atendimentos iniciais, somente uma mulher declarou não ter interesse em ser acompanhada pelo serviço

O foco deste estudo vai na direção de apurar representações que se desvelam da influência do distanciamento social na ocorrência de episódios de VPI. Tais revelações trazidas pelo sujeito coletivo atravessam diversas situações do cotidiano e que aqui foram organizadas por afinidade compuseram discursos coletivos.

A partir das conversas realizadas com as mulheres em situação de VPI, deram origem a dois DSC.

O primeiro discurso, revela um imaginário em que a mulher se vê envolvida numa relação de conflitos, e reconhece que estes se tornaram mais intensos no período de isolamento social.

A **ICS**: “O distanciamento foi mais um motivo para ele me manter presa”, originou o **DSC**: O distanciamento social intensificou a VPI

Minha relação com ele era um pouco complicada desde antes, porque ele é muito machista e eu sempre tinha que ceder para apaziguar pra ter uma convivência bacana, na maioria das vezes que eu não cedia batia de frente e vinha o conflito, era briga, agressão, tortura. Antes do distanciamento já tínhamos problemas e no início da pandemia descobri outra traição dele. Aí mistura a cabeça e a gente fica sem saber se foi a pandemia ou não, porque ele estava em casa sem trabalhar, não tinha uma ocupação e o distanciamento foi mais um motivo para ele me manter presa e assim ficou mais difícil conviver ali direto com ele em casa. Então, a convivência ficou pior porque a gente já não tinha mais contato e quando tinha era só agressões verbais e isso foi ultrapassando os limites, entrando nesse clima e todo mundo em casa, com medo, estressado, porque era muita briga e qualquer coisa que eu fazia ele apontava motivos para discussão. O mundo para mim acabou (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Carová).

Este segundo discurso aponta para um imaginário de como a mulher percebe o parceiro na relação de conflitos, pelas variadas interferências no seu cotidiano a partir das violências sofridas.

ICS: “Nossa relação sempre foi complicada: ele mudou a minha vida totalmente”, originou o **DSC**: Convivência com parceiro íntimo e interferência no viver

Ele mudou a minha vida totalmente, desde quando o conheci sempre soube que ele era uma pessoa perigosa, sempre fui abusada. Então nossa relação sempre foi complicada, me agride desde quando nos conhecemos, quando bebe ou sem beber. Sua ocupação era beber e eu presa dentro de casa, segurando a barra. Sempre tinha um jeito de abuso psicológico ou físico e além disso, sofri uma tentativa de homicídio que quase me levou à morte. Fiquei vinte dias sob ameaça de morte, caso eu desse parte dele, então decidi botar um fim, mas tenho vergonha de falar do que aconteceu, porque vivíamos bem até eu descobrir que estava sendo traída e fui errada por não deixá-lo desde a primeira vez (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Carová).

DISCUSSÃO

O DSC revela uma relação conflituosa com parceiro antes e durante a pandemia. Nessa configuração relacional, de um lado temos uma mulher que cede sempre na intenção de apaziguar possíveis desentendimentos. Por outro lado, um homem machista, contrário a qualquer combinação, e se mostra sempre pronto para o conflito, caso seja contrariado.

Recorremos à noção do imaginário como elaboração que as pessoas se apropriam para dar conta das suas vivências no cotidiano. Maffesoli (2001), nos aponta que o imaginário diz muito sobre a nossa existência individual ou social. A partir desse entendimento, vê-se o imaginário do sujeito coletivo a partir das constituições divergentes na posição da mulher que cede para manter a relação e do outro lado o parceiro, contrário e por vezes agressivo. Imaginários que certamente foram atravessados pela cultura.

Existe nessas situações uma clara desigualdade entre opressor e oprimida, em que essa, busca se adaptar para resistir às pressões com o objetivo de manter a relação em harmonia. A mulher utiliza artimanhas como forma de resistência para manter-se viva, aproveita-se da sombra para poder sobreviver; é nisto que reside o princípio de sua força (MAFFESOLI, 1987).

Maffesoli (1987) nos fala de um modo muito particular de resistir às ações, por meio da passividade. Nesse entendimento, o “ceder” equivale a uma postura de passividade, mecanismo utilizado em um “deixar ser” que não equivale a ser passivo, mas faz parte do jogo para sobreviver. É uma forma disfarçada de ir contra a dominação (MAFFESOLI, 2010).

Para Bourdieu (1999), a dominação masculina se dá por meio de uma violência simbólica, ou seja, sutil, sobre o corpo social, através dos discursos, mentes e práticas, que de algum modo naturaliza as desigualdades entre homens e mulheres. A cultura do patriarcado gera concepções machistas e nesse sentido, é uma potência negativa para o surgimento da violência contra a mulher (BALBINOTTI, 2018).

É importante notar que uma postura machista tem implicações nos papéis de gêneros, que muitas vezes de forma sutil, homens agem com práticas e discursos com efeitos negativos endereçados à mulher. Este tipo de postura torna as relações desiguais e muitas das vezes doentias. De acordo

com Michel Foucault (1979) cada cultura constrói discursos específicos sobre a noção de masculinidade pelos mais variados caminhos.

O sujeito coletivo ao confirmar que *“nossa convivência não mudou em nada”*, nos permite aproximar a “lente” para um olhar mais sensível para o vivido de violência, de agressão, de intimidação e de submissão desse sujeito. Inferimos que o sujeito coletivo de tão imerso nessa relação de conflito, perdeu a noção do embate de violência sofrida e o fez minimizar as interferências da violência simbólica e outras tantas questões vividas em um contexto de isolamento com múltiplas interferências.

Diante dessas interferências que afetam a vida do sujeito, vê-se que alguns estudos internacionais (PAIVA et al., 2020, CARVAJAL, 2020; WAGON, 2021; BONEA et al., 2022) têm demonstrado que o isolamento intensificou a VPI em outras países da América Latina e da Europa, modificando o modo de ser da mulher, já tão afetado por um cotidiano de tarefas domésticas e pela própria vivência de violência anterior à pandemia.

Da narrativa, percebe-se que o sujeito coletivo, esforça-se, mesmo estando imerso em conflitos pela dinâmica relacional para manter a relação. Há indicativos de tolerância frente ao machismo, de aceitação de infidelidade na relação e, ainda assim, manter uma boa convivência. Desse jogo relacional, numa espécie de “gangorra” entre o bem e mal, o sujeito coletivo vai tentar se firmar na relação, apesar da dominação do parceiro.

Além das diferentes expressões de VPI, o sujeito coletivo revela a infidelidade interferindo na relação. A naturalização da infidelidade do parceiro remete à iniquidade de gênero e à dominação masculina. A infidelidade quebra o contrato e a relação de confiança estabelecida entre duas pessoas.

Esse tipo de comportamento do homem infiel, de algum modo reforça o imaginário coletivo e cultural de que ao masculino é permitida essa postura. No entanto, o imaginário não se resume à questão cultural, mas possui uma certa autonomia, que brota da “força social de ordem espiritual, uma construção mental, ambígua, perceptível, mas não quantificável (Maffesoli, 2001, p. 75).

A infidelidade pode ser considerada um fenômeno relacional, difícil de ser partilhado e que engloba comportamentos de ordem emocional, virtual e sexual (SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018). Nesse sentido, há um rompimento no contrato de confiança, a partir da inserção de uma terceira

pessoa na relação, pondo em descontinuidade a relação pela inexistência de sentimentos de confiança (PEREIRA, 2015; COSTA, et al., 2019). De modo que, para a mulher que vivencia essas questões e que por vezes tem dificuldade de nomear e dar sentido ao vivido, pouco a pouco essa situação vai se firmando no cotidiano e tornando-se com uma prática imposta pelo parceiro e às vezes até aceitável pela mulher.

A partir disso, chegamos ao entendimento, que tudo isso constitui um somatório de violências às vezes explícitas, às veladas silenciadas. O sofrimento dessas mulheres pouco a pouco desemboca em um poço existencial pelo esforço de (re)lutar diariamente em manter-se na relação.

Diante desse enredo, cada vez mais os conteúdos emocionais se intensificam, gerando emoções e sentimentos ambíguos em um imaginário de amor e ódio, raiva, vergonha, medo e coragem. Portanto, o imaginário é real em um cotidiano e necessita ser investigado de um modo mais atento e menos preconceituoso (MAFFESOLI, 2010 a).

A vida cotidiana é assim e constitui-se de uma soma de pequenas coisas (in)decifráveis. Maffesoli (1987) nos esclarece que é nesse contexto cotidiano que a violência banal se manifesta em que o cotidiano deixa de ser “*um eterno domingo da vida*”, (MAFFESOLI, 2010.p.24). O autor faz uso da metáfora para dizer que a alegria e o prazer próprios de um domingo, dão lugar à tristeza e à contrariedade na vida de uma mulher em situação de VPI.

A partir das narrativas, verifica-se que muitos dos episódios de violência aconteceram no espaço de convivência familiar. O lar, portanto, perde a sua essência primária de um imaginário de aconchego, segurança e tranquilidade. Não sendo isso, prontamente se converte em outro lugar que não o de acolhimento e se torna inseguro em razão do vivido trágico de violência que se manifesta e repete no cotidiano dessas mulheres.

O discurso coletivo também revela que a mulher reconhece inúmeras interferências negativas (abuso, agressão, discussão, brigas) em seu viver cotidiano. Interferências por parte do parceiro e que de algum modo alterou o viver cotidiano. O que seria um momento de manifestações simples da vida, do prazer das pequenas coisas da vida, torna-se desgastante e muitas vezes doentias. Percebe-se também que não são interferências esporádicas, pelo contrário, tornaram-se rotineiras.

O sujeito coletivo revela que “sempre soube” a respeito do modo de ser do parceiro. Diante dessa contatação, se faz necessário questionar sem a intenção de julgar, mas com a finalidade de compreender essa vivência, a indagação: Por que se enveredar numa relação ante o reconhecimento prévio de possíveis prejuízos e repercussões físicas e emocionais advindas de uma relação violenta?

Diante disso, podemos pensar num imaginário que atravessa e ao mesmo tempo congrega noções que direcionaram a postura do sujeito coletivo na relação. Ao que tudo indica o sujeito coletivo para manter-se na relação ou tornar ela menos conflituosa arrisca-se permanecer no relacionamento mesmo com indicativos de agressividades e rompantes por parte do parceiro.

Recordando mais uma vez a Maffesoli (2001) o imaginário funciona na interação e esta traz um sentido para forma como o imaginário vai se construindo para as pessoas. Não é fácil conceituar o imaginário, pois nele há elementos da racionalidade, do não racional, da razoabilidade como também a fantasia, o imaginativo, o afetivo. São construções mentais potentes que direcionam práticas.

O reconhecimento no discurso do sujeito coletivo de uma situação de abuso, de agressão, de ameaças, de medo e outras configurações simbólicas que interferiram no cotidiano marcado por VPI e intensificado pelo isolamento social, tem muito a dizer de um senso de limite e possivelmente de um jogo duplo na manutenção da vida e da família desta.

Nota-se que a VPI poderia ter como desfecho, a morte e foi nesse limiar entre a morte e a vida, que se tomou consciência e se decidiu pôr fim à relação. Isso implica um reconhecimento do senso do limite frente a vivo de sofrimento em busca de apoio de alguém possa ajudar e apoiar a decisão do fim da relação.

Nessa perspectiva, recorrer a alguém (pai, mãe, amigo, vizinho entre outros) é tornar-se consciente da importância de pôr um fim ou um basta a essa trágica relação de violência tão cruel e perversa, se manifesta numa mescla de domínio, ódio a ponto de querer oprimir o outro (LOPES; DINIZ, 2004; GREGORY et al., 2019). Relação esta, em que o sentir-se “envergonhada” vai ganhando dimensão no imaginário do sujeito coletivo em

um cotidiano trágico de VPI, o que pode produzir intimidação. Por conseguinte reconhecimento da potência que há em cada um.

Neste caldo de discussão, fica evidente que a VPI pouco a pouco modificou o viver cotidiano, através de pequenas manifestações que afetou desde o bem-estar, passando pela instabilidade emocional e até na possibilidade de ocorrência da morte física. A VPI foi um acontecimento trágico que marcou a vida de mulheres durante o isolamento social alterando o cotidiano.

CONCLUSÃO

Os resultados revelaram uma interferência do distanciamento social na manutenção e intensificação da VPI no dia a dia da mulher, marcando negativamente o seu cotidiano.

O Discurso Coletivo mostra um cotidiano com uma configuração relacional já conflituosa em razão dos comportamentos agressivos e abusivos dos parceiros, marcados pela postura machista. Tal fenômeno dar-se em conjunto com uma já sabida convivência conturbada antes mesmo do isolamento social e a forma como esse sujeito se comportou pela aceitação ideias já naturalizadas e ratificadas pela cultura.

Além da tolerância e aceitação diante do comportamento agressivo do parceiro, o Sujeito Coletivo puxou para si, a culpa pelo vivido trágico de violência pelo parceiro íntimo. Cotidiano sofreu alterações e o isolamento intensificou a presença do parceiro dentro do lar e essa situação resultou em afetação, não só para a vida da mulher, mas para os demais membros da família.

De maneira que, a mulher, mesmo enredada em uma relação de conflitos, com variados episódios de violência, ainda assim, para permanecer e mudar a configuração do que se está posto em um vivido de VPI, que ao que tudo indica, um imaginário culturalmente construído com várias nuances, não tão fáceis de descrevê-los, está posto atravessando pessoas, existências e individualidades. Comporta, portanto, várias ações, pensamentos e sobretudo práticas.

Para além dessa percepção sobre a mulher, também se faz necessário pensar o homem nesse envolvimento relacional e que também é atravessado por um imaginário muito de uma aura de poder, de dominação e tantas outras façanhas que lhe “autoriza” agredir, transgredir sobre corpos femininos. Diante disso, cabe uma junção de saberes e práticas que permitem ao menos trazer menos prejuízos físicos e emocionais para as parceiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. **Recomendações em relação às ações de enfrentamento à violência contra meninas e mulheres no contexto da pandemia de COVID-19**, Brasília: DF. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/ministerio-recomenda-que-organismos-de-politicas-para-mulheres-nao-paralisem-atendimento/SEI_MDH1136114.pdf Acesso em: 14 abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina** Tradução de Maria Helena Kühner. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da Esmesc**, v.25, n.31, p. 239-264, 2018. Disponível em: <https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/191/165>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BONEA, Georgiana-Virginia; BULIGESCU Bianca; MIHAIU, Simona. Domestic violence before and during the fir. **Journal of Community Positive Practices**, XXII(1) 2022, 34-59st year of the Covid-19 pandemic. Disponível em: </folders/1Ohog2z070395U7S29FK2sp8YP9tze1M8>. Acesso em 20 mar. 2022.

CARVAJAL, Andrea Espinoza. COVID-19 and the Limitations of Official Responses to Gender-Based Violence in Latin America: Evidence from Ecuador. **Bulletin of Latin American Research**, Vol. 39, No. S1, pp. 7–11, 2020 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/4QPWzTyMSBnX84RNqmsLMhF/?lang=pt>. Acesso em 20 mar. 2022.

C. B. da Costa, K. R. Haack, E. L. de Oliveira, D. Falcke. **Infidelidade na Perspectiva de Homens e Mulheres**. Pensando Famílias, 23(1), jul. 2019, (3-18). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GREGORY, A., Taylor, A. K., Pitt, K., Feder, G., & Williamson, E. (2019). “. . . The Forgotten Heroes”: A Qualitative Study Exploring How Friends and Family

Members of DV Survivors Use Domestic Violence Helplines. **Journal Of Interpersonal Violence**, 27(1). doi:https:// Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31762395/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LEFEVRE, Fernando.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto e Contexto – Enfermagem**.local v.23, n. 2, p. 502-507, 2014 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072014000200502&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2020.

MONTERO, M. (2006). **Hacer para transformar: El método en la Psicología Comunitaria** Buenos Aires, Argentina: Paidós.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Famecos**, v. 8, n. 15, 2001; p. 74-82. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MAFFESOLI, M. A dinâmica da violência. São Paulo (SP): **Revista dos Tribunais**, 1987

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre (RS): Sulinas; 2010.

MAFFESOLI, M. **Violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo (SP): Iluminuras Ltda.; 2010.

PAIVA, Vera; TCHALEKIAN, Bruna; CAMPOS, Brisa. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de sars-cov-2/ covid-19 em São Paulo. **Psicologia & Sociedade**, 32. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Bqv5dn5fbL3LTrm3PGvJDzN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PEREIRA, Roberto. **Por Que Não Se Separam? A Perda da Confiança no Relacionamento Conjugal**. Pensando Famílias, 19(2), dez. 2015, (3-20). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, Lídia de Jesus; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 144, p. 213-232, maio/set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SCHEEREN, P., Apellániz, I. A. M., Wagner, **A Infidelidade Conjugal: A Experiência de Homens e Mulheres**. Trends in Psychology, Volume: 27, Número: 4, 2019; 357-369. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v26n1/v26n1a14.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022

WAGON , María. Crisis de los cuidados y violencia contra las mujeres. Un análisis de la repercusión de la pandemia del covid- 19 en la vida de las mujeres, **Argumentos Revista de Crítica Social** 166-190 Disponível em: <https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/argumentos/article/view/6981/5834>. Acesso em 20 mar. 2022.

WEBER, Florence. (2009). **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?**. Horizontes Antropológicos, 15(32), 157-170. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ZqxMGvJtb5f79JCFzBwcNnz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2020.

QUARTO MANUSCRITO

6.4 VIVER COTIDIANO DA MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Marcelo Augusto Saturnino da Silva

Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira

RESUMO:

Objetivo: compreender o viver cotidiano da mulher em situação de VPI durante o isolamento social pela pandemia de COVID-10. **Material e Métodos:** Estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher da cidade de Petrolina, Pernambuco, Brasil, com a participação de oito mulheres de idade entre 18 e 53 anos, que vivenciaram Violência por Parceiro Íntimo. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, organizados pelo método Discurso do Sujeito Coletivo e interpretados à luz da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano de Michel Maffesoli. **Resultados:** Das narrativas resultaram discursos compostos demonstrando alterações no viver da mulher, na mediada que homens foram agressivos nessas relações **Conclusões:** a Violência por Parceiro Íntimo, intensificada durante o isolamento social pela pandemia de COVID-19 modificou o viver cotidiano da mulher.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Violência de Género; Pandemias; Saúde da Mulher; Atividades Cotidianas,

Introdução

O isolamento social durante a pandemia de COVID-19, embora tenha sido uma medida necessária adotada pelas autoridades para conter a disseminação do novo coronavírus, ampliou as chances de uma mulher vir a sofrer a violência em suas diversas expressões (SUÍÇA, 2020).

De modo que, já nos primeiros meses de 2020, verificou-se intensificação do número de casos de VPI em diversas partes do mundo, como na China onde o crescimento de denúncias foi três vezes maior do que em outras épocas e na França, em uma semana foi constatado um aumento de 32% dos casos (GOMES et al., 2020). No Brasil, constata-se um crescimento

de aproximadamente 45% do número de casos novos de Violência Doméstica por 100 mil mulheres, subindo de 404 no ano de 2016, para 587 no ano de 2021 (FBSP, 2021).

Esse breve panorama denota que mulheres estiveram reclusas nas suas casas em companhia de seus opressores que se utilizaram desse contexto para mantê-las isoladas das suas redes de como a família, amigos e redes sociais, além das próprias redes de suporte institucional nas quais a mulher poderia denunciá-los como forma de pedir apoio (GODIN, 2020).

Existe uma invisibilidade quando se refere à maior exposição de mulheres à VPI, com pouca atenção e discussão sobre os efeitos do isolamento social durante a pandemia nos relacionamentos interpessoais, sobretudo entre parceiros íntimos (MARQUES et al., 2020) e no viver cotidiano de mulheres que foram e continuam a ser desproporcionalmente prejudicadas e oprimidas no próprio ambiente doméstico, por uma coexistência imposta (VIEIRA; GARCIA; MACIEL; 2020).

De maneira que este novo contexto social desvelou a pandemia oculta da VPI em que mulheres ficaram sujeitas ao mesmo espaço de convivência com parceiros agressivos e como consequência, intensificação de repetidos episódios de VPI. Essa convivência foi limitadora de convívios e de redes de proteção social e afetivas. Foram ocorrências trágicas que modificaram o cotidiano e despertaram emoções e sentimentos manifestos de diferentes modos por palavras ou gestual, reconhecidas por Maffesoli (2010) como teatralidade.

Diante disso, a mulher busca formas de resistência passiva para lidar com a situação, no caso, sem medir força com o seu agressor.

Por esta ordem de ideias, o presente manuscrito tem por objetivo compreender o viver cotidiano da mulher em situação de VPI durante o isolamento social pela pandemia de COVID-10.

Esta pesquisa tem relevância social por contribuir com a discussão sobre a desigualdade de gênero em sua interface com cenários de crise e emergências sanitárias, como em uma pandemia. Almeja-se fomentar discussões sobre os espaços onde a vida acontece e produzir reflexões acadêmicas sobre o modo ser homem imposto culturalmente que de algum modo, foi e continua a ser introjetado e vivenciado.

Método

Tipo de estudo

O presente manuscrito é um recorte da dissertação de mestrado intitulada: “*COVID 19: repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de violência por parceiro íntimo*”. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, Campus de Vitória de Santo Antão- CEP- UFPE/CAV, sob parecer nº 4.922.757 e CAEE nº 50692721.7.0000.9430, desenvolvida no período de outubro a dezembro de 2021, no Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM) Valdete Cezar, em Petrolina, PE, Brasil,

Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa oito mulheres maiores de 18 anos, assistidas por sofrerem VPI durante o isolamento social devido à pandemia de COVID- 19. Para preservá-las e garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, foram identificadas por pseudônimos de plantas típicas e resistentes do bioma caatinga. Uma forma de alusão à resistência ao vivido trágico de mulheres em contexto de VPI, aqui identificadas por Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Juazeiro, Caroá

Instrumento de Coleta dos Dados

Os dados foram coletados durante os meses de outubro a dezembro de 2021, por meio de Observação Participante e entrevista semiestruturada, gravadas com a permissão das participantes, cujas narrativas foram transcritas e sistematizadas pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica que se propõe a analisar o pensamento coletivo contido nas informações verbais e individuais. Diante disso, seleciona-se trechos ou Expressões-Chave (ECH), que são agrupadas por semelhança e representam uma mesma Ideia Central (ICS) que sintetizadas deram origem aos Discursos Coletivos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Tratamento e interpretação das sínteses dos Discursos Coletivos

Os dados obtidos foram interpretados pelo aporte epistemológico da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano de Michel Maffesoli, pensador da pós-modernidade em suas noções e pressupostos teóricos e da sensibilidade. Embasa-se na vida cotidiana para apresentar as formas sociais sem alterá-las, não se dispondo a explicar fenômenos, mas a compreendê-los (MAFFESOLI, 2010).

Para ele “podemos apreender ou pressentir as sutilezas, os matizes, as descontinuidades desta ou daquela situação social”. Em outras palavras, “somos parte integrante - e interessada - daquilo que desejamos falar” (MAFFESOLI, 2010, p. 29).

Por meio desses pressupostos ele sustenta uma metodologia ensaística e espontânea, em que lança mão de noções sobre o cotidiano, facilitando a apreensão do dado social em seus pormenores. Nesta pesquisa o pressuposto utilizado foi “a forma”, no qual o autor propõe um modo ampliado de investigar o dado social e aplica o neologismo “formismo” para traduzir a sua utilização como recurso metodológico que dá liberdade ao pesquisador de descrever o “problema do Universal ao Particular, sendo que tal noção é antes de tudo “um pensamento da globalidade” (MAFFESOLI, 2010, p. 122-123) conforme sua percepção.

A forma acentua o modo de apresentação do fato social, em tempo real, isto é, no “aqui e agora” e como recurso de apresentação, ela consente modulações imaginárias que se desdobram em categorias. Para as circunstâncias desta pesquisa foi dado destaque às modulações, presenteísmo, formas de sobrevivência passiva.

Um outro pressuposto útil para os fins desse trabalho é o Senso do limite em suas variáveis “o trágico e “a teatralidade”. Este define-se como a assimilação do instante trágico da existência que se refere a vivências potencialmente capazes de modificar a vida das pessoas e induz a formas de sobrevivência passiva, ou de proteção, diante de determinadas ameaças do viver cotidiano.

O trágico compreende o sentimento decorrente dos acontecimentos, que com emoção, a pessoa se vale de máscaras para representar papéis de si próprio diante das situações da vida ritualizadas e que se repetem semelhante

a ensaios de uma peça de teatro (BIÃO, 2009). Isso é teatralidade, forma imaginária de expor sentimentos trágicos advindos de diferentes motivações (MAFFESOLI, 1998) o que pode ser demonstrado corporalmente por gestos e expressões.

Quanto às formas de resistência passiva são estratégias prudentes utilizadas para enfrentar ou protestar contra imposições da vida como em situações de Pandemia e VPI. São reações organizadas nas categorias de análise: aceitação da vida ou do destino, silêncio, astúcia, duplo jogo e solidariedade orgânica (MAFFESOLI, 1987).

Resultados e discussão

Sujeito coletivo foi composto por oito mulheres entre 18 e 53 anos, de maioria solteiras (6), autodeclaradas pretas/pardas (5) e brancas (3) com ensino fundamental incompleto (3) médio incompleto (3) e superior completo (2), predominante de baixa renda: entre um e dois salários mínimos (5) e sem renda fixa (3) que sofreram violência física (8), psicológica (8), patrimonial (5) e sexual (1).

A busca pelo atendimento ocorreu por demanda espontânea (5) e por encaminhamentos (3) pela Patrulha da Mulher e pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O lócus de ocorrência da violência na maioria ocorreu no ambiente doméstico (5) ou de forma concomitante: na rua e em casa (3). Dentre as oito mulheres, sete compareceram ao serviço pela primeira vez (apenas uma delas já se encontrava em acompanhamento). Dos sete atendimentos iniciais, somente uma mulher declarou não ter interesse em ser acompanhada pelo serviço.

Os resultados estão embasados nas **ICS**: *"Durante o distanciamento social o meu dia a dia ficou difícil: isolamento, cárcere privado, trauma e medo de sair de casa"* e *"Durante o distanciamento social sofri todas as formas de violência"*.

A **ICS**: "Durante o distanciamento social o meu dia a dia ficou difícil: isolamento, cárcere privado, trauma e medo de sair de casa" gerou o **DSC**:

Cotidiano de Violência por Parceiro Íntimo durante o distanciamento social pela COVID-19

A pior fase foi no começo da pandemia, porque foi quando me isolei totalmente e aconteceu a agressão. Então, o isolamento ficou pior pra mim porque fiquei com aquilo na mente, chorava muito e não me sentia bem isolada, pois ele me privou de tudo: parei de estudar porque ele não me deixava sair de casa e qualquer coisa que eu o fazia apontava motivos para discussão. Com o tempo me privou das redes sociais, não era para eu usar nem o WhatsApp e quebrou meu celular. Então, o clima estava ruim lá em casa. Tentei cortar numa boa e não chegar ao ponto que ele chegou, porque eu não queria botá-lo na cadeia, mas misturou tudo o que eu estava passando, mais a preocupação da doença e a falta de respeito dele foi muito difícil me acostumar, porque eu tenho um filho com ele, não tenho emprego e seis meses depois do início da pandemia ele começou os abusos de novo. Porque eu vivia naquela luta com o menino, nem botava a cara na rua e ele me xingando. Então durante esse isolamento fiquei traumatizada, com medo de sair de casa, de estar no meio de pessoas e ele aparecer. Sentia vergonha e tristeza. (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro).

O sujeito coletivo confirma o pressuposto que o distanciamento social como medida necessária ao controle da disseminação do novo coronavírus modificou o seu cotidiano a partir das interferências seja pelas afetações de uma vida corrente de agressões ou pelo somatório de um tempo presente atípico de pandemia.

Pode ter sido uma situação ou outra, como também a conjunção de ambas. Por certo, foram eventos que modificaram os modos de viver no cotidiano, alterando rotas de afetividades, de sensibilidades entre as pessoas. Para Maffesoli (2010), a vida corrente é o cotidiano marcado por sentimentos, paixões, conflitos e tantos outros elementos que atravessam o viver.

O discurso coletivo nos permite inferir que este cenário ampliou também as chances de uma mulher vir a sofrer repetidas agressões do parceiro íntimo, em um ambiente que contribuiu para o surgimento de novas expressões de violência, entre elas, a *ciberviolência*, o feminicídio e a ameaça de infectar mulher e filhos com a doença do novo coronavírus (EMEZUE, 2020).

Por meio da fala, o sujeito coletivo, na vivência trágica de VPI traz à tona sentimentos variados como tristeza, ódio, revolta e medo. Para Maffesoli (1987) esses sentimentos, dizem muito de uma resistência seja pela passividade, como forma de manejar a dominação.

Nesse sentido, o controle exercido pelo parceiro, muitas vezes é tão absoluto, imperativo que a mulher não encontra outra via senão da passividade, mas uma passividade que passa pela resistência, que no fundo essa mulher põe em ação um jogo entre se recusar, se deixar dominar e as agressões. Em síntese, faz esse caminho para prolongar a sua existência.

Portanto, o distanciamento social, modificou as atividades cotidianas da mulher em situação de VPI, pois apesar de necessário limitou o seu acesso aos serviços de suporte social e aos grupos de pertencimento, dificultando denunciar o agressor (EMEZUE, 2020) contribuindo para a repetição dos episódios de violência, sobretudo psicológica, sexual e patrimonial, ficando evidente a convivência tóxica entre parceiros íntimos.

Desse recorte da narrativa, o sujeito coletivo nos dá a dimensão dessa vivência trágica: “fiquei com aquilo na mente”, o que permite reconhecer um dito revelador sob o aspecto da inquietude, de uma “mente inquieta”, de pensamentos que atormentam, de um funcionamento mental perturbador e que pouco a pouco vai roubando as energias do sujeito e levando-a ao adoecimento.

Vê-se, portanto, que o violentar não se dá apenas no ato de infligir o corpo físico, mas também no alongamento dessa dor que em termos puramente psicológicos, traduzida no lembrar do ocorrido trágico que é revivido no aqui e agora como também no medo e ansiedade do que está por vir.

São falas representativas de um movimento de vida tomado pelo excesso de sofrimento. Mulheres que já se movimentavam na dupla jornada de atividades (casa e trabalho), como “luta menino” (cuidar). O sofrimento se intensifica com o modo de ser do parceiro tomado de ímpetos, arroubos, rompantes repetitivos descarregados na parceira.

Desta maneira, a convivência tóxica entre parceiros íntimos, contribui para que mulheres reajam passivamente e demorem a tomar decisões por insegurança e medo do desconhecido que durante o distanciamento social intensificou os conflitos conjugais, expondo-as a mais agressões em diferentes expressões de violência contidas nas ideias abaixo:

ICS: “Durante o distanciamento social, sofri todas as formas de violência”, originando o **DSC:** Expressões de Violência perpetradas por parceiro íntimo durante a pandemia: vivendo uma dupla ameaça

Tudo que foi violência eu sofri, até por conta da televisão eu sofri agressão, porque ele não deixava nem eu olhar para a televisão, puxava meu cabelo, mordida, enforcava, chutava, dava tapa, beliscão, murro nas costas, me empurrou da cadeira, me arrastava pelo pescoço, só não furou meu olho, fiquei várias vezes trancada em casa, me controlava, ele ia me deixar e buscar no trabalho já tive minhas roupas rasgadas, meu celular quebrado, quebrou muita coisa minha, continuou me espancado. Me deu cotovelada, me batia muito, tenho caroços na cabeça dos socos. Se eu saísse de casa e ele chegasse e não me encontrasse já seria uma ameaça. Durante a pandemia, todo dia a primeira coisa que ele fazia, era ir direto para o meu celular. Eu estava sob ameaça com ele. Fui ameaçada com mensagens no celular, dizendo que se eu ficasse falando dele eu ia ver, tinha uma mensagem me ameaçando, que não iria fazer ali para não saber que foi ele, mas que se continuasse eu iria ver. Ele encostava um fio de energia na altura dos meus braços e dizia vou te morder, comer você todinha, pegar na sua jugular, dizia que sabia bater e não deixar marcas, mas deixou, porque sofri tentativa de homicídio: um tiro. Mas a violência que mais me afetou, foi a psicológica, eu não sabia que era violência verbal, me chamava de louca, doente, imunda, nojenta, rapariga, mal amada, egoísta, vagabunda, uma pessoa fodida na vida, mandava tomar naquele lugar, se arrombar, que eu não era mais mulher para ele, que estava igual a uma geladeira, me usava de dia e me abusava à noite. Também tinha medo de ele ameaçar toda a minha família. Então isso me afetou muito. Além disso, ele rasgou minha roupa. Quebrou meu colchão, quebrou ventilador, liquidificador. Quebrou tudo. Ele já quebrou uns três celulares meu já. A maioria das minhas roupas já foi rasgada. Ele quebrou muita coisa minha. Chegou em casa quebrou minha mesa, quebrou garrafa de café, jarra de vidro. (Coroa-de-frade, Catingueira, Bromélia, Jurema, Aroeira, Umbuzeiro, Caroá).

Nesse complexo jogo relacional de um vivido de violência, o sujeito coletivo revela que sofreu de “tudo que foi violência”. Existe aí uma centralidade subterrânea de vivências de VPI da ordem do insuportável, que ficam silenciadas.

Um caminho que possibilita quebrar esse silêncio se dá através da fala, pois, por meio da linguagem é que ocorre a manifestação dos sentimentos. (HEIDEGGER, 2003). Numa espécie de resistência passiva, o sujeito coletivo reserva-se em não falar das suas dores e as guarda como forma de seguir a vida.

Esse viver de sofrimento, vai na contramão daquilo que Maffasoli defende sobre viver no tempo presente com mais afetividade, o qual ele chama de presenteísmo. O autor defende a importância de construir relações mais afetivas no cotidiano através do “viver com”, “estar junto com” numa construção

de redes de pertencimento, de trocas e de compartilhamento (MAFFESOLI, 1984).

Da narrativa, percebe-se a figura masculina que se coloca em um lugar de detentor/possuidor da mulher e não só dela, mas dos seus pertences, a ponto de quebrar, impedir da parceria usar, ou seja, um controle abusivo. É um tipo de relação estabelecida com outro, pela via da agressão e da dominação. Essa postura do macho, no indaga a pensar que elementos culturais atravessam a noção de ser homem que se coloca numa posição “poder” que interfere o cotidiano da parceira.

A forma como esse homem “processa” essa violência em atos agressivos, segue na direção de um ritual de comportamentos com socos, empurrões, beliscões, mordidas, (OMS, 2010), e isso tornou-se de modo contínuo que se fez presente na vivência entre os parceiros.

A esse respeito há algo de sorrateiro e ao mesmo tempo de uma gravidade nesses comportamentos violentos repetitivos, pois de algum modo, essas práticas são automatizadas e habituais na cultura e vão se firmando no cotidiano entre as pessoas (JAGGAR; BORDO, 2017). Esse tipo de postura violenta pode vir a passar ser algo habitual e naturalizado entre os parceiros.

Nesse encadeamento de ideias, ambos poderão internalizar como sendo uma prática “normal” pelo vivido ou pelos códigos relacionais construídos, como também pelos reforçadores culturais. Sabe-se, por exemplo, que algumas músicas que objetificam a figura e o corpo feminino de algum modo naturalizam relações, reforçando um imaginário coletivo de tolerância (GARCIA, et al.,2016). São nuances da cultura que vem travestidos e corroboram para a VPI.

A mulher, nesse contexto de ações e pensamentos desrespeitosos e agressivos, pode, de alguma forma, introjetar e absorver essas ideias como parte de viver. É nessa sutileza de imagens que vão sedimentando os pensamentos - nem sempre fáceis de discernir. Aqui, a mulher se vê na obrigação de sustentar a relação mesmo com eventuais episódios de violência.

E nesse campo de dominação masculina, se analisa a sua relação com a VPI em diversas expressões, sendo mais comum a intimidação no aspecto pessoal da relação. Tal intimidação pode se estender à família da mulher, por exemplo, o que denota que a violência não é única. Antes de se concretizar na

sua forma física anunciada, essa já existia em outras formas de opressão que foram agravadas durante o isolamento social e a casa se manteve espaço para manifestações agressivas (SCHWARCZ, 2020). Nesta pesquisa o sujeito coletivo deu demonstrações de que o espaço doméstico, a casa ficou “num clima ruim”.

Ressalte-se que o termo “casa” tem uma importância simbólica que remete a abrigo comum, espaço de segurança e proteção (MAFFESOLI, 2010), que nessas circunstâncias passam a ter outras conotações. Tais verificações despertam o olhar para a intercessão entre desigualdade de gênero, a pandemia de COVID-19 e os seus desafios.

A narrativa do Sujeito Coletivo chama a atenção quando esse homem, vestido de “dominação” e comumente de força física, põe-se na condição de manifestar a sua crueldade e de um modo mais requintado, quando o sujeito coletivo nos declara que o companheiro “sabia bater e não deixar marcas”. O não deixar marcas é uma postura comumente adotada por aqueles que agredem e de algum modo querem se eximir da responsabilidade pelo ato.

Esta discussão remete ao recurso do jogo duplo, onde o sujeito coletivo se apropriou da teatralidade e da máscara, como forma de sobreviver, tamponar angústia e sofrimento de uma vivência de VPI. Muitas mulheres em situação de VPI, por várias questões, escondem e silenciam as agressões e muitas das vezes atribuem as marcas físicas das agressões como consequências de quedas ou outros acontecimentos dentro de casa, numa tentativa de esconder o real.

Nesse caminhar de via dupla, a mulher usa e se apropria de disfarces, de máscaras para sobreviver e a teatralidade para esconder o sofrimento e as marcas no corpo físico. Aqui ela faz uso da máscara por medo, vergonha, represálias, exposições e julgamentos. Ela “deve saber aproveitar da sombra para poder sobreviver; é nisto que reside o princípio de sua força” (MAFFESOLI, 1987, p. 120).

Essa situação torna ainda mais delicada para a mulher ao teatralizar e com a finalidade de proteger a sua vida ante ameaças veladas ou explícitas pelo parceiro.

Nessa direção do sofrimento, o Sujeito Coletivo reconhece-se afetado pela violência psicológica. Ao declarar não saber o que era violência verbal,

pode-se inferir que, imerso nas agressões e ofensas verbais, acaba naturalizando algumas formas de violência e resiste até onde pode. É um aceitar? Certamente não, pois não é razoável aceitar esse tipo de atitude. No entanto, acaba sendo um *modus operandi* na relação que se torna “natural”.

Esse parecer aceitar tem muito a dizer nas entrelinhas, em que, por meio de artimanhas, de alguma forma sobrevive e resiste sem bater de frente (MAFFESOLI, 1987) com o seu opressor. Neste sentido, resistir a essas formas de violência, encontrar meios para sobreviver representa o caminho menos doloroso de driblar esse sofrimento silenciado.

Considerações finais

O distanciamento social modificou o cotidiano do sujeito coletivo, seja pela própria dinâmica da pandemia em curso como também pelas nuances particulares de um vivido de VPI que culminaram em dias ainda mais difíceis para a mulher. Dessas alterações, brotaram sentimentos muitos mais intensos, contrários aos de outras mulheres que “só” vivenciaram o isolamento social sem marcas de agressões no seu dia a dia.

As privações impostas ao sujeito coletivo, não se limitaram as de um isolamento como medida de segurança e proteção à vida, foram muito além dessa orientação. Mulheres foram privadas de estudar e de circular com mais liberdade além disso, foram submetidas às manifestações agressivas de cunho perversas promovidas por parceiros ciumentos, com requintes de crueldade que se assemelham a torturas.

Os Discursos Coletivos revelaram dinâmicas ritualísticas de agressões, de um ritual sutil como impedir as parceiras de realizarem pequenas coisas no cotidiano roubando-lhes a possibilidade de viverem mais plenas em uma vida corrente tão já assoberbadas de outras atividades domésticas. Dessa forma, o trágico já existente tornou-se mais nebuloso e complexo.

O sujeito coletivo em discussão, como meio de transpor esse cotidiano, se apoderou da resistência passiva que permitiu fazer manejos no cotidiano. Dos sentimentos vivenciados, utilizou-se deles para camuflar os momentos de sofrimentos físicos e existências como forma de sobreviver ao trágico que a VPI as enredou.

A possibilidade de o sujeito coletivo ter morrido em razão da VPI foi também uma experiência vivenciada nesse cotidiano, diz muito sobre as relações amorosas onde amor e ódio se misturam e geram conflitos. Diz muito mais sobre a forma como homens se comportam nas relações com as parceiras e delas impõem controle e dominação pela via do poder e de cultura ainda machista e por vezes perversas contra as mulheres.

Dado esse contexto, onde os homens se impõem com força física e poder sobre corpos femininos nos mais variados espaços de convivência com ou sem relações de afetos, há necessidade de pensar esses modelos de masculinidades hegemônicas, autoritárias e perversas. Nesse sentido, saberes interdisciplinares precisam se unir a fim repensar a cultura machista que ainda mata mulheres.

REFERÊNCIAS

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Editora, 2009.

EMEZUE, C. Digital or Digitally Delivered Responses to Domestic and Intimate Partner Violence During COVID-19. **JMIR Public Health Surveill**, v.6, n.3, p.1-9, 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil** - 3ª edição – 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf> Acesso em 14 mar. 2022

GOMES, Lucas; ZANLORENSSI, Gabriel. Coronavírus: aumento de casos e evolução das mortes no mundo. **NEXO JORNAL**, São Paulo, 12 de março de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/03/12/Coronav%C3%ADrus-aumento-de-casos-e-evolu%C3%A7%C3%A3o-das-mortes-no-mundo>. Acesso em: 16 mar. 2021

GODIN, Melissa. As Cities Around the World Go on Lockdown, Victims of Domestic Violence Look for a Way. **TIME**. 18 de março 2020. Disponível em: <https://time.com/5803887/coronavirus-domestic-violence-victims/>. Acesso em: 18 abr. 2022

GARCIA, Rafael Marques; FERNANDES, Wilde Kleber. Objetificação da mulher na música brasileira: perspectivas discursivas com base nos estudos de gênero. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli** V.9., N.3., JUL.-SET.2020, p. 440-457. Disponível em: file:///C:/Users/Marcelo%20Augusto/Downloads/OBJETIFICACAO_DA_MULHER_NA_MUSICA_BRASILEIRA_PERSP.pdf Acesso em: 16 abr. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **A essência da linguagem**. In: **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

JAGGAR, A. M; BORDO, S. R. **Gênero, corpo, conhecimento** Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 2017

LEFEVRE, Fernando.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto e Contexto – Enfermagem**. São Paulo, v.23, n. 2, p. 502-507, 2014 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072014000200502&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2020.

MARQUES, Emanuele Souza et al., A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n4/1678-4464-csp-36-04-e00074420.pdf>. Acesso em 16 fev. 2022

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre (RS): Sulinas, 2010

MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo (SP): Iluminuras Ltda.; 2010.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Trad. Albert Christofhe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, M. **Dinâmica da violência**. São Paulo. Revista do Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**, 2010, Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/14141732-prevencao-da-violencia-sexual-e-da-violencia-pelo-parceiro-intimo-contr-a-mulher.pdf> Acesso em: 20 jun. 2022.

SUÍÇA. Global Rapid Gender Analysis for Covid-19. Care International / **International Rescue Committee**; 2020 Disponível em: https://www.care-international.org/files/files/Global_RGA_COVID_RDM_3_31_20_FINAL.pdf. Acesso em: 5 abr. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. Casa não é a mesma coisa que lar (e vice-versa). **Nexo Jornal**, São Paulo, 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/Casa-n%C3%A3o-%C3%A9-a-mesma-coisa-que-lar-e-vice-versa>. Acesso em: 18 jan. 2022.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?

Revista Brasileira de Epidemiologia., Rio de Janeiro, v. 23, P. 1-5 2020.
Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201. Acesso em 23 nov. 2020.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer considerações a respeito de qualquer assunto exige um esforço para se fazer entender em poucas linhas. Procurarei fazer isso de forma mais simples possível se me deixar prender a uma escrita estritamente “acadêmica”, que em muitas situações limitam o processo de criação. Me apego na recomendação sensível posta por Michel Maffesoli ao falar de um estilo mais flexível.

Não me pautarei a uma consideração que seja possível “conversar” com autores e que neles eu possa encontrar subsídios para minhas considerações. Pretendo traçar um caminho mais intimista, do que foi vivido como pesquisador e acima de tudo com pessoa.

Em tempos de pandemia as possibilidades foram reduzidas. O que foi vivenciado a partir disso? Não poderei prosseguir se antes pensar sobre isso. De dias que foram vividos mais internamente, com medo, incerteza e esperança.

Buscamos nesse trabalho compreender repercussões de um distanciamento social e as reverberações na vida de mulheres em vivência de violência por parceiro íntimo. Compreender a violência contra a mulher por si só é um grande desafio e somado a isso, ficou mais complexo, pelas surpresas e revelações inesperadas.

O contexto de pandemia redirecionou meu pensamento em torno do objeto de estudo desta pesquisa. Jamais imaginaria que a pandemia seria ao mesmo tempo vivida e pensada ao mesmo tempo como pesquisa. Me questionava como seria possível fazer esse movimento? Tal questionamento foi pouco a pouco sendo diluído em outras questões e a partir disso, fui compreendendo como se daria e o que seria possível fazer e não fazer.

Após esse ajuste interno de pensamentos, limitações, possibilidades, a pesquisa foi se firmando, pois ao visitar o local de estudo, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Petrolina, comecei a ter mais segurança que a pesquisa daria certo. Até então, estava ainda no campo das ideias. Percebo também que o contexto de pandemia, o medo de contágio com

a doença, o isolamento e tantas outras questões pessoais me atravessaram como parte de uma vivência cotidiana na pandemia.

Lidar com a temática da violência, exige um pouco de reserva emocional. Reafirmo meu movimento nessa temática, onde por vezes tenho repulsa e também atração, mas me interessa para compreender as relações íntimo-afetivas a partir das narrativas, das conversas. Sempre me questiono como cada mulher chegou na relação, que elementos subjetivos estão intermediando a vivência e porque homens agrediam parceiras que escolheram para viverem juntos?

Procurei me debruçar numa escuta sensível e acolhedora e que dos momentos de entrevistas e conversas fosse possível pôr em andamento uma solidariedade, tão bem defendida por Maffesoli no “estar junto com”. Aproveitar o momento em que se estar com as pessoas e nessa situação foi um estar mais profundo, mais afetivo e por vezes angustiantes.

O meu cotidiano foi afetado pela pandemia assim como de todas as pessoas espalhadas pelo mundo. E a partir disso nesse processo de produção deste trabalho, fui conduzido por mais um questionamento: Como é viver em um tempo tão difícil de pandemia e ainda ter que conviver com a possibilidade e não só esta, mas com a realidade de agressões pelo parceiro? Como pesquisador não poderia me apartar dessa pergunta que considero ter servido de suporte para não me perder e fazer deste trabalho um “dever ser”.

Me inquieta pensar, constatar que muitas mulheres espalhadas pelo mundo em seus variados contextos sociais, vivem em constante medo, ameaças e agressões. Por isso me atraí compreender as nuances desses relacionamentos de “amor e ódio”. Relacionamentos abusivos, corrosivos em que a morte pode ser uma possibilidade. É um cotidiano e (foi) pelo contexto de pandemia marcado pelo trágico.

As mulheres desta pesquisa, tem um diferencial. Não são melhores nem piores que tantas outras espalhas por esse país tão diverso culturalmente e repleto de desigualdades. Disparidades tão já marcadas pela iniquidade de gênero. São mulheres que já nasceram fortes, como já dizia Euclides da Cunha, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. No entanto, por serem fortes em hipótese alguma a violência ou um episódio mínimo que seja, pode ser naturalizado ou reforçado pelo parceiro, que ela irá suportar de agredida.

As narrativas mostraram que mulheres vivenciaram a violência por parceiro íntimo, de várias formas, direcionadas a elas seja no corpo físico ou simbólico e jamais podem ser toleradas nem tão pouco naturalizadas.

O silêncio foi muitas vezes o lugar de fuga para essas mulheres, driblando entre ter que viver um isolamento duro, uma carga de tarefas domésticas e ainda “suportar” a convivência abusiva de parceiros perversos.

Por fim, as narrativas desta pesquisa, trouxeram uma compreensão do quanto o isolamento social trouxe repercussões para as vidas dessas mulheres. Um cotidiano que foi remexido pelas mais variadas formas de agressões que já faziam parte da vivência dos parceiros, mas que se intensificou, repercutiu negativamente na saúde física e no bem-estar emocional das parceiras.

Campanhas sobre o fim do fim da violência contra a mulher, ano após ano tem sido disseminada entre as pessoas e seus efeitos têm sido positivos. Homens também tem se colocado na brecha, mobilizando-se no debate. Campanhas e peças publicitárias são importantes e devem fazer parte do nosso cotidiano. Compreendo que também é importante educar meninos desde a infância, desconstruir papéis culturais que reforçam as desigualdades entre mulheres e homens. Possivelmente colheremos desse trabalho educativo benefícios para mulheres e homens do futuro.

REFERÊNCIAS

AMBRA, P. **O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente**. São Paulo: Annablume, 2015.

AMBRA, Pedro. **Cartografia da masculinidade**. Do mito aos horizontes de desconstrução. Revista Cult, 2019, nº 242, ano 22.

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Sérgio. **A Violência no Brasil explicada por Sérgio Adorno. Observatório de Segurança Pública**. 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodeseguranca.org/pesquisas-e-estudos/a-violencia-no-brasil-explicada-por-sergio-adorno/> Acesso em: em 24 jul. 2022

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.

BARRETTO, R.S. Psicóloga explica relacionamento abusivos: o que é e como sair dessa situação. 2015. Entrevista. UNESP, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explicarelacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BAUMAN Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

BITHENCOURT, Francisco. **História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália, séculos XV- XIV**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BRASIL. Lei nº 14.022, de 7 de julho de 2020. Dispõe sobre medidas de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher e de enfrentamento à violência contra crianças, adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência durante a emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Presidência da República. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Disponível: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.022-de-7-de-julho-de-2020-265632900> Acesso em: 07 ago. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus: sobe a doença**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 14 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 21 fev. 2022.

BRASIL. Lei nº 1.973, de 1 de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. **Presidência da**

República. Casa Civil. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm. Acesso em: 18 out. 2020

BRASIL. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, DF, 2011: Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 28 nov. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2016.

BERNASKI, J.; SOCHODOLAK, H. **História da violência e sociedade brasileira**

Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 11, n. 1, jan./jun. 2018

Disponível em :

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/24181/17068> Acesso em: 10 jul. 2022.

CARDOSO, B. L. A., Bertho, M. A. C., & Paim, K. (2019). **Até que a morte nos separe: a contribuição da cultura para a manutenção de esquemas iniciais desadaptativos em relacionamentos abusivos**. Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção (1st ed., pp. 143–163). Porto Alegre: Artmed, 2019

CAMPOS, Ana Cristina. Cinco estados registraram 409 feminicídios em 2021. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 10 março 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-03/cinco-estados-registraram-409-femicidios-em-2021>. Acesso em 20 jun. 2022

CARROLL, Noël. **The philosophy of horror or the paradoxes of heart**. Nova York, NY: Routledge, 1990.

CARVALHO DW, Freire MT, Vilar G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. 2012;31(5):435–8. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/9322/v31n5a11_43538.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 15 jul. 2022.

COONELL, R. W. 1995. **Masculinities: Knowledge, power and social change**. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press.

CHAUÍ, Marilene. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010

DELPHY, Christine. **Teorias do Patriarcado. IN: Dicionário Crítico do Feminismo.** HIRATA, Helena (et al.) (Orgs.). São Paulo, Editora UNESP, 2009.

Diniz, G. R. S. Trajetórias conjugais e a construção das violências. **Psicologia Clínica**, 29(1), 31-41. (2017). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n1/a04.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

DA MATTA, Roberto. Tem Pente Aí Reflexões Sobre A Identidade Masculina. **Revista Enfoque**. V.9, N.1. UFRJ2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/205912481/2-7-DA-MATTA-Roberto-Tem-Pente-Ai-Reflexoes-sobre-a-Identidade-Masculina-Revista-Enfoque-V-9-N-1-UFRJ2010>. Acesso em: 14 jul 2022.

FLIKKEMA, Clio Bryant. *Can You Hear My Voice This Time: Gender Discrimination in the Consideration of Ideas* 2017. PhD Thesis (Sociology). Wellesley College, Wellesley, Massachusetts, EUA.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo, Global, 2003.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública – Edição Especial 2021.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** Edição 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FERRAZ, Viviane Martins Vital; RIGUE Fernanda Monteiro, FERREIRA Cádía Carolina Morosetti, SARTURI Rosane Carneiro. Da caça às bruxas ao feminicídio: como a educação pode contribuir com essa questão? **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.18, n.1, p. 408-429jan./mar. 2020Disponível em:<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44131/31729>. Acesso em: 04 abr. 2022.

FREUD, Sigmund. (1930[1029]). **O mal-estar na civilização.** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249. Disponível em: <https://faccasoficticia.noblogs.org/files/2015/08/O-Sujeito-e-o-Poder-Foucault.cleaned.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

GUIDDENS, A. **Sociologia.** 8a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GARCIA, Leila; DUARTE, Elizete. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da Covid-19 no Brasil. **Epidemiologia Serv. Saúde**,

Editorial v. 29 (2n .2 p.1- Disponível em:<https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200009> . Acesso em: 14 jan. 2020

GIOSEFFI, Maria Cristina. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. Logos Disponível em: [file:///C:/Users/Univasf/Downloads/14582-49140-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Univasf/Downloads/14582-49140-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 26 jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. –6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em Primeira Mão, v. 75, p. 1-37, 2004. Disponível em: <https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

HEINRICHE, Kramer; SPENGER, James. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1991.

HAN, B.-C. **Topología de la Violencia**. Tradução Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Quem é Maria da Penha?** c2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em 20 jul. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **A Aplicação da Lei Maria da Penha em Cena: atores e práticas na produção de justiça para mulheres em situação de violência**, 2021. Rio de Janeiro Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3621-leimariapenhalivro.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISITCA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>, 2021. Acesso em: 10 set. 2022.

LEFEVRE, Fernando.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto e Contexto – Enfermagem** v.23, n. 2, p. 502-507. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072014000200502&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2020.

LUCENA, KDT; RPT Vianna; JA Nascimento; HFC Campos; ECT Oliveira. Associação entre a violência doméstica e a qualidade de vida das mulheres. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** 2017;25:e2901. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/VLgqxWwJYfy3vgjr5vP7mmn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 14 jul. 2022.

MATOS, Marlise e PARADIS, Clarisse Goulart. **Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro**. IN: Dossiê O gênero da política: Feminismos, Estado e eleições. Cadernos Pagu (43), julho-dezembro, 2014.

MACHADO, Dinair Ferreira et al., Violência contra a mulher: o que acontece quando a Delegacia de Defesa da Mulher está fechada? **Ciência Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 483-494, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n2/1413-8123-csc-25-02-0483.pdf>. Acesso em 20 nov. 2020.

MILLET, K. Sexual politics New York: Doubleday & Company, 1970.

MODENA, M. R. (Org.) **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: RS, 2016. E-book. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_3.pdf. Acesso em 21 mai. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 198

MAFFESOLI, Michel. **A dinâmica da violência**. São Paulo (SP): Revista dos Tribunais, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. São Paulo (SP): Forense Universitária; 2010

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense; 1988

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001

NITSCHKE, Rosane Gonçalves., Tholl AD, Potrich T, Silva KM, Michelin SR, Laureano DD. CONTRIBUCIONES DEL PENSAMIENTO DE MICHEL MAFFESOLI PARA LA INVESTIGACIÓN EN ENFERMERÍA Y SALUD Texto Contexto Enferm, 2017; 26(4):e3230017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/4QPWzTyMSBnX84RNqmsLMhF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em : 16 ago 2022.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 8, n.1, p. 145-158, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a11.pdf>. Acesso em 11 jul. 2022.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de or uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre gênero para os estudos sobre homens e masculinidades homens e masculinidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jul. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. Hucitec, São Paulo, 2017.

MINAYO, Maria Cecilia. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111455/mod_resource/content/1/Minayosaturation.pdf Acesso em: 25 nov. 2020.

NOBRE, Maria Tereza; BARREIRA, César. Controle social e mediação de conflitos: as delegacias da mulher e a violência doméstica. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 20, p.138163

ONU. Nações Unidas Mulheres-Brasil. **Globo, GNT e ONU Mulheres reforçam mensagem de combate à violência contra as mulheres no período de isolamento social**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/globo-gnt-e-onu-mulheres-reforcam-mensagem-de-combate-a-violencia-contra-as-mulheres-no-periodo-de-isolamento-social/>. Acesso em: 28 out. 2020.

OLIVEN, RG. **Violência e cultura no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, 94p. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from SciELO Books .

PITTA, Danielle Perin Rocha. Elementos de método na obra de Michel Maffesoli. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 20-23, 1997.

PINKER, Steven. **Os bons anjos da nossa natureza: Por que a violência diminuiu**. Tradução Laura Teixeira Motta. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Pernambuco tem redução de 12,6% nos homicídios em 2021. **Secretaria de Defesa Social**, 2021. Disponível em: <https://www.sds.pe.gov.br/noticias/11415-pernambuco-tem-reducao-de-12-6-nos-homicidios-em-2021>. Acesso em: 04 mai. 2022.

Prefeitura de Petrolina anuncia criação de comitê para acompanhar vítimas de violência doméstica. **G1 Petrolina**. Petrolina, 12 abr. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2021/04/12/prefeitura-de-petrolina-anuncia-criacao-de-comite-para-acompanhar-vitimas-de-violencia-domestica.ghtml>. Acesso em 14 ago. 2022.

RAMÓN, Paulo. **O carrasco em casa**. Piauí, Rio de Janeiro, v. 27, n. 183, p. 46-50, dez. 2021.

ROBERT W; CONNELL E JAMES W. MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013

RODRIGUES, L. Em 91,7% das cidades do país, não há delegacia de atendimento à mulher. **Agência Brasil**, Brasília, Disponível em [https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-09/em-917-das-](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-09/em-917-das)

idades-do-pais-nao-ha-delegacia-de-atendimento-mulher-. Acesso em: 24 nov. 2020.

ROCHA, Marcelo. STJ decide que Lei Maria da Penha se aplica a violência contra mulheres trans. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 abril de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/stj-decide-que-lei-maria-da-penha-se-aplica-a-violencia-contra-mulheres-trans.shtml>. Acesso em 10 abr. 2022.

ROCHA, M. C. P. **A experiência da Enfermeira de unidade de terapia intensiva neonatal no uso de instrumentos para avaliar a dor em neonatos**. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem da universidade de São Paulo, USP, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11012010-144810/publico/Maria_Cristina_Pauli.pdf. Acesso em 15 out. 2020

SCHLÖSSER, Adriano. Interface entre Saúde Mental e Relacionamento Amoroso: Um Olhar a Partir da Psicologia. **Pensando Famílias**, 18(2), dez. 2014 (17-33) Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a03.pdf>. Acesso: 08 jun. 2022.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu (16), p. 115-136, 2001.

SARTRE, J-P. **As Palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**, 1995. Educação & Realidade, 20, 71-99.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa qualitativa** (recurso eletrônico) tradução Joice Elias Costa. - 3. ed. Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 2008.

UNICEF BRASIL. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em 20 ago. 2022.

UNFPA BRASIL. **Conheça as leis e os serviços que protegem as mulheres vítimas de violência de gênero**. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/conheca-leis-e-os-servicos-que-protegem-mulheres-vitimas-de-violencia-de-genero>. Acesso em 01 ago. 2022.

SANTOS, B. S. **La cruel pedagogia del vírus**. Ediciones AKAL, 2020.

WALKER, Lenore. **The Battered Woman**. Harper and Row, 1979

VELOSO, Ivone. As ações realizadas na unidade judiciária envolvem não só a punição dos crimes, mas também a prevenção da violência. **Ascom TJPE**, Petrolina, 1 de fev. 2017. Disponível em: <https://www.tjpe.jus.br/-/vara-de-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-de-petrolina-completa-um-ano>. Acesso em 20 abr, 2022.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. **Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? Revista Brasileira de Epidemiologia.**, Rio de Janeiro, v. 23, P. 1-5 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X202000100201. Acesso em: 23 nov. 2020

VILELLA, Pedro Rafael. Violência contra crianças pode crescer 32% durante pandemia. Levantamento de ONG aponta aumento de denúncias em escala global. **Agência Brasil**, Brasília, 20 março de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/violencia-contra-criancas-pode-crescer-32-durante-pandemia#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20representa%20um%20aumento,maior%20incid%C3%Aancia%20de%20viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica>. Acesso em: 14 abr. 2022.

WINNICOTT, D. W. **Agressão e suas raízes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WORD VISION. **Covid-19 aftershocks. A perfect storm: millions more children at risk of violence under lockdown and into the 'new normal**, 2020.

Disponível em: https://www.wvi.org/sites/default/files/2020-05/Aftershocks%20FINAL%20VERSION_0.pdf. Acesso em 24 mai. 2022.

WELZER-LANG, Daniel. **Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

I ETAPA

ASPECTOS SOCIDEMOGRÁFICOS

- 1) **Idade** ()
- 2) **Você se reconhece ou se identifica de qual cor ou raça**
 Afrodescendente Indígena Amarelo Negra
 Branca Preta Parda Não sabe
- 3) **Estado Civil:**
 Solteira Casada Viúva
 Desquitada ou separada judicialmente União estável
 Não vive em união
- 4) **Escolaridade:**
 Não alfabetizada Ensino Fundamental Incompleto
 Ensino Fundamental Completo Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo Superior Incompleto
 Superior Completo Especialização
 Pós graduação incompleto Pós graduação completo
 Mestrado Doutorado
- 5) **Ocupação/Ofício/Trabalho**

- 6) **Renda mensal (salário mínimo)**
 Até 1 1 a 2 3 a 5 Acima de 5
 Não possui renda Não sabe
- 7) **Moradia**
 Própria Cedida Alugada Financiada
 Outra _____
- 8) **Filhos**
 1 2 3 Mais de 3 Não tem

9) **Com quantas pessoas você mora/reside**

() Uma () Duas () Três () Mora sozinha () Outra _____

10) **Você possui alguma deficiência? Qual?**

() Sim _____

() Não

II ETAPA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bloco I

- 1) Por qual motivo a senhora buscou atendimento no CEAM?
- 2) Como a senhora chegou até aqui? Foi encaminhada por algum serviço ou orientada por alguém?
- 3) A senhora poderia me falar um pouco como foi/como tem sido o seu dia a dia durante o distanciamento social?
- 4) Como ficaram as atividades (trabalho, lazer, atividades domésticas, escolares, grupos de convivência) durante este período de distanciamento social?
- 5) Como quem a senhora mora?
- 6) Poderia falar como era a convivência/vivência com seu parceiro antes da pandemia?
- 7) E como ficou a convivência durante o distanciamento social pela pandemia?
- 8) Quais os tipos de violência a senhora sofreu ou está sofrendo durante este período de isolamento social?
- 9) Já houve xingamentos?
- 10) Em algum momento a senhora ficou trancada em casa?
- 11) A senhora já teve seus objetos pessoais quebrados ou roupas rasgadas?
- 12) A senhora já foi ameaçada de levar uma surra?
- 13) Já ocorreu de a senhora ter sido espancada a ponto de ter ficado marcas ou algum corte em seu corpo?
- 14) A senhora poderia me contar um pouco como ocorrem os episódios de violência? Com qual frequência ocorrem?
- 15) Em algum momento a senhora percebeu ou presenciou que seu parceiro procurou mensagens em seu celular, redes sociais ou e-mail?
- 16) Como mãe, a senhora já foi desqualificada?
- 17) Com quem a senhora pôde contar após essa vivência de violência?

Bloco II

- 1) A senhora poderia falar um pouco como está o seu dia a dia durante o distanciamento social pela pandemia?
- 2) Conte-me sobre as situações enfrentadas durante o distanciamento social.
- 3) Dentre as situações de violência vivenciadas durante o período de isolamento social, qual/quais mais lhe marcou/marcaram?
- 4) Para a senhora, como o isolamento social impactou a sua vida?

Bloco III

- 1) Poderia me falar como era o seu dia a dia (emocional e fisicamente) antes do isolamento social?
- 2) E agora como a senhora se sente agora?
- 3) Durante esse período de distanciamento social, como a senhora está emocionalmente?
- 4) Em algum momento da sua vida a senhora precisou de atendimento psicológico ou psiquiátrico?
- 5) E durante o isolamento social pela pandemia precisou recorrer?
- 6) A senhora faz uso de alguma medicação? Para quê?
- 7) Quanto tempo a senhora faz este uso?
- 8) Tem alguma relação com o isolamento social pela pandemia?
- 9) Como está o sono da senhora durante esse período de pandemia?
- 10) Poderia falar um pouco sobre a violência sofrida por seu parceiro íntimo durante o isolamento social se percebeu a senhora percebe/percebeu que afeta/afetou a sua saúde física e mental.

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO-
TCLE**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(TCLE para maiores de 18 anos)

Convidamos a Senhora para participar como voluntária da pesquisa **Covid-19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de Violência por Parceiro Íntimo**, que está sob a responsabilidade do pesquisador **Marcelo Augusto Saturnino da Silva**, Endereço: Rua São Francisco, 318 – Condomínio Mais Viver – Juazeiro Ba, Cep 48904-723, Telefone (74) 9 92164-59, e-mail: marcelo7augusto@hotmail.com, aluno do Programa de Pós Graduação Ciências da Saúde e Biológicas, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, e está sob a orientação da **Prof.^a Dra. Margaret Olinda De Souza Carvalho e Lira**, Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, S/N – Centro – CEP: 56.304917 - Petrolina-PE, Telefone (87) 2101-6847 e-mail:olindalira@gmail.com– Colegiado de Enfermagem e do Programa de Pós Graduação Ciências da Saúde e Biológicas- UNIVASF, e- mail: cpgcsb@univasf.edu.br

Ao ler este documento, caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando, para que a senhora esteja bem esclarecida sobre tudo que está respondendo. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa a Senhora não será penalizada de forma alguma. Também garantimos que a Senhora tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Participação na pesquisa: Esta pesquisa tem por objetivo compreender repercussões do distanciamento social durante a pandemia pelo novo coronavírus na vida de mulheres em vivência de Violência por Parceiro Íntimo. A sua participação consistirá em uma entrevista, ou seja, uma conversa comigo onde a senhora terá a oportunidade de expressar-se de forma livre e acrescentar qualquer informação que desejar sobre sua vivência de Violência por Parceiro Íntimo durante o distanciamento social. Também poderá se recusar de responder qualquer questão. No entanto, informamos que sua participação será de grande importância para a pesquisa.

A entrevista terá tempo previsto de no máximo 1 hora de 30 minutos podendo ser interrompida pela senhora a qualquer momento. Solicito a sua permissão para gravar a nossa conversa com gravador de voz, por facilitar a organização dos dados e otimizar o tempo dispensando anotações do que a senhora venha a relatar. Ao final da entrevista a senhora poderá ouvir o que foi gravado e assim acrescentar ou retirar alguma informação.

Local da pesquisa: Os dados serão coletados no Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), localizado na AV. Gilberto Freire, S/N –Vila Mocó, Petrolina - PE, em um espaço reservado da própria instituição, livre de barulho ou interferências externas, garantindo privacidade, sigilo, acolhimento e acomodação para facilitar a comunicação.

Em razão da pandemia pela COVID-19, informamos que para a aplicação da entrevista, seguiremos os protocolos de medidas de biossegurança e tanto a senhora como eu, usaremos máscara de proteção individual e álcool a 70% líquido em gel para limpeza das mãos e respeitaremos o distanciamento mínimo de 2,0m (dois) metros. Caso a senhora precisa trocar a máscara, esta será disponibilizada. Para a sua assinatura a caneta será higienizada antes e após ser usada ou se preferir poderá usar a sua própria caneta.

Benefícios e riscos decorrentes da Participação na pesquisa:

Benefícios Diretos: Acolhimento, escuta qualificada, possibilidade de ressignificar a relação de violência sofrida; pensar sua condição de mulher e empoderamento; possibilidade de poder pensar o outro na relação de violência; refletir suas questões subjetivas frente ao mundo. Sentir-se valorizada ao contribuir para pesquisa que futuramente poderá fomentar a criação de novas tecnologias que contribua para a resolução do problema em questão. A senhora não será remunerada por isto. Se houver necessidades de despesas para a sua participação, essas serão assumidas por mim e pela minha orientadora e serão apenas ressarcimento de despesas com transporte e alimentação.

Benefícios Indiretos: A senhora será beneficiada indiretamente com retorno social, por meio de resultados que serão publicados e divulgados em eventos científicos. Ao fazer parte desta pesquisa como voluntária, a senhora fornecerá informações úteis para o conhecimento da comunidade sobre repercussões do distanciamento social no seu dia a dia de vivência de Violência por Parceiro Íntimo, que também serão usadas por profissionais durante atendimento a mulheres em situações de violência. Também não terei nenhum benefício pessoal/financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica dela decorrente.

Riscos e possíveis danos decorrentes da participação na pesquisa: esta pesquisa não exporá as mulheres participantes a riscos físicos, químicos. No entanto, em razão da pandemia estarão sujeitas ao risco de contrair covid, assim como também, expor a riscos emocionais ou psicológicos, que se ocorrerem poderão resultar em danos que consistem em ansiedade e estresse decorrentes da recordação de momentos traumáticos e receio de ter a sua privacidade invadida, constrangimento pela gravação de áudio, medo e vergonha da exposição, ter o seu tempo ocupado ao responder a entrevista. A senhora também poderá ter receio de vazamento de informações sigilosas e de ser discriminada pelas informações reveladas.

Risco adicional: diante do atual contexto de pandemia, pesquisador e participantes estarão expostos ao risco adicional de contrair a COVID-19.

Providências diante de riscos biológico: Como forma de mitigar os riscos de contaminação pelo SARS-Cov-2, durante a entrevista serão adotadas medidas de segurança como distanciamento mínimo de 2 metros. Uso de máscaras tanto pelo pesquisador quanto pela entrevistada. Caso a entrevistada precisa de trocar de máscara o pesquisador terá disponível para uso; estará também a disposição de ambos, álcool gel 70%; não haverá em hipótese algum cumprimento de aperto de mão; para colher assinatura no termo a caneta será higienizada ou ela poderá usar sua própria caneta; além disso a sala que será utilizada pra realizar entrevista será preparada de modo que tenha ventilação.

Providências diante de riscos/danos: para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, a entrevista ocorrerá em espaço reservado e livre de interferências externas, onde somente eu e a senhora estaremos na sala.

Providências e cautelas a serem empregadas pelo pesquisador a fim de mitigar a ocorrência de riscos: garanto o meu preparo técnico e emocional para a aplicação da entrevista. A senhora tem liberdade para não responder a questões que considere constrangedoras. Estarei atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto e assegurarei confidencialidade e privacidade na utilização das informações; garanto o acesso aos resultados individuais e coletivos da pesquisa e a divulgação pública dos mesmos.

Na ocorrência de um possível desconforto ou constrangimento por parte da senhora ao falar de questões pessoais, ou caso ocorra qualquer tipo de dano

ou problema à saúde, resultantes da sua participação em qualquer fase desta pesquisa, estejam eles previstos ou não no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a pesquisa será suspensa imediatamente e garantida assistência integral e imediata, pelo tempo que for necessário, sendo da minha responsabilidade e da minha orientadora, todas as despesas procedentes do acompanhamento, ficando também garantida indenização em casos de danos decorrentes da sua participação, comprovados e decididos judicial ou extrajudicialmente. As informações fornecidas pela senhora terão caráter anônimo e apenas eu e a minha orientadora teremos acesso.

Autonomia e sigilo da participante da pesquisa: a senhora terá plena autonomia para não responder a quaisquer perguntas que de algum modo possa lhe constranger, causar-lhe desconforto ou que possa expô-la de forma indevida, se assim a senhora considerar. Todas as informações prestadas pela senhora serão mantidas em sigilo, e divulgadas apenas para os fins desta pesquisa, sem haver possibilidade da sua identificação individual em nenhum momento. Para garantir a confidencialidade e a privacidade, a caracterização da senhora será feita por nome fictício. Em caso de recusa a Senhora não será penalizada de forma alguma.

Os dados coletados nesta pesquisa por meio da entrevista ficarão armazenados em local seguro em computadores de uso pessoal sob a minha responsabilidade e da professora orientadora pelo período mínimo de cinco anos. Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Rua Dr. João Moura, 92 Bela Vista, Vitória de Santo Antão-PE, CEP: 55.612-440, Tel.: (81) 3114-4152– e-mail: cep.cav@ufpe.br ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conep.cep@saude.gov.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **Covid-19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em**

vivência de Violência por Parceiro Íntimo como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa

e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

NOME:	NOME:
ASSINATURA:	ASSINATURA:

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA



SECRETARIA EXECUTIVA DE JUVENTUDE, DIREITOS HUMANOS, MULHER E ACESSIBILIDADE

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador **Marcelo Augusto Saturnino da Silva**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **COVID-19: Repercussões do distanciamento social no cotidiano da mulher em vivência de Violência por Parceiro Íntimo**, no período de 01.10.2021 a 31.12.2021 que está sob a coordenação/orientação da **Profa. Dra. Margaret Olinda De Souza Carvalho e Lira** cujo objetivo é **compreender repercussões do distanciamento social durante a pandemia pelo novo coronavírus na vida de mulheres em vivência de Violência por Parceiro Íntimo no Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM)**.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

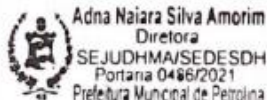
Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Petrolina (PE), 30 de agosto de 2021.

Adna Naiara Silva Amorim

Adna Naiara Silva Amorim

Diretora respondendo interinamente pela Secretaria Executiva de Juventude, Direitos Humanos, Mulher e Acessibilidade

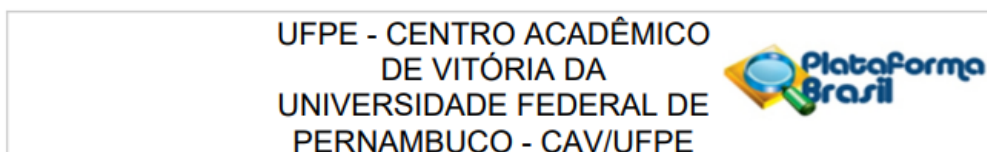


Av. Gilberto Freire, S/N, Vila Mocó, Petrolina – Pernambuco.

Telefones: (87) 3862-1508 / 3867-3516

E-mails: direitoshumanos.petroлина@gmail.com / secmulhereacessibilidade@gmail.com

ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA



Continuação do Parecer: 5.000.343

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.pdf	31/08/2021 15:00:55	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/08/2021 18:53:45	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculoLattesORIENTANDO.pdf	06/08/2021 18:52:17	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculoLattesCOORIENTADORA.pdf	06/08/2021 18:51:41	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculolattesORIENTADORA.pdf	06/08/2021 18:50:53	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	RoteirodeEntrevista.pdf	27/07/2021 18:58:54	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	27/07/2021 18:58:10	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	27/07/2021 18:57:36	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Continuação do Parecer: 5.000.343

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.pdf	31/08/2021 15:00:55	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/08/2021 18:53:45	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculoLattesORIENTANDO.pdf	06/08/2021 18:52:17	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculoLattesCOORIENTADORA.pdf	06/08/2021 18:51:41	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	CurriculolattesORIENTADORA.pdf	06/08/2021 18:50:53	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Outros	RoteirodeEntrevista.pdf	27/07/2021 18:58:54	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	27/07/2021 18:58:10	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	27/07/2021 18:57:36	MARCELO AUGUSTO SATURNINO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não